

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

VALDERESA MORO

**EDUCAÇÃO CONTINUADA: UM PROCESSO
ITINERANTE NA CONSTRUÇÃO DE SI
COM VISTAS À TRANSFORMAÇÃO DA
PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Prof^a. Dr^a. Leda Lísia Franciosi Portal

Orientadora

Porto Alegre
2007

VALDERESA MORO

**EDUCAÇÃO CONTINUADA: UM PROCESSO ITINERANTE NA CONSTRUÇÃO
DE SI COM VISTAS À TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação, área de concentração: Ensino e Educação de Professores.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leda Lísia Franciosi Portal

Porto Alegre

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M867e Moro, Valderesa

Educação continuada : um processo itinerante na construção de si com vistas à transformação da prática docente de professores de educação básica / Valderesa Moro . – Porto Alegre, 2007.

184 f.

Diss. (Mestrado em Educação) – Fac. de Educação, PUCRS.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Leda Lísia Franciosi Portal.

1. Educação. 2. Professores – Formação Profissional. 3. Prática de Ensino. 4. Ensino Fundamental. 5. Educação Continuada. I. Portal, Leda Lísia Franciosi.

CDD 370.71

Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297

VALDERESA MORO

**EDUCAÇÃO CONTINUADA: UM PROCESSO ITINERANTE NA CONSTRUÇÃO
DE SI COM VISTAS À TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação, área de concentração: Ensino e Educação de Professores.

Aprovada em 08/ 01/ 2008.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leda Lísia Franciosi Portal - PUCRS

Prof^a. Dr^a. Maria Waleska Cruz

Prof^a. Dr^a. Marlene Corroero Grillo

AGRADECIMENTOS

A Deus Providente, Criador de todas as coisas, que me sustentou em mais esta jornada na busca de aprimoramento do Ser, pessoa humana, para que eu seja cada vez mais comprometida com o seu plano.

Às Irmãs da minha Comunidade Religiosa Franciscana, pela presença amiga, muitas vezes silenciosa, incentivando-me e contribuindo com suas preces e apoio na realização dessa árdua tarefa de estudos, pesquisa e escrita desta dissertação.

Às queridas amigas Célia de Fátima, Rita Beatriz, Marlene, Ana Lúcia e Helena, companheiras de jornada, pelo apoio incondicional, pela alegria partilhada, pela dedicação e interesse tão significativos durante esses dois anos de trabalho.

Aos professores, coordenadoras e alunos do Colégio Franciscano Sant'Anna, que aceitaram o desafio de participar das entrevistas, contribuindo para que esta produção se realizasse.

À comunidade educativa do Sant'Anna, pela paciência e compreensão pelas minhas ausências na escola ao longo destes dois anos de estudo.

Aos professores e colegas de mestrado, pela significativa presença em minha vida, contribuindo para a minha formação.

Por fim, minha imensa gratidão à orientadora Leda Lísia, pela presença incansável, sempre irradiando luz, força e segurança, foi cúmplice na jornada de itinerância a que nos propomos durante esses dois anos de trabalho. Sua dedicação, amizade, confiança, profissionalismo e respeito pelo diferente tornaram o caminho mais prazeroso, possibilitando a concretização deste sonho.

RESUMO

Nesta pesquisa de abordagem qualitativa e enfoque no estudo de caso, tem-se como objetivo investigar de que forma a proposta de educação continuada da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis, Zona Norte, SCALIFRA-ZN contribui na construção de si e da prática docente de professores de Educação Básica. Para tanto, as repercussões do projeto de educação continuada nos professores do Colégio Franciscano Sant'Anna foram essenciais. O referencial teórico de sustentação baseou-se em Merino (1999 e 2000) e Josso (2004), o que possibilitou a reflexão sobre a importância de um projeto de educação continuada que contemple ações para a formação de si e para a transformação da prática docente. Para a coleta de dados, foram utilizadas as entrevistas semi-estruturada, focal e observações da pesquisadora. Os dados foram analisados, segundo Moraes (1999 e 2002), e os resultados mostraram que a participação no projeto de educação continuada propiciou mudança no Ser pessoa dos docentes, incentivando-os a empreenderem inovações na prática pedagógica de sala de aula. Evidenciou-se com o embasamento teórico que o ser humano é um itinerante e, como humano, está em processo de construir-se, porque ainda não é o que deve ser. Necessita tornar-se consciente e assumir seu estado de ser em devir, investindo em uma educação continuada que contemple o desenvolvimento das diversas dimensões que o constituem, de forma emocional, afetiva, cognitiva e espiritual. A contribuição desta pesquisa, pela análise e interpretação de seus resultados, está na ênfase da autoformação para a construção de si, do ser professor, como ser inteiro, o que resulta numa prática pedagógica humanizadora. A partir de um projeto de educação continuada que considera o ser humano em sua inteireza, encontra-se uma alternativa possível para qualificar o professor, a escola e a Educação Básica, promovendo uma ética do cuidado com a vida planetária.

Palavras-chave: Educação continuada. Construção de si. Ser em devir. Itinerância. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This research of qualitative approach and focus in the case study, aims to investigate how the proposal of a continuing education of the Charitable and Literary Society of Saint Francis of Assisi, North Zone, SCALIFRA-ZN, contributes to the construction of oneself and of the teachers' practice of Elementary Education. Therefore, the repercussions of the continuing education project in the teachers of Sant'Anna were essential. The theoretical referential was based on Merino (1999 and 2000) and Josso (2004), which made possible the reflection on the importance of a project of continuing education that promotes actions for the formation of oneself and for the transformation of the educational practice. Data collection was done by semi-structured and focal interviews and by the researcher's observations. Data was analyzed according to Moraes (1999 and 2002), and the results showed that the participation in the project of continuing education enabled change in the teachers as human beings, motivating them to undertake innovations in their pedagogic practice in the classroom. According to the theoretical referential, the human being is itinerant and, as human, he is in process of creation, because this human being is still not what he should be. He needs to become conscious and to assume his state of coming-to-be, investing in a continuing education that promotes the development of the several dimensions which form the human being, in an emotional, affectional, cognitive and spiritual way. The contribution of this research, due to the analysis and interpretation of its results, is in the emphasis of the self-formation for the construction of oneself, to be a teacher, as a whole being, results in a humanizing pedagogic practice. Starting from a project of continuing education that considers the human being in his wholeness, lies a possible alternative to qualify the teacher, the school and the Elementary Education, promoting an ethic to care for the planetary life.

Keywords: Continuous education. Construction of oneself. Come-to-be. Pedagogic practice.

SUMÁRIO

1 O PROJETO: UM CAMINHO NA CONSTRUÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DO EDUCADOR.....	7
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	19
3 EDUCAÇÃO CONTINUADA: O DESVELAR DE UMA CONCEPÇÃO	27
3.1 EDUCAÇÃO CONTINUADA: UMA PARCERIA ENTRE AS ESCOLAS DA REDE SCALIFRA/ZN.....	30
3.2 EDUCAÇÃO CONTINUADA: PROCESSO DE APRIMORAMENTO DO SER PESSOA À QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL.....	34
3.3 EDUCAÇÃO CONTINUADA: UMA POSSÍVEL PERSPECTIVA DE MUDANÇA.....	40
3.3.1 ESSÊNCIA DO SER: uma consciência de mudança.....	41
3.3.2 SER EM AÇÃO: evidências de mudança.....	57
4 EDUCAÇÃO CONTINUADA: UM PROJETO DE CADA UM, UM PROJETO DE TODOS	74
4.1 RECEPTIVIDADE, ENVOLVIMENTO, PARTICIPAÇÃO: TRÊS FACES DE UMA MESMA EXPERIÊNCIA	74
4.2 APLICABILIDADE: UMA QUESTÃO INDIVIDUAL E COLETIVA	85
4.3 RESPONSABILIDADE: UM COMPROMISSO DE TODOS E DE CADA UM ..	93
4.4 DIFERENTES PAPÉIS, DIFERENTES RESPONSABILIDADES	100
4.5 EVIDÊNCIAS DE REPERCUSSÃO DO PROJETO NOS DIFERENTES OLHARES.....	110
4.6 FACILIDADES E DESAFIOS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO DO PROJETO.....	123
4.7 AS POSSIBILIDADES DIANTE DOS DESAFIOS.....	136
5 ITINERÂNCIA: UM ESTADO PERMANENTE DO SER HUMANO	143
REFERÊNCIAS.....	176
ANEXOS	179
ANEXO A - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	180
ANEXO B - ENTREVISTA FOCAL APLICADA ÀS COORDENADORAS	182
ANEXO C - ENTREVISTA FOCAL APLICADA AOS ALUNOS	183

1 O PROJETO: UM CAMINHO NA CONSTRUÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DO EDUCADOR

Desde o nascimento, o homem torna-se habitante do mundo. Habitar no mundo significa viver a existência humana. Verifica-se, porém, esta incoerência: enquanto se oferece ao homem oportunidade de preparação para imensas coisas, como ofícios, carreiras, postos de trabalho, não se ensina concretamente a viver. Por isso a vida se lhe torna, por vezes, pesada, aborrecida ou mesmo absurda. É imprescindível uma nova mentalização que ensine a descobrir a vida como o grande sacramento diário, a existência como graça, a sociedade como fraternidade, e o mundo como lugar de habitação: só assim se dá o salto de um quotidiano superficial para outro profundo (MERINO, 2000, p. 51).

Diante do cenário globalizado, o mercado estabelece uma relação que rege a conduta das pessoas e os interesses dos grupos que detêm o capital, determinando quem deve vencer nessa sociedade que, ao mesmo tempo que integra, exclui. Na visão de Assmann (2004, p. 21), “a lógica da exclusão se enraizou nas instituições do mundo de hoje”, por isso, a proposta de uma sociedade aprendente coloca, de forma demasiadamente forte, o equilíbrio entre educação e empregabilidade como via de superação das exclusões. Porém, há que se considerar o risco do predomínio da lógica de mercado que continuará excluindo a grande maioria das populações pobres. Para o autor, “seria absurdo negar a relevância da educação para conseguir emprego no mundo de hoje” (p. 19). Nesse sentido, Bertrand e Valois (2004) transpõem esse mesmo tema, propondo uma relação entre sociedade e organização educativa. Para eles, “a organização educativa é determinada pelas orientações da sociedade” (BERTRAND e VALOIS, 2004, p. 14); porém, as relações entre elas têm um duplo sentido. A primeira pode contribuir para a modificação das orientações da segunda. A escola “possui certa autonomia e pode intervir nas orientações fixadas pela sociedade, quer aceitando-as, adaptando-as ou contestando-as” (p. 14). O fato não é questionar a validade da educação para a empregabilidade, porém o ponto de questionamento está em questionar se isso está dentro da lógica de mercado. Por outro lado, pode-se dizer que a educação continuada por si só não é garantia de uma mudança eficaz dentro da sala de aula, a menos que esteja acoplada a ela, essa visão de mudança interna do ser humano, porque, como afirma Assmann (2004, p. 20), “os seres humanos não são “naturalmente” tão solidários quanto

parecem supor nossos sonhos de uma sociedade justa e fraternal”. Assim, é necessário rever o papel do professor, da escola e da educação, “para trabalhar pedagogicamente o descompasso dos seres humanos em relação às oportunidades contidas nas obras de suas próprias mãos” (p. 21), porque, para o autor, hoje nos deparamos com “o atraso das mentes e dos corações” (p. 21). Também discorre sobre esse mesmo contexto e colabora Merino (2000, p. 50) quando afirma:

a sociedade contemporânea fez enormes progressos e avanços na ciência e na técnica, nos meios de comunicação social e espacial. Contudo, o progresso material nem sempre foi acompanhado pelo progresso espiritual e humanizante. Por isso, hoje nos deparamos com enormes aglomerados onde reina a solidão, e assistimos a uma cultura da informática de multidões transformadas em números, a uma dinâmica de produção e de consumo onde quase não conta o pessoal, o ético, o subjetivo, o espaço de comunicação, simplesmente por serem coisas que não rendem nem produzem.

Nessas circunstâncias, torna-se imprescindível rever o papel do professor que, de espectador e reproduzidor do *status quo*, passe a ser um protagonista do despertar de consciências¹, para que se estabeleça um paradigma sustentado em princípios que conduzam o ser humano para uma nova ética planetária na qual o respeito pela vida, em todas as suas formas, seja um dos pilares básicos no estabelecimento das relações entre as pessoas.

Justifica-se, assim, a necessidade da educação continuada do professor, base tanto para transformar a experiência de si (subjetividade), como para subsidiar o processo de melhoria da qualidade da ação pedagógica, o que provavelmente viabiliza ao professor, à escola e, conseqüentemente, à própria sociedade, a minimização dos fracassos educacionais que tanto angustiam, encorajando-os para alternativas incentivadoras de políticas educativas mais conscientes, consistentes e humanizadoras.

Entende-se, também, que é por meio da educação continuada que o suporte metodológico e a construção ou apropriação de conhecimento capacitam o professor para administrar os desafios provocados pela sociedade do conhecimento num mundo globalizado. A educação continuada oferece espaço ao professor para

¹ Consciência é a “presença atenta” a si próprio, aos outros e ao seu ambiente e está ligada aos graus de sensibilidade de cada pessoa no que se refere aos seus sentidos (JOSSO, 2004).

debruçar-se sobre ela e refletir sobre seu próprio pensar, fazer, sentir, significar e ser, despertando a ampliação² de sua consciência para estabelecer mudança de relações que correspondam à missão e à visão da escola que se pretende ser.

Então, cabe aos sistemas educacionais e à escola o papel de fomentar o desafio da atualização permanente, oportunizando espaços de educação continuada ao professor, no intuito de desenvolver uma ação pedagógica que o capacite para o exercício consciente da cidadania e para a competente responsabilidade no investimento em sua própria formação, entendida como toda e qualquer atividade no processo da construção de si. Na compreensão de Josso (2004), a formação de si é um processo que implica formação da pessoa inteira, compreendendo *as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais*. Neste trabalho, falar em ampliação da consciência e exercício consciente de cidadania remete à definição de consciência assumida, como “a presença atenta a si próprio, aos outros e ao seu ambiente, ligada aos graus de sensibilidade de cada pessoa no que se refere aos seus sentidos” (JOSSO, 2004, p. 50). Ainda, a idéia de consciência é enriquecida pelo referencial estudado no sentido de capacidade de estabelecer relações pautadas por uma ética planetária, cujos fundamentos se reportem a valores como respeito, solidariedade, compromisso e cuidado com qualquer forma de vida, como também a constituição de sua própria subjetividade.

Contatos permanentes com os profissionais da educação, em estudos de aprimoramento profissional, quer no cotidiano da sala de aula, quer em estudos específicos pré-determinados para essa finalidade, possibilitam a percepção de que, para modificar o cenário educacional atual, é preciso buscar novos caminhos de se fazer educação: educar para a inteireza, rever a escola tal como se apresenta hoje, sensibilizar para a necessidade de investir na ampliação da consciência do papel de ser professor dentro e fora da sala de aula, como também de investir na qualificação docente que contemple o sujeito pessoa e profissional, enquanto dimensões indissociáveis.

Nesse processo de repensar a educação, surgem muitas inquietações a respeito de como produzir as mudanças necessárias para a construção de uma

² Ampliação é uma mudança no estado de consciência que ocorre com a separação entre pensamento e consciência (TOLLE, 2007).

escola que assuma essa nova concepção de educação: como requalificar o professor para que se torne apto ao papel que lhe cabe na sociedade do conhecimento e que o capacite a vivenciar uma ética planetária? Como inserir o professor nos debates de problemas mundiais, como o cuidado com o meio ambiente, as novas posturas éticas, as questões étnicas, a riqueza das diferenças culturais, enfim, o que fazer e como incluir a escola nesse contexto mundial que globalizou as mercadorias e o poder, mas não globalizou as soluções dos problemas cruciais da humanidade, como a fome, a miséria, a intolerância e as guerras? A mudança é algo complexo. Implica esforços conjuntos para um olhar atento na formação dos profissionais da educação. Assim, entende-se a importância de uma educação continuada como alavanca na construção da profissionalidade do professor como ser inteiro.

Diante disso, o processo de educação continuada do professor, tornou-se uma exigência natural deste tempo de avanços tecnológicos, mudanças globais da vida e da sociedade mundial, pautada em valores já mencionados, que nem sempre compartilham uma visão humanizadora.

Mediante o exposto, tornou-se urgente aprimorar o processo de investimento na educação continuada do professor das escolas da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte (SCALIFRA/ZN), com presença em vários estados brasileiros. “A SCALIFRA foi fundada em 1903, em São Leopoldo – RS, pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, onde, em 1872, iniciaram no Brasil a missão de educar”³. Em sua trajetória histórica, os registros⁴ de encontros para estudos teórico-práticos, assembléias, seminários e outros evidenciam a permanente preocupação da mantenedora com o aprimoramento do quadro dos profissionais de suas escolas, haja vista os inúmeros encontros realizados com essa finalidade.

Por ser uma entidade cujos princípios priorizam o cuidado com a vida e, considerando a realidade latente, a mantenedora decidiu elaborar um projeto de formação continuada para os professores, com possibilidade de ser implementado na rede das dez escolas de Educação Básica, a fim de manter a unidade dos

³ Estatuto Social da SCALIFRA/ZN, 2003.

⁴ Atas de reuniões, assembléias, planos e programas de estudos da mantenedora a médio e longo prazo.

princípios pedagógicos que constam no referencial filosófico franciscano. A proposta da mantenedora é ampla e, em linhas gerais, visa a intensificar estudos sobre a identidade da SCALIFRA/ZN na perspectiva do olhar franciscano, cujos princípios preconizam a vivência de atitudes de reverência ao ser humano e a todas as formas de vida, presença fraterna inspiradora de confiança e de paz, na promoção de relações éticas no ambiente de trabalho e na sociedade em que se insere. Os princípios ainda preconizam que, pela competência profissional, o professor da escola franciscana é capaz de promover a construção do conhecimento por uma aprendizagem criativa e prazerosa numa atitude de respeito à singularidade de cada pessoa.

O projeto objetiva o aprofundamento teórico que melhor subsidie a prática pedagógica, a qualificação do processo de ensino e de aprendizagem, a sistematização e implementação da Proposta Pedagógica nas escolas da rede, o registro das experiências pela prática do sistema pedagógico franciscano e a vivência de valores espirituais éticos que transcendam as exigências do cotidiano da globalização. Todos esses objetivos são desenvolvidos numa perspectiva do olhar franciscano, orientado pelos princípios da mantenedora.

Segundo Merino (2000), a singularidade do pensamento franciscano requer da escola uma atitude de permanente atenção ao que acontece na vida. Isso exige do professor não apenas o entendimento da razão das coisas, mas a busca pela descoberta da verdade das coisas. “Tal verdade só se encontra na humildade e numa atitude de escuta e acolhimento” (MERINO, 2000, p. 36). Dessa descoberta, nascem atitudes existenciais capazes de criar um novo estilo de viver e de se relacionar *no* e *com* o mundo. Os que participam do projeto de educação continuada da escola franciscana, enraizados no concreto e na relação com todas as realidades, mesmo as mais irrelevantes, serão capazes de dialogar com o fragmentado, comunicar-se com o diferente e acolher a presença da alteridade em si e no outro.

Ao optar por um projeto de educação continuada para seus professores e funcionários técnico-administrativos, a mantenedora considera os princípios filosófico-franciscanos, com base em Merino (2000) e estabelece uma ordem de prioridades quanto aos estudos a serem desenvolvidos pelo projeto, respeitadas as

peculiaridades de cada uma das escolas por ela mantidas. Ao estabelecer um cronograma prévio com temas comuns, objetiva propiciar condições para que haja unidade no seguimento do referencial franciscano, preconizado nos princípios da mantenedora e cujo fundamento teórico-prático encontra-se na proposta de vida idealizada por Francisco de Assis, no século XIII, traduzidos para a educação no século XIX, por Madre Madalena Daemen, ao fundar a primeira escola franciscana em Heythuysen, na Holanda. O projeto da mantenedora, longe de tolher a liberdade, homogeneizando escolas e professores, é uma forma de propiciar condições favoráveis ao cultivo da filosofia franciscana, de maneira criativa, resguardadas as peculiaridades e a diversidade cultural de cada uma das escolas.

A metodologia utilizada pela mantenedora é qualitativa na modalidade de seminário, com enfoque participativo. Foi escolhida a metodologia de seminário por se tratar de uma técnica que, no entendimento de Thiollent (2003, p. 58), propicia “examinar, discutir e aprofundar uma temática, possibilitando a tomada de decisões acerca do processo que está sendo investigado ou estudado”, o que enriquece o processo de construção do grupo envolvido. Os passos metodológicos são definidos pela equipe da mantenedora que coordena o projeto, para cada encontro de estudos, que se realiza semestralmente. Nos encontros, participam as diretoras, as coordenadoras pedagógicas e coordenadores de Ensino Religioso, representando as dez escolas de educação básica da mantenedora, com o objetivo de refletir e debater sobre os trabalhos realizados nas escolas. Também, se estabelecem as metas a serem atingidas e socializadas nos próximos encontros. Diretoras e coordenadoras, por sua vez, implementam o plano em suas respectivas escolas ao longo do semestre em curso. O trabalho realizado em cada uma das escolas segue as orientações básicas da equipe responsável pelo projeto na mantenedora, porém a implementação é flexível quanto à abordagem de outros temas e bibliografias consideradas importantes para a escola, respeitadas as diferentes realidades locais. A finalidade é a construção de um subprojeto que corresponda às necessidades e especificidades da comunidade educativa de cada uma das escolas.

As produções, resultado dos estudos em cada uma das escolas, a síntese dos seminários locais e o registro das experiências pedagógicas são socializados

nesses encontros pedagógicos semestrais, em seminários regionais de Ensino Religioso ou em congressos promovidos pela mantenedora.

A construção e a reconstrução do Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada escola também faz parte do projeto de educação continuada dos professores das escolas franciscanas. A orientação dos temas para estudo, reflexão e produção oral e escrita prioriza os seguintes assuntos: questões epistemológicas e afetivas; aprofundamento espiritual com temas do humanismo franciscano; estudo e escrita da memória histórica da ação pedagógica de cada escola da SCALIFRA/ZN, bem como a origem da congregação; estudo, fundamentação e construção de mapas conceituais dos componentes curriculares, das áreas e respectivas avaliações.

O Colégio Franciscano Sant'Anna, situado na cidade de Santa Maria, RS, e objeto desse estudo, é uma das dez escolas que desenvolve ações do projeto proposto pela mantenedora. É centenário, possui em torno de dois mil alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental ao Ensino Médio e, no seu quadro docente, consta um total de noventa e oito professores. Em sua trajetória histórica, o colégio sempre se preocupou com a formação de seus professores como uma das políticas de qualificação da ação pedagógica. Em 2004, a partir do projeto da mantenedora, passou a investir mais intensamente nessa formação e elaborou um subprojeto, denominado, *Projeto de Educação Continuada*, proporcionando momentos teórico-reflexivos sobre a prática diária, em todos os níveis de ensino: discussões e aprofundamento de temas como metodologia, avaliação, tendências pedagógicas, interdisciplinaridade, mapas conceituais, espiritualidade, filosofia e pedagogia franciscana. Também estabeleceu como meta o aprofundamento e redimensionamento do Ensino Religioso Escolar numa perspectiva do diálogo inter-religioso. Todo esse estudo pautou-se no objetivo de qualificar os professores para responderem aos desafios da sociedade do conhecimento.

Por acreditar, ainda, que a formação de si seja alavanca na qualificação do processo de ensino e de aprendizagem, o que no entendimento de Josso (2004, p. 59) significa: “caminhar para si é algo a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa primeiro pelo conhecimento do que somos, pensamos, valorizamos e desejamos em nossas relações”, a equipe do projeto de educação continuada do colégio oferece espaço para leituras e prioriza momentos de vivência

de temas na linha da espiritualidade franciscana, facilitando a construção da integralidade pessoal do profissional. É importante destacar, neste aspecto da espiritualidade franciscana, o que refere Merino (2000, p. 41): “uma cultura lúdica ou de uma religião festiva”. Assim deve ser o habitante da escola franciscana, um ser alegre que, em sua ação quotidiana, contagia positivamente aquilo que toca com sua presença consciente.

Por entender que o processo de ensino e de aprendizagem se constitui numa via de mão dupla, no qual professores e alunos ensinam e aprendem numa relação de construção conjunta, a partir de 2005, a equipe do projeto do Colégio Franciscano Sant’Anna convidou cerca de vinte alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais e do Ensino Médio, que já exerciam liderança em suas respectivas turmas, para participarem dos estudos teórico-práticos de educação continuada já oferecida aos professores. A razão desse convite aos alunos deve-se ao entendimento do grupo, que coordena o projeto, sobre a existência de um olhar diferenciado, por parte do aluno, quanto ao processo de ensino e de aprendizagem, como também da importância de se considerar esse olhar, como alvo do processo de construção do conhecimento almejado pela escola. Isso parece ser um dos diferenciais do projeto dessa escola que possibilita aos professores, coordenadores e direção compreenderem como o desenvolvimento do projeto está sendo percebido e vivenciado pelos alunos por meio da prática quotidiana do professor.

Após alguns encontros de estudo, um semestre com a presença não representativa de todos os alunos convidados e, devido à valorização dos próprios alunos que atenderam ao convite, surgiu a necessidade deles próprios convidarem outros colegas para fazerem parte desse estudo junto com os professores. Os alunos convidados pelos próprios colegas seriam aqueles que, no entendimento dos que aderiram inicialmente, trariam uma grande contribuição para o projeto, pelo interesse em participar do referido processo. Assim, com o consentimento da equipe do projeto, o grupo que participa dos estudos passou a quinze alunos com grande interesse em contribuir com a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem da escola que frequentam.

A metodologia utilizada no estudo realizado pelos professores e alunos do Colégio Franciscano Sant’Anna, conforme orientação do projeto da mantenedora, é

qualitativa e segue a modalidade de seminários. Os grupos de estudo são organizados pela equipe que coordena o projeto e seguem, basicamente, duas formas. Há momentos em que os professores são agrupados e orientados pela coordenadora pedagógica por níveis de ensino com o objetivo de estudar e aprofundar temáticas de interesse específico do qual fazem parte. Em outros momentos, os coordenadores e os professores são agrupados independentemente da área de conhecimento ou do nível de ensino em que atuam, e os grupos são organizados com a finalidade de promover maior intercâmbio de idéias, visões e experiências na busca de unidade de ação no todo da escola. Ao final de cada manhã de estudo, há um momento de plenário para socialização no próprio nível de ensino ou no grande grupo, conforme estabelecido na pauta do dia da reunião. Os grupos produzem textos sobre o tema de estudo proposto naquele dia e entregam ao coordenador pedagógico no final de cada encontro. Posteriormente, os textos são sintetizados por uma comissão determinada para tal e são retomados na reunião seguinte na qual são aprovados ou re-escritos pelos próprios professores, tantas vezes quantas se fizerem necessárias, para que eles próprios avaliem e se apropriem do conhecimento construído, promovendo a unidade. Contribui com essa idéia Josso (2004, p. 39) ao afirmar que “a socialização da autodescrição de um caminho, com as suas continuidades e rupturas, envolve igualmente competências verbais e intelectuais que estão na fronteira entre o individual e o coletivo”.

No Colégio Franciscano Sant’Anna, o cronograma é estabelecido anualmente pela equipe do projeto, a saber: em janeiro, os estudos são em cinco dias úteis, perfazendo um total de quarenta horas; em fevereiro, os encontros são em dois dias, totalizando dezesseis horas. Os estudos realizados em janeiro e fevereiro se constituem nas chamadas “Semanas Pedagógicas”⁵, durante as quais os encontros têm duração de oito horas diárias. Os temas desenvolvidos contemplam momentos de encontro pessoal na linha da espiritualidade franciscana, estudos teórico-práticos que envolvem temas pedagógicos à elaboração de planos anuais de trabalho por séries e/ou níveis de ensino. Há também momentos de convivência em locais apropriados que propiciam a integração e o autoconhecimento dos participantes. Durante o ano letivo, os encontros são de quatro horas mensais num total de

⁵ Encontros de estudos realizados com professores do colégio no início de cada ano letivo.

quarenta horas. Os temas trabalhados seguem um cronograma pré-estabelecido e contemplam, além dos propostos pela equipe do projeto, outros que, porventura, sejam sugeridos pelos participantes durante o ano em curso. Aos professores de Educação Infantil, Ensino Fundamental - Séries Iniciais e Ensino Religioso são proporcionados, além dos estudos para todos os professores, outros num total de oito horas mensais, totalizando oitenta horas anuais.

As coordenadoras pedagógicas e do Ensino Religioso, orientadoras educacionais, psicólogas, diretoras e supervisoras têm seu cronograma de estudos preparatórios ao trabalho com os professores e alunos assim organizado: semanalmente, durante duas horas, num total de oito horas mensais, são realizados seminários com a finalidade de subsidiar a equipe na coordenação dos trabalhos nos encontros de estudos previstos no projeto. Todos os textos, obras, temas, técnicas que serão estudados e desenvolvidos com os professores e alunos são planejados, estudados e vivenciados, anteriormente, nesse grupo citado.

O projeto possui uma característica importante que possibilita a flexibilidade tanto na inclusão de novos temas que possam surgir, durante o processo, como a retomada de alguns trabalhos que se fizerem necessários. Por essa razão, a avaliação permanente do projeto é fundamental e se dá durante e após a realização de cada reunião de estudos. Os participantes registram sua avaliação por escrito como também suas sugestões e críticas para o prosseguimento do projeto. A análise das avaliações de cada encontro é subsídio para a organização do encontro seguinte.

A experiência de vida como educadora em escolas de Educação Básica por mais de vinte e cinco anos, tanto em sala de aula quanto na coordenação de propostas de estudo para docentes, seja na mantenedora, seja na escola onde trabalho e a paixão pelo ambiente educativo escolar, por acreditar que o investimento em formação é um dos elementos mais importantes na construção da interioridade que vai se refletir na ação do professor, é que surgiu o desejo de conhecer o que, de fato, se agrega ao professor, em aspecto pessoal e profissional, ao participar do projeto de educação continuada oferecido pela escola e como se reflete essa construção no seu fazer docente.

Considerando também que as implicações da autoformação têm reflexos coletivos, é importante envolver na investigação professores, coordenadores pedagógicos e alunos, pois o projeto da escola envolve efetivamente esses três grupos de pessoas. Por entender-se que uma das possíveis formas de gerar mudança no cenário globalizado e excludente é as escolas investirem em propostas de educação continuada que contemplem a formação do ser inteiro, é que prioriza-se o investimento na formação do professor, cujo trabalho vai se refletir no encontro com o aluno como ser em relação.

Justifica-se, dessa forma, o desafio e o desejo de investigar o problema: Quais são as contribuições que o projeto de educação continuada da SCALIFRA/ZN, propiciou na prática docente e na construção de si aos professores do Colégio Franciscano Sant'Anna?

Para realizar a investigação, traçam-se os seguintes objetivos:

- Relatar a trajetória histórica da educação continuada nas escolas da SCALIFRA/ZN, como resultado consciente da ação-reflexão-ação de seus integrantes (professores, coordenadoras pedagógicas e direções);
- Analisar quais contribuições do projeto de educação continuada da SCALIFRA/ZN estão presentes na prática docente e na construção de si dos professores do Colégio Franciscano Sant'Anna;
- Analisar o papel do professor e sua responsabilidade com sua autoformação;
- Investigar facilidades e dificuldades apresentadas pelos professores do Colégio Franciscano Sant'Anna, em seu envolvimento no processo de educação continuada desenvolvido na escola, considerando o processo de estudos e sua aplicabilidade em sala de aula;
- Provocar os professores no já estabelecido, dito e pensado, numa perspectiva de transgressão;
- Construir pontos de referência para revitalização da proposta de educação continuada das escolas de Educação Básica, da SCALIFRA-ZN.

A investigação foi conduzida pelas seguintes questões norteadoras, que originaram as entrevistas semi-estruturada e focal:

- a) Como vem se estruturando o programa de educação continuada nas escolas da SCALIFRA/ZN?
- b) Como os integrantes do projeto percebem a necessidade da educação continuada?
- c) Quais são as evidências de que a educação continuada oferecida na escola repercute na auto-formação dos professores?
- d) Quais são as evidências de que a educação continuada na escola solidifica o conhecimento do professor em sua autoformação (**valores, etc..**) e em sua fundamentação teórica para mediar uma prática mais coerente entre o que diz e o que faz?
- e) Quais são as facilidades e as dificuldades enfrentadas pelos professores entrevistados para participarem da educação continuada na escola diante de um mundo pluriversal?
- f) Quais são as facilidades e dificuldades enfrentadas pelos professores entrevistados para operacionalizarem suas ações pedagógicas?
- g) Que alternativas sugerem para minimizar as dificuldades, tanto no envolvimento no projeto quanto na aplicabilidade em sala de aula?
- h) Que temas sugerem para serem incluídos/abordados nas sessões de estudo do projeto?

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Partindo do entendimento de que o ser humano é um permanente *vir a ser* e que todo o investimento na formação provoca implicações nas várias dimensões que o constituem, tornou-se importante investigar quais são as contribuições do projeto de educação continuada da SCALIFRA-ZN na construção de si e na prática docente, dos professores do Colégio Franciscano Sant'Anna.

Nesta investigação, a opção metodológica foi por uma abordagem qualitativa com enfoque no estudo de caso. Qualitativa, conforme Lüdke e André (1986, p. 11), por tratar-se de uma abordagem que “tem o ambiente natural como uma fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento [...] supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo pesquisada”. Proporciona um relacionamento longo e flexível entre o pesquisador e seus entrevistados e trabalha com a subjetividade, colhendo informações com maior riqueza de detalhes do que na pesquisa quantitativa.

Quanto ao estudo de caso, por se tratar de uma organização específica como a SCALIFRA/ZN, foi considerado caso simples, cujo objetivo é investigar de que forma a proposta pedagógica desenvolvida no projeto de educação continuada da mantenedora contribui para a construção de si e para a prática docente, dos professores do Colégio Franciscano Sant'Anna.

Os estudos de caso, segundo Chizzotti (2006, p. 136):

[...] visam explorar um caso singular, situado na vida real contemporânea, bem delimitado e contextualizado em tempo e lugar para realizar uma busca circunstanciada de informações sobre um caso específico. O caso pode ser único e singular ou abranger uma coleção de casos, especificados por um aspecto ocorrente nos diversos casos individuais como, por exemplo, o estudo de particularidades ocorrentes em diversos casos individualizados.

A opção pelo estudo de caso simples na presente investigação justifica-se, conforme Lüdke e André (1986), por ser um método rico em informações, dotado de características fundamentais como a descoberta, a interpretação em contexto, a busca para retratar a realidade de forma completa e profunda (projeto de Educação

Continuada da SCALIFRA/ZN e suas contribuições), por permitir generalizações naturalísticas, pela representação de diferentes pontos de vista numa mesma situação social (Colégio Franciscano Sant'Anna) e por utilizar uma linguagem acessível nos relatórios de pesquisa, constituindo uma abordagem metodológica de grande importância para o enriquecimento do trabalho investigativo a que se propõe.

Segundo Yin (2005, p. 32), “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Na fase exploratória, definiu-se o grupo a ser pesquisado, o número de professores, coordenadores e alunos a serem entrevistados. Isso se deu a partir da necessidade de descobrir evidências de mudança na prática pedagógica dos professores do Colégio Franciscano Sant'Anna, pela percepção e vivência da pesquisadora, atual diretora do colégio e como coordenadora do projeto de educação continuada da mantenedora e do referido colégio.

Para a escolha intencional dos participantes (professores, coordenadoras pedagógicas e alunos), considerou-se o suporte teórico com base em Bauer e Gaskell (2003), compreendendo que a finalidade da pesquisa qualitativa não é envolver um grande número de pessoas ou de opiniões, mas explorar o que foi dito, as diferentes representações sobre o assunto em questão. Os autores citados referem que aumentar o número de entrevistados não significa necessariamente melhorar a qualidade da pesquisa, pois entendem que “há um número limitado de interpretações de realidade que, apesar das experiências serem individuais, são o resultado de processos sociais coletivos” (BAUER e GASKELL, 2003, p. 71). No caso desta pesquisa, o limite de participantes foi estabelecido com a finalidade de mostrar a variedade de pontos de vista dos professores entrevistados sobre educação continuada, quais as diferentes visões e posições que os mesmos professores e os coordenadores entrevistados têm sobre o assunto e como o percebem na prática pedagógica e na construção de si. Quanto à seleção de alunos, a intenção foi verificar as repercussões considerando como o projeto está sendo aplicado em sala de aula a partir das suas percepções.

A escolha dos participantes obedeceu aos seguintes critérios: a) quatro coordenadoras pedagógicas do Colégio Franciscano Sant'Anna que participam do projeto de educação continuada desde 2005; b) oito professores do Colégio Franciscano Sant'Anna que pertencem à instituição há, pelo menos, dois anos e que tenham participado de oitenta por cento dos estudos de formação continuada oferecidos pelo colégio nos últimos dois anos; c) seis alunos participantes do projeto de educação continuada. Atendidos os critérios acima descritos, houve uma segunda etapa na qual os professores foram selecionados aleatoriamente por sorteio, contemplando cada um dos níveis de ensino, sendo escolhidos dois da Educação Infantil, dois do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, dois do Ensino Fundamental – Anos Finais e dois do Ensino Médio.

A coleta sistemática de informações, nas palavras de Ludke e André (1986, p. 22) é realizada “por meio de instrumentos mais ou menos estruturados, técnicas mais ou menos variadas, sua escolha sendo determinada pelas características próprias do objeto estudado”.

Um dos procedimentos para a realização da coleta de dados, nesta pesquisa, foi a entrevista semi-estruturada (ANEXO A) e focal (ANEXOS B e C) que, por seu caráter de interação, estabeleceu uma relação hierárquica entre pesquisador e pesquisado, representando um instrumento básico; na perspectiva qualitativa, por ser “uma das principais técnicas de trabalho utilizada em quase todos os tipos de pesquisa, nas ciências sociais” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 33).

Segundo Bauer e Gaskell (2003, p. 65):

o emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos autores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

Segundo André e Ludke (1986), numa pesquisa qualitativa, os dados apresentam um conteúdo informativo, contém uma informação sobre a realidade

interna e externa dos sujeitos investigados que será estudada com propósito indagativo. Nesta pesquisa, foram considerados dados, a informação proporcionada pelos oito professores selecionados, fruto da entrevista semi-estruturada, as informações relativas às interações das quatro coordenadoras e dos seis alunos entre si e com o próprio investigador durante a entrevista focal; observações realizadas pela pesquisadora durante as sessões de estudo de educação continuada e durante as entrevistas com os professores.

A entrevista semi-estruturada, segundo Lüdke e André (1986), é aquela que se desenvolve a partir de um esquema básico, permitindo que o entrevistador faça adaptações necessárias durante seu desenvolvimento. A escolha da entrevista semi-estruturada, como instrumento para construção do *corpus* desta pesquisa, deve-se às vantagens desse tipo de entrevista, como a ausência de rigidez nas questões, permitindo ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto “com base nas informações que ele próprio detém e que, no fundo, são a verdadeira razão da entrevista” (LUDKE e ANDRÉ, 1986. p. 34). Assim, proporciona-se um clima favorável e de aceitação mútua por parte dos entrevistados e da pesquisadora, possibilitando que as informações fluíssem naturalmente.

A entrevista focal tem como objetivo enriquecer o *corpus* já construído pelos dados da entrevista semi-estruturada. A entrevista com grupo focal caracteriza-se por ser na visão de Bauer e Gaskell (2003, p. 79):

um debate aberto e acessível a todos: os assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração; o debate se fundamenta em uma discussão racional.[...] o debate é uma troca de pontos de vista, idéias e experiências, embora expressas emocionalmente e sem lógica, mas sem privilegiar indivíduos particulares ou posições.

O papel do entrevistador, que age como moderador numa entrevista focal, é incentivar a participação ativa de todos os componentes do grupo, a partir do tópico guia, para falar, comentar e responder sobre o tema que está sendo discutido. No caso desta pesquisa, a utilização da entrevista focal teve a vantagem de ser aplicada a um grupo de coordenadoras pedagógicas e de alunos de uma mesma

escola, onde há uma convivência profissional familiar, cujas vantagens podem ser confirmadas nas palavras de Bauer e Gaskell (2003, p. 82) quando dizem que:

as culturas organizacionais e de grupos sociais particulares têm vantagens quando se tomam pessoas que partilham um meio social comum, [...] porque as pessoas aproveitam a oportunidade para falar sobre o papel de ensinar e à medida que eles individualmente e coletivamente, explicam sua situação, alguns aspectos do conhecimento tácito auto-evidente são elaborados de um modo que seria difícil de conseguir a partir de um conjunto de perguntas.

Após a definição das técnicas de coleta de dados, elaborou-se o roteiro das questões, contemplando o problema e os objetivos da pesquisa. Na seqüência, realizou-se com um professor, que não fazia parte do grupo selecionado, uma entrevista piloto para referendar a validade do instrumento de pesquisa. As questões norteadoras balizaram os itens formulados aos professores, coordenadores e alunos, mantendo o foco da pesquisa, porém não dispensaram o cuidado e a atenção da pesquisadora na captação da riqueza das individualidades dos entrevistados.

A análise dos dados foi de natureza qualitativa, considerado por Lüdke e André (1986, p. 41) como “um processo criativo que exige grande rigor intelectual e muita dedicação”, pela exigência de sistematização e coerência entre as pretensões do estudo e o esquema escolhido. Ainda, para autores como Flores, Gómez e Jiménez (1996), a análise dos dados é uma das tarefas mais atrativas no processo de investigação qualitativa. Para eles, os dados recolhidos pelo investigador são insuficientes por si só, para iluminar os problemas e as realidades investigadas, porque nada mais são do que um material bruto a partir do qual o investigador deverá realizar intervenções oportunas e estruturar um conjunto de informações coerentes e significativas.

O conceito de análise para Flores, Gómez e Jiménez (1996) é de um processo aplicado a uma determinada realidade que permite discriminar seus componentes, descobrir as relações entre esses componentes e utilizar essa primeira visão conceitual para realizar as sínteses mais adequadas para a situação investigada. Analisar dados supõe examinar sistematicamente um conjunto de

informações para delimitar as partes e descobrir as relações entre as mesmas e as relações com o todo, na medida do possível, avançar mediante sua descrição e compreensão, realizando a elaboração de modelos conceituais explicativos. Quando se fala em análise de dados qualitativa, considera-se um sistema de análise que, no final, preserva sua natureza textual, colocando, em evidência, categorizações dela emergentes, sem recorrer a técnicas estatísticas, como acontece na pesquisa quantitativa.

Considerando a riqueza da análise de dados acima descrita, optou-se, nesta pesquisa, pela análise textual qualitativa, preferencialmente com base em Moraes (2002) que, em seu texto “uma tempestade de luz”, organiza-se em torno de quatro focos, a saber: a) desmontagem do texto que consiste em desconstrução e unitarização; b) estabelecimento de relações que se dá pelo processo de categorização; c) a captação do novo emergente o que vai expressar as compreensões que o pesquisador atingiu em sua pesquisa; d) a auto-organização por meio do processo de aprendizagem viva.

O primeiro foco, a unitarização, consiste para o autor em um processo de “desmontagem do *corpus*” e que teve a finalidade de identificar as unidades de significado, presentes no texto, fruto das entrevistas semi-estruturadas e focais. Teve-se o cuidado de focalizar o todo da resposta do entrevistado, objetivando sempre o foco do objeto da investigação. Segundo Moraes (2002), a unitarização passa basicamente por três momentos, denominados de fragmentação dos textos e a codificação das unidades; a reescrita de cada unidade e a atribuição de nomes para cada unidade.

No segundo foco, a categorização emergiu do processo de desmontagem do texto e conduziu ao estabelecimento das categorias, agrupando os elementos semelhantes, partindo dos resultados do processo inicial da análise de cada uma das entrevistas realizadas.

O terceiro foco considerou a emergência da nova compreensão voltada para a produção de meta-texto e sua estrutura textual, partindo das compreensões e construções parciais produzidas nos dois primeiros momentos da análise.

O quarto foco apontou os possíveis caminhos e pistas a serem incrementados no projeto pelo emergente da análise. Esse último passo da análise textual

considerou o processo de auto-organização que se deu a partir da desordem em direção a uma nova ordem, passando pela emergência do novo com o surgimento das categorias para, finalmente, auto-organizar-se de forma intuitiva, produzindo aprendizagens significativas sobre a prática pedagógica dos professores, suas concepções sobre educação continuada, seus entendimentos, contribuições no processo de autoformação (subjetividade) de si como seres em construção e repercussões na prática docente.

O processo de análise dos dados é um processo que intercala o cuidado com a técnica de análise real dos dados obtidos na pesquisa com a experiência da pesquisadora durante o processo da investigação. Portanto, por vezes, dados e experiência se entrelaçam, tecendo um mesmo painel como resultado obtido.

Acredita-se que os instrumentos que foram utilizados para obtenção de dados tenham propiciado aos professores envolvidos na pesquisa muito mais do que rever sua ação pedagógica em sala de aula, mas, acima de tudo tenha auxiliado na consciência da formação de si como seres relacionais e em permanente devir. O despertar para a necessidade da educação continuada como contribuição para a autoformação do ser pessoa profissional é algo inerente ao ser humano na busca pela inteireza.

Na seqüência, os capítulos referem-se às categorias construídas, emergentes da investigação. Convém esclarecer que, ao priorizar tais categorias que são essenciais neste momento, não se esgotam outras potencialidades possíveis no trabalho e passíveis de futuras análises. Os temas emergentes do estudo são fundamentados com os depoimentos dos próprios entrevistados (em negrito) e com o embasamento teórico de autores importantes por seus estudos e reflexões. O texto, no geral, apresenta-se na 3ª pessoa do singular. Porém, nas páginas 16, 160, 164 e 166, houve a necessidade de personalização do texto, considerando experiências de vida que exigiram o emprego da 1ª pessoa.

O capítulo três (3), intitulado Educação Continuada: o desvelar de uma concepção, reflete as concepções de Educação Continuada, as evidências de mudanças na perspectiva do ser em essência e do ser em ação a partir do investimento em autoformação nos docentes do Colégio Franciscano Sant'Anna, na percepção deles próprios, das coordenadoras e dos alunos.

O capítulo quatro (4), intitulado Educação Continuada: um projeto de cada um, um projeto de todos, aborda a experiência de receptividade, envolvimento, participação e aplicabilidade dos professores ao projeto de formação oferecido pela escola, sob o olhar dos professores, das coordenadoras e dos alunos. Refere também as evidências de repercussão do projeto em sala de aula, considerando facilidades, desafios e possibilidades, respeitadas as diferentes responsabilidades dos envolvidos no processo.

O capítulo cinco (5), intitulado Itinerância: um estado permanente do ser humano, apresenta uma conclusão provisória de resultados inacabados e passíveis de aprimoramento em relação ao problema investigado: “Quais são as contribuições que o projeto de educação continuada da SCALIFRA/ZN propiciou, na prática docente e na construção de si, aos professores do Colégio Franciscano Sant’Anna”?, considerando a inclusão de temas significativos para o despertar sobre o estado de itinerância que constitui a essência da vida humana.

3 EDUCAÇÃO CONTINUADA: O DESVELAR DE UMA CONCEPÇÃO

Na verdade, a educação necessita tanto de formação técnica e científica como de sonhos e de utopia (FREIRE, 1997, p. 34).

A formação, enquanto processo de autoformação, é uma necessidade intrínseca ao ser humano pela sua própria condição de um Ser em constante transformação. Segundo Lampert (2000, p. 178), “fazendo-se uma incursão na história da humanidade, percebe-se que o homem sempre se preocupou com a própria formação e atualização para atender às demandas e poder viver em sociedade”. A importância da educação se faz sentir pelas necessidades que a pessoa humana tem de se ajustar adequadamente às mudanças sociais, espirituais, psicológicas, econômicas, ideológicas, tecnológicas que a sociedade vive. Sendo assim, aos poucos, foi surgindo a idéia da educação continuada que, historicamente, sabe-se muito antiga. Para alguns autores, a educação continuada sempre esteve atrelada aos interesses do capital, o que significa, responder ao preparo das pessoas para suprirem as deficiências de mercado, desconsiderando, na maioria das vezes, necessidades pessoais. Ela seria, basicamente, mercadológica. Segundo Lampert (2000, p. 178):

[...] no mundo contemporâneo, a educação continuada surgiu para atender ao desenvolvimento tecnológico da indústria. Nos países de industrialização tardia, ela foi vista como possibilidade de ajudar no desenvolvimento econômico e, no Brasil, na década de 1960, após o desmantelamento dos movimentos de educação popular, como uma arma poderosa de alienação.

Ainda, para o mesmo autor, a educação por ele denominada “permanente” aflorou, a partir da Segunda Guerra Mundial, como resultado do capitalismo, tentando responder à demanda da industrialização de muitos setores de produção. Para o autor, naquela época, como hoje, acreditava-se que, por meio da educação continuada e da cultura de massa, chegar-se-ia ao desenvolvimento social, o que nos indica que os objetivos da educação continuada sempre estiveram atrelados, ideologicamente, ao poder e, raramente, aos interesses da singularidade dos indivíduos.

Para Christov (2001, p. 9), “a expressão educação continuada traz uma crítica a termos anteriormente utilizados tais como: treinamento, capacitação, reciclagem que não privilegiavam a construção da autonomia intelectual do professor”, por basear-se em propostas previamente elaboradas para serem apresentadas aos professores com o intuito de serem executadas. Essas propostas careciam da participação do professor, porque não partiam da sua real necessidade, mas, sim, de interesses ideológicos de grupos específicos.

A educação continuada é, na visão de Furter (1974, p. 79):

processo ininterrupto de aprofundamento tanto da experiência pessoal como da vida coletiva que se traduz pela dimensão educativa que cada ato, cada gesto, cada função assumirá, qualquer que seja a situação em que nos encontramos, qualquer que seja a etapa da existência que estejamos vivendo.

A educação continuada já passou por várias fases de estruturação, várias denominações e conceitos, apresentando muitos pontos sobre os quais os teóricos divergem e outros tantos que convergem ao conceituá-la. O que importa, no entanto, é que a educação continuada hoje, assim como na década de setenta, conforme Collet (1976), está a serviço de atender às exigências de uma sociedade em mudança, e quanto maiores e mais rápidas forem essas mudanças do cenário social e econômico, mais dificuldades a escola terá para responder adequadamente às demandas.

Educação continuada, então, pode-se dizer que mais do que formação para suprir lacunas, é processo permanente de compreensão de si e de mundo, corroborada por Pivatto (2007), para quem, numa perspectiva de incompletude, o ser humano não nasce pronto, portanto seu maior desafio, “no horizonte histórico espiritual do mundo, consiste em tornar-se humano” (PIVATTO, 2007, p. 348). Sua principal missão como ser inacabado é assumir seu estado permanente de vir a ser. Esse processo de perceber-se inacabado e insubstituível, chamado humanização, pressupõe abertura e, por isso, segundo o autor, é traduzido na filosofia da educação, como educabilidade, o que reforça o entendimento de educação continuada assumido nesta pesquisa: processo pelo qual o ser humano (professor)

passa ao longo de sua existência, com a finalidade de autoformar-se continuamente em todos os aspectos que o constituem na construção de si, como ser inteiro.

Tal entendimento é confirmado pelos autores que embasam esta pesquisa, tais como Josso (2004), que a concebe como sendo o próprio processo de formação, agregando tudo aquilo que fazemos ao longo da vida. Então, a “impermanência” do ser humano, como condição da pessoa, obriga-o ao permanente deslocamento durante a vida, seja para a construção de si ou para a mudança da ação pedagógica. Ainda, neste sentido da formação de um ser humano integral, Jacques Maritain (1965; 1968) e Alceu Amoroso Lima (1971) citados por Pivatto (2007, p. 339), quando lembra que:

quando aprofundam-se as dimensões da dignidade do ser humano, do bem comum, do valor próprio de cada indivíduo e sua tarefa de tornar-se pessoa [...] da preponderância do espírito sobre a matéria e da construção da personalidade, mediante a educação de todas as dimensões do ser humano [...]

Faz-se necessário considerar a sua complexidade no processo de formar-se ao longo da vida. Em Merino (1999, p. 78):

O pensamento franciscano não remete a um inconsciente coletivo, como uma espécie de destino inevitável e irracional, mas a um espírito comum que é história vivida e compartilhada, mas, ainda, não concluída e esgotada. [...] é herança, mas ao mesmo tempo é tarefa, é núcleo e é desdobramento, é vivência e é projeto.

Na visão de Charlot (2007), o homem deve aprender para construir-se; aprender para viver com outros com quem o mundo é partilhado; aprender para apropriar-se do mundo; aprender em uma história. Para esse autor, “nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem sou, quem é o mundo, quem são os outros” (CHARLOT, 2007, p. 53).

A partir da visão desses autores, não excluindo outros tantos de igual relevância teórica, entende-se que a pessoa humana em sua essência é um ser incompleto, um permanente devir, passível de construir-se a partir de um projeto de vida, seja ele individual ou coletivo. Considerando o transcender-se do ser humano,

como algo imbricado ao processo de tornar-se humano, numa atitude diária de compartilhamento de si próprio e de sua ação, a educação continuada pode ser entendida como um caminho importante na construção da própria vida humana.

3.1 EDUCAÇÃO CONTINUADA: UMA PARCERIA ENTRE AS ESCOLAS DA REDE SCALIFRA/ZN

No mundo atual, é cada vez mais contundente e significativa a idéia do estabelecimento de redes e parcerias entre os grupos humanos, bancos internacionais, grandes empresas multinacionais, seja com a finalidade de fortalecer-se mutuamente no sentido da sobrevivência seja para divulgar uma idéia, qualificar um processo, enfim, para sobreviver na era da globalização. Tratando-se do campo educacional, tem-se o exemplo das propostas do relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, para a UNESCO, quando Delors (2006, p. 195) menciona que “a mundialização das atividades, traço característico da nossa época, põe em relevo a amplitude, a urgência e a imbricação dos problemas a serem enfrentados pela comunidade internacional”. Para o autor, as grandes mazelas da humanidade, fruto de atitudes humanas, tais como violência, ganância, destruição ambiental, “exigem ações corretivas de grande envergadura. Só a cooperação internacional permitirá desencadear tais ações. Irreversível, a globalização exige respostas globais, e a construção de um mundo melhor – ou menos mau – tornou-se, mais do que nunca, tarefa de todos” (DELORS, 2006, p. 195).

Considerando o cenário exposto, presume-se que a educação constitui-se em uma dessas respostas, talvez a mais fundamental. O espírito de cooperação, instituído em rede, caracteriza-se em um dos caminhos na construção de respostas positivas a esse cenário planetário que se apresenta. Nesse sentido, a SCALIFRA/ZN, consciente de seu papel no contexto atual, vê importante o fortalecimento de suas unidades educativas para uma resposta mais efetiva no contexto atual. Ao organizar um projeto de educação continuada para fortalecer a filosofia franciscana e sistematizar o ideário e a pedagogia franciscana, que já é

praticada nas dez escolas que mantém a SCALIFRA/ZN, visando a fortalecer a unidade da ação pedagógica, a vivência da mística franciscana que permeia a pedagogia das escolas, a mantenedora desenvolve ações com diretoras, coordenadoras pedagógicas e coordenadores do Ensino Religioso, que resultem num processo de implementação em cada uma das unidades educativas.

O trabalho realizado com a equipe de diretoras, coordenadoras pedagógicas e coordenadores de Ensino religioso, descrito no capítulo um, justifica a visão de rede e a alusão realizada pelas coordenadoras pedagógicas do Colégio Franciscano Sant'Anna, quando questionadas sobre o projeto desenvolvido no colégio. Na visão delas, é possível perceber o crescimento da caminhada pedagógica das escolas da rede, a partir da participação nos seminários promovidos pela equipe do projeto de educação continuada da mantenedora.

[...] entendo que a educação continuada que é oportunizada em nível de rede nos motiva a uma linha de ação comum, nos orienta a um estudo comum. Quando a gente chega aqui à escola e planeja a educação continuada para os nossos professores, por trás disso tem uma concepção comum, enquanto grupo, do que entendemos por educação continuada, por processos de formação pelo qual todo profissional precisa passar.

Na visão das coordenadoras, **esse espírito de rede, de cadeia que a gente pode perceber, é inevitável.** Participar dos seminários da mantenedora é **uma oportunidade maravilhosa, por se conhecer as outras unidades, por oportunizar e conhecer o trabalho das outras escolas da rede, numa mesma linha de pensamento e de ação.**

Considerando esse depoimento confirmam Silveira e Reis (2000, p. 144), ao referir Francisco de Assis, quando aconselha como os irmãos devem corrigir um ao outro, “[...] do mesmo modo, neste gênero de vida, nenhum irmão tenha poder ou dominação, principalmente entre si [...] e nenhum irmão faça ou fale mal do outro. Antes, pelo contrário, sirvam e obedeçam de boa vontade uns aos outros pela caridade do espírito [...]” (RNB⁶.5, 9.13-14). E, ainda, “os irmãos onde quer que estejam, ninguém se chame prior, mas neste gênero de vida todos se chamem Irmãos Menores. E um lave os pés do outro” (RNB. 6,1-4). É possível vislumbrar,

⁶ Regra não Bulada.

dessa forma, que, na proposta de Francisco de Assis, o relacionamento é de irmãos, e não de superior e súdito. Isso nos remete ao entendimento de que, na escola franciscana, as relações entre aprendente e aprendiz são fraternas entre iguais, porque todos, aluno, professor, coordenador e direção aprendem e ensinam na relação entre si. Assim, ninguém é superior a ninguém, todos são “irmãos menores”, como queria São Francisco de Assis.

As escolas franciscanas da SCALIFRA/ZN, além de espelharem-se em Francisco de Assis, alimentam seu fazer pedagógico na inspiração de Catarina Daemen, mulher holandesa do século XIX, fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, à qual pertence o colégio em estudo. Segundo Rupolo (1998, p. 56):

o início da obra de Catarina Daemen em Heythuysen foi de fato muito simples o que não a destituiu de importância para ela e para as famílias às quais prestava serviço através do ensino às crianças. Muitas vezes, o processo é tão importante quanto o objetivo. Por isso, referindo-se ao início de sua atividade, assim afirmam as cronistas: ela se dedicava ao ensino na escolinha. Não era pela competência que atraía a juventude, mas pela dedicação e vida edificante... Catarina tinha tato, era amável, simples, maternal.

Catarina aprendera de Francisco a amabilidade, a simplicidade e a forma materna de tratar as pessoas. Dizem as fontes históricas que ela se relacionava bem com todas as pessoas da localidade, independentemente da classe social a que pertenciam. Para ela, tratar com afabilidade as crianças e as companheiras de congregação era fundamental, pois nela era verdadeira a premissa de que é através da reflexão sobre seus próprios atos, que o ser humano aprende e vai se construindo pessoa humana. Assim, Catarina acreditava que as Irmãs se educavam mutuamente, umas as outras, mas especialmente com Deus Providente que guiava o fazer diário dos primeiros tempos.

Nos documentos históricos da mantenedora (atas, cartas), percebe-se que as lideranças da SCALIFRA/ZN sempre dedicaram especial atenção à formação coletiva dos professores como uma necessidade inerente à pessoa do professor. Isso pode ser comprovado, quando, em 1968, um grupo de Irmãs professoras formou uma equipe que denominaram “Equipe do Setor Educacional” e que, desde o

início, tinha como finalidade o cuidado com o aprofundamento da proposta da filosofia franciscana junto às escolas, o investimento na proposta do Ensino Religioso Escolar e o aprofundamento de temas educativos de interesse das escolas, sempre de acordo com a legislação vigente.

Pode-se notar que, no decurso de sua trajetória educativa, a preocupação da SCALIFRA/ZN com a educação continuada tem sido uma constante. Os documentos registram que, desde 1969, as Irmãs professoras reuniam-se em “assembléias das educadoras”, durante três ou quatro dias, na sede da mantenedora para estudar, refletir e discutir sobre o trabalho realizado nas escolas e para projetar ações a serem dinamizadas no âmbito escolar. Já, na década de 1970, inicia-se um processo de planejamento participativo cujo resultado foi a construção de planos de médio e longo prazo, os quais continham ações de cunho pedagógico e administrativo para um, dois, três e quatro anos.

Mais tarde, registram-se as chamadas “Semanas Pedagógicas”, reuniões com a duração de três a cinco dias, em cada escola, para estudar, planejar e traçar metas de ação com os professores leigos, considerando as orientações das decisões advindas das assembléias das educadoras e coordenadas pela “equipe do setor educacional”, constantes no Plano Global da SCALIFRA/ZN. Cada escola escrevia seu plano global anual.

A partir do ano 2000, com a mudança estatutária, houve a extinção da equipe do setor educacional e foram criados diversos departamentos para atender às diferentes necessidades da mantenedora. O departamento pedagógico é um departamento responsável pela proposta educativo-franciscana que elaborou e coordena o projeto de educação continuada da mantenedora.

Dessa forma, contribui Freire (2007, p. 97), ao afirmar que não se pode entender homens e mulheres “a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu ‘caminho’, que, ao fazê-lo, expõem-se ou se entregam ao ‘caminho’ que estão fazendo e assim os refaz também” .

Nesse sentido, o empenho na promoção da parceria entre as escolas fortalece a proposta da pedagogia franciscana, impulsionando a elaboração de

projetos, voltados para a construção de si e para o aprimoramento da ação dos docentes em cada uma das unidades.

3.2 EDUCAÇÃO CONTINUADA: PROCESSO DE APRIMORAMENTO DO SER PESSOA À QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

O processo de aprimoramento do ser pessoa à qualificação profissional confunde-se com a própria trajetória de vida do sujeito, pois, segundo Tardif (2004, p. 56), quando uma pessoa educa durante muitos anos, “ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional”. Ora, se entendemos que, no processo pedagógico, o professor ensina e aprende concomitantemente, num processo de troca permanente, é possível perceber o aprimoramento do ser e do fazer do professor, como algo entrelaçado pelo mesmo tear, a própria vida.

É importante destacar que encontram sustentação nos autores eleitos para este trabalho as idéias dos professores do Colégio Franciscano Sant’Anna, que definem educação continuada como **um processo de aprimoramento pessoal, que começa quando a gente nasce, aprende a caminhar, a andar [...] como processo de aprendizagem contínua e constante que exige que a gente vá estudando sempre, continuamente. Para eles, esse processo de construção pessoal e profissional é algo que abrange toda a existência da pessoa humana, conforme depoimentos a seguir.**

[...] eu tenho agregado certas coisas boas e não boas, todo esse meu tempo de professora [...] cursos que faço dentro e fora da escola, encontros semanais, quinzenais com o grupo fazem parte da educação continuada [...] são ações e processos vivenciados dentro e fora da instituição que vêm melhorar a qualidade e desempenho de cada um dos professores que nela trabalham.

Segundo os professores, educação continuada **é estar em permanente atualização, é aperfeiçoamento que o professor vai fazendo ao longo de sua**

vida; é não dar por encerrado o processo do aprender, pelo simples fato de ter concluído uma faculdade.

Uma busca de sempre saber mais como trabalhar com o aluno, com o conteúdo. Vejo que antes eu tinha uma idéia do que era ser professora de História. Hoje, vejo que é bem além daquilo, porque mais importante do que o conteúdo é o que perpassa esse conteúdo: a ideologia, os valores, a filosofia da escola, constituída ao longo de toda a nossa caminhada. Se não consigo ensinar o que é o Renascimento, por exemplo, o aluno tem condições de ir até um livro e buscar, mas tenho que dar subsídios para que ele consiga fazer isso sozinho. Então, é essa idéia que a gente vai tendo à medida que vai caminhando.

Percebe-se que os entendimentos sobre educação continuada apontam para uma nova forma de trabalhar o currículo, para o estabelecimento de um novo modelo de relacionamento com o aluno, um novo olhar metodológico em sua prática pedagógica, um processo que engloba palestras, cursos, encontros que propiciam um aprimoramento da pessoa ao longo da vida. Nas falas, percebe-se que o entendimento deles sobre educação continuada está relacionado ao desenvolvimento e à preocupação com uma melhor qualidade no desempenho profissional. Entretanto, para eles, essa permanente atualização não se esgota apenas no aperfeiçoamento profissional, vai além dele. É possível perceber de forma subjacente que o aperfeiçoamento é entendido pelos professores como um processo que se dá ao longo da vida, portanto, que diz respeito ao aprimoramento tanto enquanto pessoa e, conseqüentemente, enquanto profissional, **pois o professor precisa desses conhecimentos para estar atualizado diante do trabalho que faz com a educação.** Portanto, qualquer investimento que se faça em aperfeiçoamento profissional é resultante de uma mudança do eu, enquanto ser humano inteiro: mudança no eu qualifica a ação pedagógica. Não há como ser diferente.

Educação continuada é um processo onde vamos aprimorando nosso conhecimento. É um processo que não pode parar. Cada nova etapa surge um novo questionamento que a gente tem que ir atrás, buscando, ficando sempre em processo[...].sempre, sempre buscando algo mais [...] nunca e nada é acabado. O professor nunca está completo. Cada novo desafio é uma nova busca.

Educação continuada é, portanto, algo que **está no meio, nem no início, nem no fim. É alguma coisa que já iniciou e a que queremos dar continuidade, porque não estamos prontos. Uma caminhada na qual, inevitavelmente, o professor está sempre aprendendo a ensinar a disciplina com que está trabalhando, pois não há como trabalhar com saberes fixos, importantes como ponto de partida, mas provisórios no sentido de processo de construção.** Esse depoimento encontra respaldo nas palavras de Tardif (2004, p. 57) ao afirmar que, “em toda ocupação, o tempo surge como um fator importante para compreender os saberes dos trabalhadores, uma vez que trabalhar remete a aprender a trabalhar, ou seja, a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho”. É uma busca, uma reflexão sobre a própria ação. Nas palavras de Alarcão (2003, p. 100), a formação é “o processo dinâmico por meio do qual, ao longo do tempo, um profissional vai adequando sua formação às exigências de sua atividade profissional”.

Esse processo de aperfeiçoamento e atualização, compatível com uma sociedade que sofre aceleradas e profundas transformações, constitui-se numa forçosa atitude de mudança de postura dos professores, enquanto pessoas e profissionais. Em contraponto, a educação continuada também é entendida como **necessidade do mundo moderno.** Para alguns dos entrevistados, ela ainda soa como **uma novidade de agora, se comparada aos modelos antigos,** quando o professor se formava para uma determinada disciplina ou área, **sendo portador de um saber enciclopédico, proprietário de um saber imutável** com o qual daria conta das necessidades e desafios que iam aparecendo em seu dia-a-dia. Hoje, porém, consideram-na necessária,

[...] dados os desafios, as novidades e as coisas novas que vão aparecendo exige-se do professor uma nova atitude e uma contínua aprendizagem, até porque as pessoas são diferentes, os meios são diferentes e a ciência está descobrindo coisas novas a toda hora [...] educação continuada é o processo de tu te adaptares, de te atualizares conforme a necessidade vai surgindo [...] necessidade de atualização conforme a demanda profissional e as exigências de nossa prática docente. [...] hoje não há como ser diferente, a mobilidade das coisas exige esse processo de formação que vem para atender essa nova demanda que é o universo de novidades, que a gente não consegue acompanhar se não parar, rever, estudar, conversar, discutir [...] coisas que no entendimento mais antigo não era tão necessário.

Os professores definem educação continuada **como importante oportunidade** de crescer pessoal e profissionalmente, acrescida à possibilidade de ampliação de horizontes em vista do crescimento do coletivo.

A gente têm de estar sempre (re)avaliando a prática docente, tendo essa visão crítica do trabalho confrontando teoria e prática, procurando sempre fazer o elo com a forma e a cultura com que o aluno vive. É o espaço que o professor tem, além da formação inicial, pois na academia a gente não tem tanta oportunidade de praticar, porque o fazer pedagógico depende da prática. Na faculdade temos mais a teoria.

[...] há dois anos, até antes, a gente percebe mais acentuadamente que essa oportunidade propiciada ao professor, essa retomada dos conceitos que até então não tínhamos e que o estudo nos alerta e nos prepara para rever, é importante. Muitas vezes, a coisa já vem pré-estabelecida e a gente vem com aquilo e afirma que é assim. Porém, existem outros horizontes, outros aspectos dos conceitos. Nada é verdade absoluta. A gente precisa pesquisar, questionar, estar em constante estudo.

Seria possível perceber, nessa fala, a concretização do princípio da incerteza, defendido por Morin (2005), que remete à dúvida constante das verdades permanentes que professamos? O paradigma emergente encontra respaldo na atitude dos professores ao duvidarem sobre o já estabelecido, proporcionando espaço para a renovação de verdades não cristalizadas.

Nessa mesma direção, mencionaram ser algo como **um aprofundamento de um tema** sobre o qual o professor já tem algum conhecimento, mas que deseja aprofundar mais.

Por exemplo, quando na Semana Pedagógica os colegas explanaram alguns aspectos sobre a situação da Amazônia que eles haviam estudado e que para mim não bastou. Cheguei em casa, procurei um site sobre a Amazônia e vi coisas novas que eu não tinha visto e não sabia. Dei continuidade a um estudo que havia começado naquela manhã. Então, é tudo o que tu buscas acrescentar ao que tu já sabes, é uma continuação. Tu já sabes até certo ponto, não estás cru naquilo, tens alguma noção e queres continuar aquele estudo, aquele conhecimento, queres ir além.

Educação continuada também é **socializar experiências**, algo fundamental na vida profissional, porque, **à medida que tu vais socializando experiências com**

os colegas, tu vais percebendo que algumas convicções que temos, principalmente na academia, não se confirmam. No entendimento dos professores, é na socialização de experiência que se aprende muito: **no momento que tu paras para ouvir alguém, tu já estás continuando teu processo evolutivo de educação continuada.** A necessidade de saber ouvir é apontada como fundamental no processo de ensinar. Para tanto, reforça essa idéia Merino (1999), quando afirma que é preciso calar a linguagem oral para sintonizar-se com a alma do outro no espaço do silêncio interior de si próprio. Dessa forma, o saber ouvir torna-se uma atitude de reverência e de reconhecimento do outro como diferente no processo da formação de si e da coletividade.

Como meio de aprimoramento do ser pessoa, eles destacaram que um dos frutos do projeto de educação continuada oferecido pela escola foi **um despertar para a necessidade de buscar novos cursos**, não simplesmente para satisfazer uma necessidade profissional, mas em vista de construir-se profissional na relação com os outros seres humanos, na missão de servir, pois, segundo Merino (1999), uma sociedade vale à medida que valem as relações de um ser humano para com outro ser humano.

Hoje, sinto que preciso ir em busca de uma Psicopedagogia para enfrentar e discutir certos problemas de aprendizado em sala de aula [...] isso é para três ou quatro alunos, mas que são seres humanos que estão ali confiando em mim, no meu papel de educadora. Então, o que eu posso fazer para resolver essa situação? Penso que meu papel não é só passar, encaminhar para um profissional fora da sala de aula, porque é o que buscamos, outras pessoas de fora. Hoje, sinto que a gente pode fazer mais, e isso me exige mais, é um estudo que vai além. Sinto que não posso ficar só com o estudo que tenho, preciso buscar um curso na área da Psicopedagogia. É uma decisão que tomei a partir dos estudos de educação continuada. É uma necessidade para mim.

Estaria implícito nesse depoimento o respeito do professor com as diferenças individuais numa sociedade que cultua a massificação, mostrando-se comprometido com o crescimento do seu aluno como alguém singular?

Ainda, como meio de aprimoramento profissional, os entrevistados também **acenam para os cursos acadêmicos que freqüentaram como uma forma de continuar, de buscar, de aprimorar-se naquilo que estão fazendo.** Descreveram como importante o investimento em si próprios, relatando a trajetória de estudos,

citando vários cursos que frequentaram nos últimos tempos, ressaltando as vantagens que o estudo sistematizado vem promovendo em suas vidas, como profissionais.

Me formei em Educação Especial para deficientes áudio-comunicação. Fiz Pós Graduação logo em seguida sobre o tema: o processo de construção de identidade de uma pessoa surda. Depois, senti a necessidade de fazer o curso Normal para poder ampliar, sair um pouco da Educação Especial, porque sempre gostei de trabalhar com crianças “normais” entre parênteses porque o conceito de normalidade é bem complicado [...] Foi depois que entrei no Sant’Anna, com o curso Normal que realmente tive oportunidade de ter uma prática profissional. Comecei a fazer estágios aqui, dei aulas particulares de forma voluntária. [...] a partir dessa oportunidade que tive, ampliei muito a minha visão em relação à Pedagogia, porque tive várias oportunidades de estudar mais, de sair do campo da Educação Especial;

O curso de especialização me fez ver as coisas de uma forma diferente, me aprimorar um pouquinho mais, respeitar o espaço do outro, me colocar tantas vezes no lugar da criança que está na minha frente buscando, aprendendo. Os próprios desafios que os cursos nos colocam hoje: a leitura, a pesquisa, coisas básicas para o fazer pedagógico [...] é incrível como hoje eu tenho outra visão.

Além dos cursos formais de Graduação e Pós-Graduação, os professores indicaram ações e atividades como **congressos, leitura de livros, seminários, reuniões de formação, estudos, espaço para avaliar a prática pedagógica através de uma visão crítica do trabalho, relato e socialização de idéias e informações com os próprios colegas**, como integrantes de um projeto de educação continuada.

Educação continuada, na concepção dos entrevistados, é processo intermitente, contínuo de aprendizagem, necessidade dos tempos modernos, embora não seja novidade de agora, oportunidade de crescimento e aprimoramento pessoal e profissional, socialização de informações e experiências, aprofundamento de algum tema, constituindo-se uma alternativa de construção do profissional de educação. Nesse sentido de construir-se profissional, Freire (1992, p. 28) afirma que, no processo de ensinar e aprender, ninguém sabe tudo, e que ninguém ignora tudo. Para o autor, “o educador precisa reconhecer nos educandos, pessoas em

processo de saber mais, junto com ele, e também que o conhecimento não é um dado estático, concluído, terminado e que possa ser transferido”.

Como processo de aprimoramento do ser pessoa à qualificação profissional, o enfoque dado pelos professores à sua autoformação confunde-se com a própria trajetória de vida do sujeito, enquanto ser em processo de construção. Nesse sentido, Josso (2004, p. 38) afirma que “a formação encarada do ponto de vista do aprendente, torna-se um conceito gerador em torno do qual vêm agrupar-se, progressivamente, conceitos descritivos: processos, temporalidade, experiência, aprendizagem, conhecimento e saber-fazer, temática, tensão dialética, consciência, subjetividade e identidade.”

3.3 EDUCAÇÃO CONTINUADA: UMA POSSÍVEL PERSPECTIVA DE MUDANÇA

O processo de educação continuada promove no ser humano um movimento interior, colocando-o em conflito com o já estabelecido. Frente a essa situação, a pessoa humana poderá, por seu livre arbítrio, tornar-se consciente da necessidade de mudança ou simplesmente optar por um estado de inércia do que já está posto pela coletividade.

Na visão de Merino (1999), a perspectiva de mudança do ser humano vincula-se diretamente ao estabelecimento de relações com a alteridade, porque tanto para “Francisco de Assis como na experiência franciscana a presença do *tu*, seja ele divino, seja ele humano, ao qual existencialmente se sentem referidos e que tratam de integrar na vida pessoal através de uma convivência e de uma receptividade envolvente” (MERINO, 1999, p. 64), tornam a mudança algo imprescindível e inerente à construção do ser humano. Ela faz parte de sua natureza, pois a inquietude e a incompletude levam-no a estabelecer relações novas e constantes que venham a contemplar suas buscas, que se traduzem em ações concretas, isto é, temporais e espaciais. Se o ser humano é ser de inteireza, num permanente vir a ser, a educação continuada existe desde que existe o ser humano e, conseqüentemente, a mudança é algo presente em suas dimensões constitutivas. O

ser humano deve ser concebido em sua totalidade, indissociável em suas várias dimensões, intelectual, espiritual, afetiva. Conforme Perry *in* Capra (1996, p. 9), “todas as coisas são conectadas como o sangue que une uma família...”. Dessa forma, percebe-se que a mudança dentro do processo educativo é indissociável dos processos de mudança social, relacional e da própria prática pedagógica. Nesse sentido, Paulo Freire propõe a superação da atitude ingênua dos educadores para uma posição crítica, cuja concepção do papel de educador não desconsidere o contexto em que se insere. Para Freire (1992, p. 30):

se antes a transformação social era entendida de forma simplista, fazendo-se com a mudança, primeiro das consciências, como se fosse a consciência, de fato, a transformadora do real, agora a transformação social é percebida como processo histórico em que subjetividade e objetividade se prendem dialeticamente. Já não há como absolutizar nem uma nem outra.

Se, para Francisco de Assis, segundo Merino (1999, p. 58), “a mudança radical de vida” não se realiza a partir de uma confrontação de valores, de programas, de idéias e de projetos, mas a partir do encontro com o *tu*, cabe perguntar-nos quais são as razões que nos colocam em processo de mudança em vista da própria construção de si, propiciada pela educação continuada? Talvez fosse imprescindível direcionar o olhar sobre a construção da pessoa humana, contemplando todas as dimensões que constituem o seu ser inteiro, considerando as implicações de um projeto de educação continuada sobre as individualidades e a coletividade nesse processo de vir a ser.

3.3.1 ESSÊNCIA DO SER: uma consciência de mudança

Considerando tratar-se de um programa de educação continuada institucionalizado e o questionamento ter sido direcionado para o aspecto profissional, num primeiro momento, as respostas dos professores apontaram para esse aspecto. Porém, entendendo que, no cotidiano da vida, as mudanças são inter-relacionadas pelo fato de o ser humano constituir-se num todo inteiro, não passou despercebido, nas respostas, todo o entrelaçamento do desenvolvimento

peçoal, enquanto seres integrais. Todas essas mudanças que estão acontecendo, como a desacomodação do eu no processo de construírem-se profissionais diferentes, a necessidade deste caminhar para si, desencadeando segurança e firmeza na profissão, são indícios de que jamais seria possível ser no aspecto profissional, se não forem agregados valores ao Ser, como pessoas. O ser e o fazer estão entrelaçados, considerando que o ser humano é um todo indissociável e, em consequência disso, a mudança é pessoal e profissional. Por isso, quando indagados sobre como analisam a educação continuada que vêm desenvolvendo em sua própria caminhada profissional, os professores consideram-na uma forma de libertar-se, de tornar-se mais independente, algo positivo na construção do pessoal e do profissional.

Acho que sou bem realizada e penso que quem não é realizado na profissão que escolhe, não trabalha direito. A gente precisa ter amor, precisa ter paixão por aquilo que faz, pois, para mim, o amor move tudo. Então, sou apaixonada por aquilo que faço, me sinto acolhida, feliz onde trabalho e sinto vontade de buscar cada vez mais, me sinto a vontade de chegar para um colega para conversar, trocar idéias sobre a forma como trabalhamos em sala de aula e, também de pedir apoio, quando preciso.

Eu analiso minha autoformação da melhor forma possível, porque eu sou bem crítica neste aspecto de estudo, de conhecimento [...] me sinto bem orgulhosa porque sou uma pessoa que estou sempre lendo, comprando livros [...] é feira do livro, estou indo ver, procurando ler. Minha caminhada profissional é muito boa. Claro, sei que tenho que crescer muito mais, mas não consigo ficar parada, sem estudar. Eu já estou pensando em terminar a especialização em fevereiro de 2007 e algo tenho que fazer, tenho que buscar [...] já estou pensando em investir em um curso de línguas, que é fundamental.

[...] de um tempo para cá, analiso a minha educação continuada positivamente, porque eu havia parado um pouco e ficava só nas leituras que vinham, que surgiam, que apareciam no decorrer do meu trabalho [...]hoje, percebo que me tornei uma pessoa mais firme, posicionada, tranqüila frente aos conflitos.

Consigo enfrentar, com mais argumentação e tranqüilidade, uma situação conflituosa de sala de aula, entre pais, coordenação, aluno. Me sinto mais realizada, mais independente como profissional. Porém, compreendo independência, no sentido de autonomia, segurança, vontade de ir em busca de outras leituras, porque a cada momento o mundo se transforma tão rápido que precisamos nos atualizar.

Se por um lado os professores enfatizam a qualidade, o crescimento, a construção do conhecimento, em termos de independência, segurança, desejo de busca e aprimoramento profissional, por outro lado, é possível perceber a imbricação que isso acarreta na mudança do eu pessoal, porque ninguém é um profissional sem ser a pessoa que é. A mudança é no todo, tendo em vista que o ser humano se constitui num ser inteiro, em sua essência.

No que se refere ao projeto de educação continuada proposto pela escola, os professores percebem que, antes, sentiam-se bem mais inseguros. Hoje, consideram fundamental a leitura relacionada com a prática. Para eles, a troca de saberes é indispensável e, por isso, **é muito importante conversar com outros professores sobre a sua prática e a deles, pois em nosso trabalho há sempre o que melhorar**. Daí a importância de estarem sempre estudando, socializando experiências com os colegas, porque esse processo amplia a visão sobre teoria e prática. Para eles, é essencial que se tenha uma unidade, que nenhum professor trabalhe sozinho, porque, segundo Freire (1992, p. 69), “ninguém ignora tudo e ninguém sabe tudo. Todos sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa”. O processo de estudo coletivo favorece o individual, a auto-estima, o encantamento pela profissão e a redescoberta das próprias potencialidades.

[...] destaco como importantes os estudos que acontecem semanalmente, em reuniões pedagógicas, em reuniões setoriais, estudos mensais com professores de todos os níveis de ensino, aos sábados, o aprofundamento sobre a disciplina de Ensino Religioso, por exemplo. O encontro de estudo com todo o grupo quando abordamos vários temas importantes. Um deles, é a avaliação, essa necessidade de estar avaliando cada criança como única e individual. A gente precisa cuidar dessa individualidade [...] depois de todos esses estudos, sou uma pessoa apaixonada pela profissão e estou sempre procurando crescer.

Outro aspecto importante destacado pelos professores é o de perceber que sua **autoformação é um processo lento e gradativo que exige paciência e respeito pelo tempo de si e dos outros**.

Eu acho que para o meu eu, estou amadurecendo muito como pessoa, aprendendo a ser mais paciente, aguardar, porque tudo é um processo, uma coisa lenta. Para uns é num piscar de olhos; outros, levam um ano inteiro para desabrochar. Com esta formação, eu

aprendi que não é assim. Tem que ser devagar, e isto é em tudo na vida [...] como pessoa acho que melhorei muito em todos os sentidos. Estou mais calma, porque eu sou muito ansiosa. Hoje, vejo que é um processo lento, e que cada um tem o seu tempo.

Esse processo “do caminhar para si” é um projeto a ser construído no tempo de vida de cada um e transita pelo que “somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos de nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente” (JOSSO, 2004, p. 59). Em Merino (1999, p. 116), “o franciscano sente-se em tensão por superar-se incessantemente, pois nunca se acha acabado”. Seria perceptível a iluminação da consciência de si, o respeito pelo processo de si e do outro, permitindo-se aguardar pacientemente o tempo de cada um no permanente estado do vir a ser, humanos?

A mudança, na perspectiva da relação, remete-nos ao pensamento de que o ser humano, em sua essência, é um ser relacional e, por isso, consciente dessa verdade, torna-se um itinerante no processo de formar-se. Dessa forma, a atitude de reverência em suas relações transformam-no em um ser cada vez mais humanizado.

Segundo Merino (1999, p. 88), na visão franciscana, “a relação é religiosa, antropológica, histórica e mundana”. Para este autor, Francisco de Assis, em sua relação com Deus, descobre-se profundamente homem, sincero, alegre e liberto em sua religiosidade. Em sua relação com o outro, descobre a dimensão fraterna de comprometimento com a paz e a libertação, relacionando-se com o mundo, a descoberta de uma confraternização cósmica, de respeito pelas coisas e por uma cultura de libertação. De sua relação com a história, vem o respeito pelo momento presente, pelos valores culturais e o desenvolvimento do esforço por uma cultura do amor, da libertação e da promoção da vida humana. Em sua relação consigo mesmo, descobre suas virtudes e a confiança em si próprio. Daí, entende-se que a dimensão relacional na visão franciscana parte do vivido para a teorização.

A pessoa humana, como ser inacabado, busca de alguma forma suprir essa inquietude. O outro torna-se desafio, concorrente ou parceiro, dependendo dos nós de relações que são estabelecidos. A relação com o outro requer confiança, escuta, aprendizado mútuo, respeito, discernimento e humildade para que possa fluir e abrir novos horizontes.

Na visão dos professores, as leituras sobre obras de pensadores franciscanos que despertaram para o trabalho numa linha humanista, tanto no aspecto pessoal quanto profissional, foram consideradas relevantes.

As leituras que nós fizemos sobre as obras de Antonio Merino foram importantes porque as pessoas hoje estão se tornando muito individualistas. Estão pensando muito no ter e não no ser. Estão esquecendo esse lado fraterno, humanista. Essas leituras modificaram-me muito. Até a minha vida modificou depois que entrei aqui, porque eu não conhecia muito a vida de Francisco de Assis e, na verdade, eu me apaixonei por isso. E a gente leva muito a sério tudo isso para a vida pessoal e temos que internalizar, porque se a gente não internaliza se não faz o gancho, fica difícil. Estamos trabalhando numa escola que preza esses valores que são essenciais na vida humana [...] às vezes, as famílias esquecem esse lado humanista e percebe-se que quando a família não participa muito, a criança se sente abandonada, sozinha e necessita mais ainda desse afeto, desse apoio da escola.

A fala dos professores, ao referirem que as pessoas hoje não estão preocupadas com a essência, encontra sentido em Moreira (2006, p. 210), quando diz que o homem moderno é dilacerado por uma infinidade de solicitações, projetos, desejos, compromissos e planos. Para o autor, nós, homens modernos, “estamos dispersos, atarantados, distraídos”. Ao citar Heidgger, o autor afirma que o modo de ser moderno é o da “distração e do esquecimento do essencial. [...] a modernidade criou a civilização dos contabilistas que operam pelo cálculo do custo-benefício, pela desconfiança e pela esperteza”. Isso justifica, na visão dos professores, um ser humano individualista e sem compromisso com o outro. Por isso, há o valor e o encantamento por uma proposta na linha dos valores humanos.

Quanto à mudança de valores em minha vida, percebo que desde o momento que comecei a trabalhar aqui e comecei a conhecer a vida de Francisco de Assis, eu internalizei esses valores. A minha forma de ser, de agir com as pessoas, a forma de ver a vida, mudou muito. Apesar de sempre ter sido uma pessoa cristã, passei a valorizar mais através do meu trabalho e também das minhas vivências, ser mais fraterna, ser muito mais humanos meus relacionamentos, entender mais as pessoas. Às vezes a gente não consegue entender, é difícil entender, colocar-se no lugar do outro; essa questão da alteridade é difícil, mas sabemos que isso hoje, é muito importante.

O olhar sobre o aspecto profissional ajuda a iluminar o olhar sobre o ser essência e, conseqüentemente, o professor se torna um profissional diferente. É

possível perceber, nessa fala, a imbricação entre o ser e o fazer. Fica evidente que, se olhar para o profissional, aspectos precisam ser mudados no eu e, quando se olha o eu, o profissional precisa ser diferente. Então, a fala anterior mostra que há uma intersecção, apontando que a educação continuada age exatamente na essência da pessoa. O eu se exterioriza em qualquer profissão, em qualquer fazer.

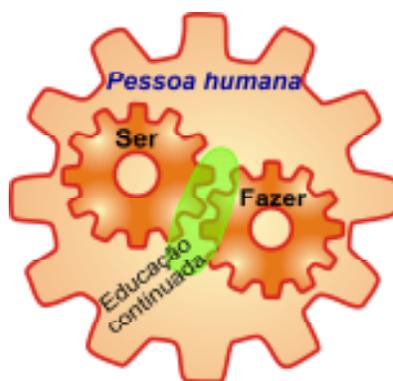


Figura 1 - Entrelaçamento do Ser e do fazer

Fonte: Autora, (2007).

A educação continuada provoca movimento na engrenagem motivadora do Ser para o fazer, o que, no contato com outras pessoas, dá o sentido itinerante da pessoa humana como ser inacabado e sempre em processo de fazer-se.

O relacionamento entre os colegas foi mencionado pelos entrevistados como fator de destaque do projeto de educação continuada oferecido pela escola. Obviamente que, internalizando valores, tornando-se mais humano, mais fraterno, levando a sério esse processo de autoformação, como consequência desse investimento e dessa mudança no eu, haverá um reflexo no relacionamento com os colegas.

Acho importante a sistemática dos encontros, pois nos primeiros, quando tinha que abraçar todos os colegas que eu ainda não conhecia, era um pânico, uma vergonha. Porque nós temos o costume de ficar com nosso grupinho, porque é aquele que conhecemos, e isso é uma questão de segurança. E esse tipo de trabalho desinstala [...] no tempo de Faculdade, quando os professores propunham trabalhos em grupo e faziam a proposta de misturar para integrar mais a turma, a tendência era permanecer sempre nos mesmos grupos, trabalhar com aqueles que estão ali pertinho [...] os alunos adultos são resistentes, não se misturam, acho essa atitude um atraso, porque você se priva de conhecer outras pessoas. Hoje, após a experiência que a escola proporcionou, esse processo é tranquilo, não sinto dificuldade de ir para qualquer grupo que tiver que ir, já conheço todo mundo dentro da escola e já estou acostumado com essa visão de relacionamento, de

conversar, de me dar bem com os colegas de diversos níveis de ensino [...] no início, dá um certo medo, desinstala e, naturalmente, a gente oferece uma certa resistência.

Os professores manifestaram que, no momento de estudo e debate nos grupos, inicialmente, os participantes não quiseram se expor, mas, aos poucos, foram interagindo, conhecendo e percebendo que os colegas tinham os mesmos medos, as mesmas dificuldades. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto, de distribuir, antecipadamente, os grupos, oportunizou a experiência de sair do seu *grupinho* e conhecer outros professores. Nesse sentido, afirma Merino (1999, p. 51):

a vivência, como experiência da vida vivida, é mais do que uma com-ciência das coisas, é um saber superior e iluminador que alcança a categoria de sabedoria, pois trata de viver a vida a partir de dentro como uma dimensão unitária do homem com seu mundo exterior e interior. Por conseguinte, mais do que de teorias e sistemas, necessitamos de verdadeiras e profundas experiências, de autênticas vivências que são a fonte e a origem das teorias e dos sistemas.

Esse aspecto é ratificado pelos professores quando referem que, **com essa experiência eu saí da minha “casquinha”. Essa nossa prática me fez voltar e refletir sobre valores fundamentais, como a amizade, o respeito e eu saía daqui sempre entusiasmada e comentava na minha casa sobre tudo o que a gente vem estudando.** Com esse projeto de educação continuada os professores descobrem que **ser professor é reformular sempre, numa eterna construção, porque sempre tem mais e mais para descobrir e construir.**

Estaria perceptível, nessas falas, a importância do projeto de educação continuada cuja sistemática de agrupamento dos professores para a discussão leva em consideração a quebra do corporativismo em vista do crescimento coletivo? Seria viável a mudança de paradigma, promovendo a integração de grupos cujas concepções diferem pelo simples fato daquilo que é estranho para ambos?

Quanto à mudança de valores a partir dos estudos realizados, os professores percebem que, na escola onde atuam, os valores humanizadores estão enraizados em sua prática. Relatam que, em suas vidas, procuram ser pessoas mais fraternas e consideram que, no momento em que tratam as pessoas de forma mais humana e

com amor, todos se sentem melhores, as pessoas se sentem acolhidas. Afirmam que a **união faz a força** e pensam que **a escola tem uma proposta humanizadora maravilhosa**, e que o trabalho consegue fluir pela participação das famílias às propostas da escola. Acreditam que o projeto pedagógico, isto é, a pedagogia da escola está de acordo com aquilo que estão estudando e consideram que **a união entre o grupo é muito forte**.

Os professores concordam que **a ênfase que a escola deve dar ao cultivo de valores é muito mais na linha humanista, porque, na linha do conhecimento, o trabalho é muito mais fácil**. Percebem que os alunos vêm para a escola com muitas informações, com muitos conhecimentos, mesmo que de forma desorganizada. Segundo eles, o desafio para o professor é proporcionar a organização dessas informações e desses conhecimentos.

Desenvolver, aprimorar e estabelecer regras, pois eles precisam de regras, porque muitas vezes eles não conseguem obedecer, ultrapassam limites e não se dão conta. O professor faz refletir e eles repensam e retomam [...] porque a parte cognitiva não é difícil, porque a escola é rica em material didático, laboratórios. Quanto a isso, vai do professor aproveitar tudo isso.

É possível reforçar, pelo depoimento, a visão do humanismo franciscano que pressupõe regras de boa convivência, considerando limites que respeitem as diferenças individuais, sem desconsiderar o crescimento do grupo.

Para os entrevistados, a leitura provoca, no professor, mudança na forma de ver as coisas, oportuniza uma outra visão de mundo, **abertura para novos horizontes** e o contato com o outro proporciona um agir de diferentes maneiras. Segundo Merino (1999, p. 65):

[...] em Francisco de Assis reinou a intuição afetiva sobre o pensamento, igualmente na escola franciscana reinou a intuição emotiva como meio para conhecer o real e sintonizar com ele [...] a ciência caracteriza-se pelo conhecimento das primeiras causas e das últimas razões; a sabedoria, ou a sapiência caracteriza-se por buscar e encontrar valores que são estímulo, não só do conhecer mas também do viver e do sentir.

Nessa perspectiva, os professores manifestam inquietação quanto à incoerência de vida que gera crise de identidade.

Quanto à questão de valores, algo que me incomoda, tanto como cidadão, ou enquanto professor, é essa crise de identidade no mundo, que também vai incidir numa crise de valores [...] quando falo em identidade, falo do papel do professor, do papel do pai, do papel do adolescente, do papel do aluno [...] a sociedade conseguiu confundir, talvez inconscientemente tenha feito essa confusão, o que resultou numa crise de identidade [...] valor é uma coisa que a gente elege, é uma escolha cultural. Não existe um valor maior ou menor atribuído às coisas em si.

Seria possível uma mudança de vida sem a internalização de valores que identifiquem o ser humano como um ser de inteireza, ou ainda, como alguém identificado com o processo do que deverá ser? Para Merino (1999, p. 96), “o perigo da pessoa humana consiste em sentir-se segura de si mesma, como se ela já fosse o que deveria ser, pois o homem não se define só pelo que é, mas, principalmente, pelo que deve ser”.

Por isso, segundo os professores, é importante essa oportunidade que a escola está oferecendo, resignificando não só nos estudos, mas também na reflexão da vida. Para eles, é preciso rever alguns aspectos da própria sociedade como mais importantes na vida. No mundo capitalista, o meio se tornou fim; a moeda é considerada mais importante, vive-se uma grande crise de identidade. Essa crise, na visão do autor (1999, p. 46), “é uma crise de profundidade que só pode ser resolvida a partir da profundidade”.

O grande desafio para nós, professores, primeiro é recuperar o significado de identidade do próprio ser humano, isto é, repor a pessoa como centro, como valor fundamental dentro daquilo que considero importante, também na visão da minha própria formação [...] fazer com que o mundo, a sociedade, nossas atividades, de alguma forma, contemplem e evidenciem essa realidade, que como pessoa perdemos um pouco [...] Considero um grande desafio aprender como vamos redescobrir o humano no meio de tantas novidades, tantos mecanismos, tantos métodos, tantos autores, pois corremos o risco de começar evidenciar o que é secundário, em detrimento daquilo que é importante e essencial.

Essa fala evidenciaria a necessidade de humanização da qual carece essa sociedade individualista em se vive? Talvez a sede da sociedade moderna encontrasse respaldo no pensamento de Merino (1999, p. 194), quando propõe que, “para humanizar o homem, é necessário humanizar antes as estruturas econômicas e sociais, juntamente com as relações do homem com o homem”. Nesse caso, é

possível repor a pessoa humana como valor central no processo de formação e não o inverso, centralizando as demandas do mercado.

Os professores enfatizam igualmente que o projeto provoca mudança, principalmente na vida pessoal, no que se refere aos valores, à postura de vida, além da prática pedagógica.

As mudanças mais visíveis que percebo são na questão dos valores que estão muito arraigados no trabalho da gente, porque quando você está no grande grupo, discutindo com pessoas que trazem idéias, experiências diferentes, é uma coisa, depois, quando você vai para a sala de aula, você precisa compartilhar isso com as crianças, com as pessoas que estão a sua volta, é diferente. Então, acho que a questão dos valores, de flexibilidade, o aceitar, o respeitar, isso é visível, no contato com o outro dentro da sala de aula.

Um trabalho coerente e competente. O crescimento é um todo, é na totalidade. Não há como crescer apenas no profissional [...] o projeto me oportuniza, me ajuda em primeiro lugar num crescimento pessoal, porque estou aprimorando a mim mesma para depois levar isso ao outro. Pessoal e profissional é um todo. Até porque, os temas que foram abordados, envolvem o meu dia a dia enquanto pessoa, enquanto mãe, esposa.

É uma mudança pessoal, de atitudes, de pensamentos. Aos poucos, a gente vai incorporando isso para a vida da gente e o aluno vai sentindo isso. Então, a importância fundamental seria a mudança de postura do professor. E isso só é alcançado através da educação continuada, dos estudos, de todo o suporte teórico que nos é oferecido pela participação no projeto. É a leitura e o confronto com a prática.

Estariam esses depoimentos revelando um grau de consciência próximo do estado de iluminação conforme o entendimento de Tolle (2007), quando os professores dizem que o projeto oportuniza um aprimoramento pessoal que incide sobre o profissional no que diz respeito ao relacionamento com o aluno, fazendo-o despertar para valores como flexibilidade, aceitação e respeito pelo aluno?

Os professores reafirmam a importância dessa parada que a escola propõe, pois propicia uma tomada de consciência de qual é a visão de mundo que se tem. É a partir dessa visão que se expressa a compreensão de pessoa. Para eles, o mundo, a humanidade nunca foi tão carente de significado de vida, quanto na

atualidade, e declaram a necessidade de que os professores tenham uma visão mais madura e mais sábia das coisas.

Nesse sentido, Moreira (2007, p. 206), no texto “o medieval franciscano como provocação para o ser”, refere que “os homens modernos vivem entulhados de objetos e não conhecem a gratuidade da vida. Vivem privados da inteireza e da radicalidade no sentir e no agir” (p. 211) cotidiano. Para o autor, “nós modernos estamos entupidos de diversão, de imagens, ruídos, mercadorias, projetos e, sobretudo do pensamento, que é preciso seguir em frente, sem perguntar aonde isso vai dar...” (p. 211).

Essas mudanças acabam sendo discutidas e interferindo durante os momentos de estudos, como é o caso, por exemplo, dessa discussão sobre os problemas ambientais. Isso faz com que toda vez que eu vou lidar com o lixo em casa, ou quando vejo lixo em sala de aula, quando vejo um aluno tendo uma atitude que fere aquilo que a humanidade mais precisa hoje, que é a paz ou talvez mais respeito ao meio ambiente, me dou conta de que minha hierarquia de valores, também é questionável.

Os professores declaram que, nos momentos de estudo, de alguma forma param e, na troca de idéias com os colegas, surgem dicas, sugestões e possibilidades de como realizar o trabalho docente, **embora um trabalho anônimo, secreto e vagaroso, pode, aos poucos, mudar, reinvertendo a lógica na visão de uma sociedade que se materializou e se imediatizou demais, devido à automatização do mundo moderno.** Para eles, o imediatismo fez com que as pessoas esquecessem que, para um processo mais qualificado, demorado, exige-se a participação maior e salientam a importância de não perderem o foco de que **a pessoa é o centro do processo.** No entendimento de Merino (1999), a intuição e a sensibilidade, na ótica de Francisco de Assis, remetem a uma visão e interpretação singulares, no modo de tratar o outro e diante da vida, pois a elaboração e a estruturação do sistema antropológico humanista revelam que a teoria vem depois da prática e da experiência de vida, isto é, como corroboração desta. Segundo Franciscone, na pesquisa de mestrado em Educação/PUCRS, defendida em janeiro 2007, o entendimento sobre educação continuada de professores pós-graduados, quase que exclusivamente, aponta preocupação com o aspecto profissional. Tal idéia é o oposto do que se vê na presente pesquisa, na

qual educação continuada é considerada como um processo de construção do ser humano integral.

Eu aprendi isso em tudo o que eu faço. O que a sociedade te faz pensar? Ela te faz pensar que somos um número, mas eu aprendi que a gente, a pessoa da gente, é importante. Aprendi que a pessoa que se dá importância, que não fica esperando só dos outros, essa pessoa consegue conviver melhor com os outros. Nós temos que nos valorizar não no sentido de destaque, mas no sentido de ser competente, de dizer: eu posso, eu consigo, eu sei que vou conseguir.

Nessa linha de pensamento, arrisca-se a inferir que a proposta de educação continuada, como construção integral, poderia oportunizar o rompimento do paradigma de uma sociedade que impõe a idéia da impossibilidade de mudar uma cultura estabelecida. Tal inferência encontra respaldo no quadrante de Ken Wilber (2000), quando expressa que, se o eu aprende na cultura e a sociedade é o reflexo dessa cultura, a mudança do eu de cada um tem condições de imprimir por seus comportamentos outra cultura que, conseqüentemente, vai modificar a sociedade.

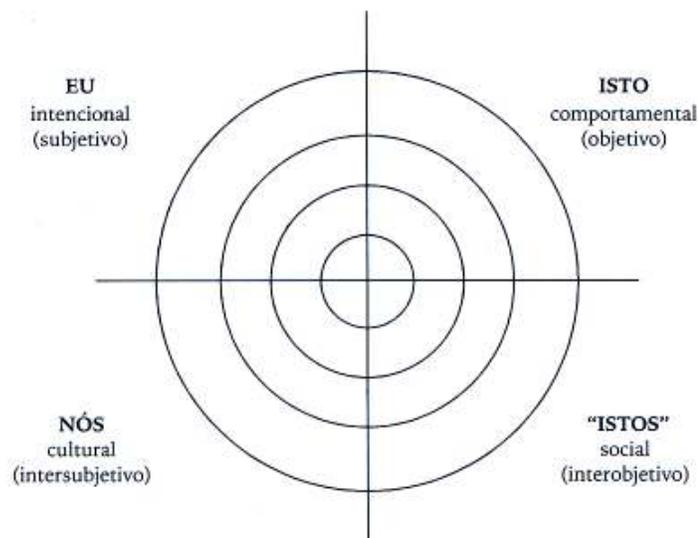


Figura 2 - O grande ninho com os quatro quadrantes

Fonte: Wilber (2000, p. 78).

Para os professores, a educação continuada tem reforçado os valores em que acreditam. Relatam ter consciência que os valores franciscanos trabalhados na escola, muitas vezes, são confrontados com a sociedade capitalista em que vivem.

Afirmam que é preciso **preparar o aluno para saber fazer suas escolhas diante da vida**, tanto para o crescimento profissional, como para o crescimento pessoal, para que **não se deixe influenciado somente pelo lado materialista da sociedade. Também se deve zelar para que não se prepare o aluno só para um vestibular ou só para o mercado de trabalho.** A propósito, Merino (1999) chama atenção sobre a verdadeira mudança sofrida pelo homem e cita Francisco de Assis, como modelo e exemplo da dimensão cotidiana da própria existência, pois mudou seu sentimento, criou um novo estilo de vida no interior da sociedade em que viveu. Essa idéia encontra também respaldo em Covey (2005), quando refere os três presentes que o ser humano recebe: princípios, livre arbítrio e a capacidade de gerenciar a vida (inteligência).

Os professores afirmam que cresceram muito com os estudos, sentem-se desafiados a **crescer** mais, a **procurar** mais, a **aprender** mais, a continuar estudando, realizando leituras, porque, às vezes, sentem que **estão “contra a maré”, numa sociedade em que as pessoas estão e são mais individualistas.** O aspecto familiar em relação à convivência foi focado como uma lacuna na construção dos valores:

Os alunos não possuem um almoço em família, um jantar em família, não convivem em família. Muito pouco tempo conversam com pais, avós, trocando experiência com quem tem experiência, sobre as questões de vida. Acho que aí está o problema. Eles conversam muito entre si, mas é diferente, não é a mesma coisa do que quando tu sentas para conversar com pai e mãe.

Cientes dessa lacuna, os professores estão fazendo esse papel, vivenciar e reforçar valores que foram se perdendo, orientando e indicando caminhos para toda a família. A idéia de partilha foi apontada como fundamental nesse processo relacional, porque **a gente está fazendo educação continuada com os pais, no momento em que estamos conversando com eles, no momento em que eles chegam para uma reunião, abertos para conversar. Eles aprendem isso com a gente, quando existe essa troca.**

Sendo assim, os professores consideram esse projeto promovido pela escola como importante aspecto de mudança, **a capacidade, a sensibilidade, esse cuidado que o professor deve ter de entender essa nova geração, que é**

bastante ligada aos meios de comunicação, algo bastante recente, uma coisa nova. Nesse sentido, dentro da perspectiva franciscana, encontramos em Bernardi (2003, p. 17) a idéia de que:

o ser humano serviu e serve ainda hoje como fonte de inspiração aos mais diferentes humanismos, pois para o franciscanismo conhecer o homem se tornou um desafio permanente, uma vez que está convencido que o próprio Deus o escolheu para se fazer presença visível no mundo.

Os professores reafirmam que mudou a forma de abordar o aluno, resultado do processo de reflexão **o respeito com que devemos fazer isso**, o esforço para compreender que o tempo que os alunos vivem hoje, é outro. **Nem melhor, nem pior, devemos ter essa atitude de tranqüilidade frente ao aluno, não tê-lo como um adversário de geração, um adversário humano ou de conceitos, mas é importante ajudá-lo na interpretação de seu próprio tempo. O mais importante mesmo é a nossa atitude humana de relação com os alunos.** Novamente, Merino (1999) alerta para a categoria relacional como dinamismo intrínseco no processo do construir-se pessoa.

Os professores mencionam a própria entrevista da pesquisa como parte da educação continuada, à medida que oportuniza um momento de parada e avaliação do seu próprio trabalho, porque depois de anos de prática muitos acreditam que não precisam se atualizar. **Continuam fazendo o que sempre fizeram, utilizando os mesmos instrumentos de avaliação que utilizavam no ano passado e não se dão conta de que, hoje, os desafios são outros.** Quanto à importância do olhar para si, referimos Josso (2004, p. 41), ao afirmar que “a reflexão é uma das formas de atenção consciente de si mesmo, possibilitando intervir na formação do sujeito de maneira criativa”, favorecendo a construção de “uma narrativa que emerge do embate paradoxal entre o passado e o futuro em favor do questionamento presente” (p. 41). Para a autora, a formação descreve os processos que nos identificam como pessoas profissionais, indicando, assim, “um dos caminhos para que o sujeito oriente, com lucidez, as próprias aprendizagens e o seu processo de formação” (p. 41).

Os entrevistados consideram a **mudança na relação com os alunos** uma evidência significativa na autoformação e registram que a literatura atual acena para

a idéia da convivência. Segundo Merino (2000, p. 57), “em suas tarefas diárias, a vida humana aparece entretecida e demarcada por uma infinidade de relações: pessoais, culturais, políticas, econômicas, assistenciais, lúdicas e vitais”. Cabe ao próprio ser humano decidir se, em seus encontros, quer estabelecer interdependências positivas que o construam humano ou simplesmente viver à margem desses encontros, estabelecendo relações opacas, desperdiçando as oportunidades de crescimento.

Eu acho que esse projeto me ajuda como pessoa no relacionamento com meu aluno, com meu colega. Também porque, no momento que temos oportunidade de participar de um projeto como este que a escola oferece, a gente aprende muito a saber ouvir o outro, a aproveitar a idéia que o outro tem, a trabalhar em equipe. Isso é uma evidência fundamental e também é importante, porque a gente não consegue nada sozinho. Se existem falhas, a gente, em equipe vai detectar o que falhou, qual foi o problema e tentar avaliar para mudar. Se existem vitórias, essas vitórias não são individuais. É uma vitória do grupo, da equipe como um todo.

Nesse sentido de mudança, as coordenadoras referem que o processo de estudo **mexeu muito com a estrutura profissional do professor. Hoje ele se questiona sobre suas práticas e seus relacionamentos. Procura novas formas de propor atividades e procura acompanhar mais o aluno em todos os sentidos, inclusive como pessoa que convive com ele. O professor se dá conta que precisa chegar mais perto do aluno.** Na visão das coordenadoras, na relação com seus pares, o professor, hoje, **está mais maduro e sabe separar conflitos de ordem profissional da questão pessoal.**

A relação professor x professor acho que é bem interessante para a gente que coordena, porque me parece que, às vezes, ela fica conflituada, nos dias da reunião. Na reunião, eles discutem e ficam tensos, mas a maturidade profissional contribuiu para que, no cotidiano, eles voltem ao bom relacionamento. Parece que quebram os pratos como se diz, durante a reunião, mas entendem que aquilo fica no plano intelectual, no plano da idéia, da discussão, que aquilo não prejudica o relacionamento.

É possível verificar que a relação dentro da sala de aula e entre as professoras está se modificando e está promovendo uma qualidade maior. Passou do plano da linha pessoal. Hoje elas discutem e entendem que aquilo faz parte das idéias e conceitos, são pontos de vista e que cada uma é profissional. Cada uma sabe que a partir daquela discussão pode trabalhar dentro da sala de aula do seu jeito.

É, no encontro, olhando para o outro que se consegue duvidar das próprias certezas. A idéia da equipe, do projeto comum presente nesta fala nos remete a indagações, tais como: estariam subjacentes, nos depoimentos, valores como solidariedade, confraternização, fraternidade, humildade, reconhecimento, consideração, confiabilidade, lealdade para que o trabalho realmente aconteça? Seria, então, possível perceber, implícita e explicitamente, a importância da construção que é individual, e também coletiva? Ou ainda: estaria perceptível nas falas o valor do processo de autoconstrução que é singular, e também coletivo? Encontra-se em Merino (1999) o suporte para a idéia de interdependência no processo de formação do ser humano, quando diz que “o existente humano forja-se na solidão e desenvolve-se na comunidade. Independência e entrega, autonomia e heteronomia, solidão e convivência são momentos dialéticos da pessoa humana que a impulsionam incessantemente a sínteses nunca acabadas” (MERINO, 1999, p. 199).

Na mesma linha do encontro, da interdependência entre as pessoas, um professor aponta a obra de Gabriel Chalita, “Pedagogia do amor”, como uma leitura muito interessante e afirma que, a partir dessa leitura, começou a perceber um pouco mais essa questão do amor, do afeto, do relacionamento, pois **primeiro precisamos estabelecer um relacionamento de confiança com o aluno e, a partir daí, o resto, com certeza, vêm [...] aspectos como convívio, resgate dos valores que estão se perdendo.** Segundo Covey (2005), confiabilidade se estabelece a partir do que se é e pelo que os outros são e que mutuamente se inspiram. A partir da confiabilidade, que nada mais é do que dignidade reconhecida, maturidade percebida na coerência com o que pensa, diz e faz, aliada ao sentimento de abundância, surge a confiança. A confiabilidade é o primeiro princípio para que se estabeleça um relacionamento de confiança. Então, é preciso investir na confiabilidade, o que reforça como princípio do “eu” de cada um o investimento em educação continuada.

Considerando a indagação sobre o processo de autoformação, tanto no investimento a partir da própria necessidade como na formação oferecida pela escola, ficou evidente que os professores consideram a educação continuada que vêm desenvolvendo em sua caminhada profissional como algo positivo,

enriquecedor e formativo e percebem-se comprometidos com as mudanças em si próprios e em seus relacionamentos. Avaliam os investimentos em si mesmos, como necessários e essenciais para a construção de si, evidenciando, dessa forma, a mudança de paradigmas, como fator preponderante em sua perspectiva de vida. Contemplam, em seus depoimentos sobre a caminhada de formação, a perspectiva defendida por Josso (2004), como tudo aquilo que constitui o processo de formação ao longo da vida.

3.3.2 SER EM AÇÃO: evidências de mudança

À medida que os professores consideram que a mudança na prática pedagógica se evidencia no dia a dia, na sala, na postura e no relacionamento que a pessoa mantém com o outro, *com* e *no* mundo, a prática pedagógica nada mais é do que um desvelamento daquilo que o sujeito é como ser em sua essência.

Conseqüentemente, sendo a prática pedagógica reveladora do que o professor pensa, sente, significa e faz em sala de aula, para que a mudança aconteça rumo a um paradigma humanista, o docente necessita investir na reavaliação de suas crenças, pressupostos, ideário e valores no ser e fazer pedagógico. Sabe-se que esse processo de mudança não acontece de forma instantânea, mas de forma processual, construindo-se lentamente pelo estudo, autoformação, pela auto-reflexão, análise, confronto a partir de diretrizes legais e culturais da sociedade, possibilitando uma visão integral da educação como tal. Com a ampliação de leituras, passa-se a questionar a visão de sociedade, de mundo e, em decorrência, a necessidade de mudança da prática pedagógica dos professores, cientes do não desvinculamento do ser pessoa.

O crescimento pessoal e profissional tem lugar no momento em que a pessoa se desvincula de concepções enraizadas em sua mente e se lança para o novo, desafiando-se a novas possibilidades, concepções e construções, desencadeadas pelo estudo e reflexão. O processo de mudança provocado pelo projeto afeta significativamente os professores na construção de si e, conseqüentemente, nas

ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e, portanto, algo vinculado à relação com o outro. Isso é importante ser considerado neste momento da análise. Nessa linha de pensamento, é válida a idéia de Josso (2004, p. 205) cujo entendimento sobre a “impermanência” do conhecimento e de nossa própria existência refere que o ser humano deve “construir-se formando-se e formar-se construindo-se”, (p. 205) e mais, “deve produzir conhecimento para criar sentido e produzir sentido para criar conhecimento” (p. 205). Isso justifica uma atitude de tornar-se consciente da sua realidade mutante como ser em devir.

Nessa perspectiva, os entrevistados consideram que, a partir do projeto de educação continuada oferecido pela escola, **evidencia-se um processo de mudança tanto na prática pedagógica no dia a dia da sala de aula, como na postura de relacionamento com o outro e com o mundo.** Reafirmam, com isso, que **a prática pedagógica é o desvelamento daquilo que o professor é e o que o professor é se concretiza no dia a dia, porque seria uma incoerência se, no ambiente de sala de aula, o professor tivesse um discurso diferente.**

Os professores destacaram que o projeto de educação continuada despertou para um maior cuidado com a metodologia, considerando a possibilidade de envolvimento de todos os alunos.

A gente fica bem mais atenta à maneira, ao método, às estratégias que a gente usa para que o conhecimento possa chegar até ao aluno, porque aquela visão que eu tinha de que o professor chegava na sala de aula e falava, falava, já era. Hoje, existe essa troca, e isso tem favorecido a mudança de estratégias na sala de aula [...] acredito que os estudos, todo esse acompanhamento dentro dessa formação continuada me possibilitaram entender que é preciso atingir uma totalidade na sala de aula, porque meu objetivo são todos os alunos. Porque, às vezes, o professor vai pela maioria. Se a maioria entendeu, a maioria aprendeu. Mas, se tem um ou dois que não aprenderam, eu precisei olhar de uma forma diferente e isso aprendi com os estudos.

Além da mudança no sistema de trabalhar **que era de trazer tudo muito pronto para o aluno**, por achar que os alunos **não tinham condições de construir**, hoje, após o processo de estudo e reflexão em relação à sua prática de sala de aula, os professores percebem **que não precisam trazer as coisas prontas, porque o aluno sabe muito e, inclusive, contribui com o professor no processo de construção do conhecimento. A gente vem para a sala de aula**

com um esquema, com um propósito, mas agrega a isso o conhecimento do aluno. Isso é importante, mas exige muito mais atenção do professor, caso contrário a aula se torna monótona, sem brilho, sem vida. Fica evidente que o professor deve desenvolver um olhar atento para instigar o potencial dos alunos. Saber negociar a aula com eles, sem perder, entretanto seus propósitos e objetivos e sem descuidar das suas exigências profissionais, o que consideram ser uma arte. É preciso diferenciar as atividades, pois os alunos têm interesses diferentes, ter atitude crítica, ver o que está bom e o que pode ser melhorado no trabalho. Os professores acreditam que precisam crescer, porque **não são donos do conhecimento**: são mediadores na construção do conhecimento, pois a criança já vem com conhecimento de mundo para a escola. Ela já traz uma bagagem cultural.

Eu tinha uma visão de uniformidade, tinha que ser tudo muito igual, muito uniforme. Até uma avaliação eu acreditava que todos tinham condições de dar o mesmo resultado, da mesma maneira. Hoje, vejo que existem ritmos diferentes, vejo que o aluno sabe e que ele contribui, mas preciso eleger maneiras diferenciadas de trabalhar em sala de aula para atender os diversos grupos de alunos, preciso ter essa sensibilidade, preciso perceber essas necessidades diferenciadas [...] e o projeto oferecido pela escola me ajudou no sentido de eu perceber que, na minha sala de aula não cabe uma uniformidade.

Há quatro anos, quando entrei aqui, sem ter todos esses encontros de formação, eu sabia que tinha que ir para a sala de aula de NB, com o caderninho e se ele estivesse cheio, significava uma excelente professora. Isso me dava segurança. Hoje, após os estudos, com a segurança que tenho, posso passar a tarde inteira sentada na areia, trabalhando com eles a letrinha. Antigamente, eu ficava a tarde inteira na sala de aula, no caderninho. Hoje é diferente, eu sei o que eu quero.

Nesse sentido, é imprescindível o cuidado que o professor deve ter em sala de aula, no que concerne ao respeito à individualidade, ao processo de instigar a criatividade, para o atendimento aos diferentes interesses: é o estar atento para a diversificação de metodologias que contemplem a pluralidade de interesses.

O projeto de educação continuada, segundo eles, vai ao encontro do fazer pedagógico, porque possibilita um pensar sobre a ação e as crenças pedagógicas, gerando um confronto da prática diária com as leituras que realizam.

Isso faz com que a gente repense e ache um meio termo, um equilíbrio na prática pedagógica [...] percebo que muito do que já fiz, tenho aperfeiçoado como também tenho descartado experiências que vi que não deram certo. Isso só foi possível pela questão constante de avaliação daquilo que a gente vem fazendo que é proposto pelos nossos encontros de educação continuada.

Nesse processo de qualificar a ação em sala de aula, também as coordenadoras percebem atitude de mudança na postura dos professores. É possível verificar **que a relação está cada vez melhor com as famílias, porque o professor passou de** uma postura de alguém que ensina para ser um professor que aprende.

Vejo que no momento em que o professor começou a se conhecer melhor e entender a sua potencialidade dentro da sala de aula, conseguiu perceber que ele não é o melhor, mas que está buscando desempenhar um papel e precisa da ajuda dos outros para construir algo na educação. Assim, ele abre a oportunidade para trazer a família para dentro da escola para trabalhar uma palestra, para ajudá-lo dentro da sala de aula, não como uma quebra de autoridade ou uma falta de competência dele próprio, mas passa a entender isso como algo positivo. São pessoas que estão se ajudando em favor da educação.

Para as coordenadoras, a presença dos alunos nos encontros de estudo foi significativa no processo de mudança dos professores, por isso **quer-se registrar a contribuição que os alunos deram nos grupos, nas reflexões, trazendo um contraponto diferente, porque eles têm a visão de como tudo isso chega na sala de aula.**

Em todas as reuniões a presença dos alunos foi muito boa. Isso é muito bom, é muito válido, porque a gente observa que no início alguns colegas professores tinham receio da participação dos alunos, em relação à exposição, mas os próprios alunos ao escolherem em que grupos eles queriam ficar e isso para estar mais perto de um determinado professor e poder discutir mais com ele sobre dificuldades encontradas em sala de aula, ajudou muito.

Acho que isso nos dá um outro olhar, porque nós coordenadores temos uma visão, quando vamos até a sala de aula, quando a gente recebe um aluno. Mas quando o aluno vem para a reunião de formação, o professor sai um pouquinho daquele papel de professor, porque ele está num momento de estudo e o aluno que está no grupo é seu colega de estudo. Então, me parece que a contribuição do aluno tem outro teor, é diferente. Por exemplo, se fosse em sala de aula e o aluno levantasse a mão e dissesse: professor olha, não estou

gostando da sua aula teria um significado. Mas na reunião, eles estão sentados lado a lado, estudando e o aluno dá esses toques e o professor vai introjetando, de uma forma bem mais tranqüila.

Estariam esses professores fazendo “o salto momentoso” para outro nível de consciência, conforme Wilber (2000, p. 22), ao referir Clare Greves, in: *A teoria de um tudo*, quando exteriorizam o olhar daquilo que fazem, conscientes de que existem coisas que precisam ser descartadas, outras que devem permanecer e outras tantas que devem ser acrescentadas? Estaria evidenciado nas falas o quanto os professores já introjetaram essa nova atitude paradigmática que a escola vem propondo? Teriam os professores consciência da necessidade de mudar a partir das reflexões sobre sua prática pedagógica, tendo a coragem de quebrar o paradigma vigente para assumir o emergente, quando se percebem como seres em construção?

Um entrevistado fez referência ao tempo em que cursou especialização, destacando a fala de uma professora, chamando atenção para a reflexão de três questões: **o que eu quero para meu aluno? O que os pais querem para o filho? O que o meu aluno realmente quer?** Esse professor relata que, sempre que vai propor uma atividade para seus alunos, questiona-se frente a esses três aspectos, porque nem sempre o que os alunos querem está de acordo com o que o professor está oferecendo. De igual forma, outro professor ratifica a importância em atender a esses aspectos na prática pedagógica:

antes dos estudos, sempre que eu tinha que trabalhar matemática com o NB, eu ia para a sala de aula e dizia vamos lá: número 1, uma bolinha, número 2, duas bolinhas.[...] Hoje, minha atitude mudou porque me dou conta do que é que meu aluno quer, passei a respeitá-lo [...] Não significa que nós vamos esquecer nosso objetivo como professores, mas é saber criar alternativas[...] Lembro-me que eles adoravam ir para a quadra e sempre me diziam: queremos ir brincar na quadra, não gostamos da sala de aula. A gente não gosta de caderno, porque dói a mão, no escrever [...] depois de todos esses estudos que fiz pergunto: o que vocês querem fazer? Queremos ir para a quadra brincar. Então vamos, mas só que a professora vai coordenar a brincadeira: vamos dividir em grupos de quatro, brincar de separar os grupos, vamos dividir meninas e meninos. Quantas meninas tem? Temos mais meninas ou mais meninos? Então vou estar trabalhando o que eu tinha me proposto que era matemática, mas da forma que eles querem.

O desafio de atender aos interesses dos alunos, propondo atividades significativas sem perder o foco da proposta de trabalho, leva o professor à busca de construir-se profissionalmente no processo diário de integração de si e de sua prática. Estaria implícito de forma subjacente no depoimento desse professor, conforme Josso (2004, p. 39), o resultado da experiência formadora, que promove uma aprendizagem cujos conhecimentos articulam, ao mesmo tempo, funcionalidade e significação tanto para si próprio como para a situação?

Para um dos professores, sua visão de educação sofreu mudanças a partir da educação continuada, porque, na graduação, a sua formação era específica para atender a alunos portadores de necessidades especiais. A partir do momento em que começou a trabalhar com Educação Infantil e a participar do projeto oferecido na escola, sente que cresceu muito, ampliou sua visão e se diz apaixonado pelo que faz. Fazer o curso Normal foi a primeira necessidade que sentiu ao começar a trabalhar com Educação Infantil.

Quando o professor toma consciência do real sentido da sua profissão e da necessidade desse permanente construir-se pela simples razão de ser em devir, ele se torna disponível para o investimento em si, aceitando a provocação de uma revolução em seu mundo pessoal e profissional. A pessoa humana, em sua totalidade pessoal e circunstancial, é, portanto, um ser em constante vir a ser pelo seu processo de autoformação. Nesse sentido, Merino (1999, p. 28) nos alerta que o ser humano

não deve esquecer que nada de importante se faz sem paixão; e a paixão se nutre de um amor. Mas o amor tem o trágico destino de não poder expandir-se indefinidamente sem perder em profundidade; ao mesmo tempo, tem, como contrapartida, o doce destino de transformar tudo aquilo que toca e tudo aquilo que a sua capacidade transformadora abraça.

A partir dos estudos da prática docente, os professores dizem estar mais atentos a si próprios e às coisas que estão ao seu redor. **Parece que passamos a ter mais criticidade, a estar sempre observando, olhando e pensando que podemos fazer diferente, que podemos ser diferente e acabamos saindo da mesmice, enfim, abrem-se os horizontes na prática.**

Estão preocupados com o ser humano e destacaram que, por meio dos estudos oferecidos pela escola, hoje percebem que o maior enfoque é a construção do cidadão que vai agir e conduzir a sociedade. Para eles, a sociedade vive um momento de crise em todos os aspectos. Entendem que, pelo seu trabalho em sala de aula, podem contribuir para que o aluno possa valorizar o ser humano, a vida, o ambiente em que está inserido e, principalmente, o próximo que está bem perto dele.

Como professor de História sempre pensei em fazer revolução, desde a época de faculdade e imaginava transformar o mundo através das aulas e do conteúdo. Questionava-me como fazer essa transformação: só ensinando, só criticando, só apontando culpados? Dei-me conta que o importante era fazer com que as pessoas tivessem consciência, e passei a sonhar em trabalhar numa escola pequena de periferia, para mostrar que aquelas pessoas são gente, têm direitos, têm participação na sociedade. Queria conscientizar lá na periferia. Mas acabei em escola particular, de centro de cidade e a partir dos estudos, percebi que é possível conscientizar e transformar educando aquele que tem mais condições, para uma consciência sobre a situação em que vive. A partir daí, percebi que meu papel como professor é ajudar aquele que tem mais a olhar aquele que não tem, que está na rua. Ajudar o que tem, a ver o outro como um ser humano e não como lixo da sociedade. Isso para mim foi a grande motivação, a grande preocupação em sala de aula, de fazer valorizar o outro principalmente, como irmão, como ser humano.

O depoimento acima encontraria sustentação na dialética entre o ser e o ter, proposta por Merino (1999, p. 263), quando diz que “o ter implica um re-ter, um de-ter, um suster, um entre-ter, quer dizer, uma apropriação, uma distração e uma dispersão nas quais o ser pessoal fica dissolvido e deformado”? Por outro lado, quando a pessoa humana recupera sua identidade “poderá alcançar seu próprio ser e encontrar seu justo lugar no mundo, com as coisas e entre os homens” (p. 263).

Convidados a expressarem sua compreensão **quanto ao projeto de educação continuada oferecido pela escola**, os professores destacaram sua importância **por promover ao profissional**, oportunidade para que pense e repense sua atuação em sala de aula, no que diz respeito ao **saber partilhar melhor as idéias. As pessoas estão aprendendo a conviver melhor em grupo, a saber aceitar a idéia do outro, recriar essa idéia, crescer, ajudar**. Com isso, há um **ganho tanto pessoal quanto para a escola** e destacam os valores como **saber acolher e saber respeitar**. Fica evidente nas falas dos professores que a mudança

do ser essência está entretecida ao ser em ação, confirmando a idéia de indissociabilidade da pessoa humana. Afirmam, ainda, que **à medida que os estudos de educação continuada vão acontecendo, eles promovem um despertar para a necessidade de estudar sempre mais.**

Quero ainda pontuar duas razões que essa iniciativa desperta ao fazer os professores estudar: primeiro reforça o interesse maior de estudar, naquelas pessoas que já têm o hábito do estudo e, em segundo aos poucos vai contagiando, também, aqueles que no início têm uma certa resistência, mas que depois, forçosamente, vão estudar [...]Talvez, não para culpar a formação que tivemos, mas porque a gente viveu durante muitos anos dentro dessa idéia de um saber pronto. Se eu dominava um conhecimento eu estava habilitado eternamente para trabalhar com aquilo. Hoje, com esses momentos de estudos, se reforça a idéia de que não existe um saber que não possa ser melhorado, revisado, readaptado.

Porque vivemos na era das relações, a era da informação, considero como um dos pontos centrais na relação com os alunos, a forma como se abordam as coisas, porque por ser de uma geração onde os meios de comunicação não eram tão fortes como hoje, não existia computador, TV a cabo, internet, não tínhamos um universo de informações que eles tem hoje. Então, nós precisamos ter mais cuidado na forma como vamos abordar o assunto, para não incorrer no erro de reforçar o que é importante para eles, mas ajudá-los a perceber e processar tudo isso, dando um passo adiante, na questão de tomada de consciência, porque esse universo de comunicação por si só, não representa conhecimento.

De forma subjacente, na fala dos professores, haveria um nível de consciência mais elevado, algo que ultrapassa o nível de sobrevivência, um atingimento do nível da sensibilidade? Seria possível vislumbrar o compromisso com a mudança do aluno com vistas à mudança da sociedade?

Outro aspecto citado para o processo de crescimento do professor foi **a interação, a troca de informações, a socialização de experiências entre os colegas do Ensino Fundamental – anos iniciais e finais e o Ensino Médio.**

Isso foi o que mais fez crescer, mexeu muito comigo, porque eu nunca tinha trabalhado com isso de poder sentar com os colegas, num grande grupo, de várias disciplinas, de vários níveis de ensino para discutir. Perceber, por exemplo, que a dificuldade que o aluno apresenta lá no 2º. Ano do Ensino Médio vem lá da 3ª.série e poder contribuir com o teu colega para que ele possa desenvolver melhor isso, dizer para o colega: olha estou tendo tal problema, será que tu podes me ajudar? Aí tu começa a entender como é que o processo

funciona. Essa troca acho importante [...] gosto da própria convivência com os colegas, porque isso me faz pensar sobre algumas coisas da prática. Coisas que eu não conseguia perceber no Ensino Fundamental, alguns fatos que não tenho base nem experiência por isso não tinha dimensão para avaliar.

Segundo Merino (1999, p. 200), “a vida humana é absolutamente individual e absolutamente comunitária. [...] goza, ao mesmo tempo, da individualidade, da singularidade, da liberdade e da dignidade, abre-se e relaciona-se com a pluralidade de pessoas, promovendo uma vida de participação”, ampliando a visão do já estabelecido. Seria possível perceber mudança de paradigma no momento em que professores socializam experiências numa interação de diferentes níveis de ensino?

Na visão dos professores, o projeto da escola **cria a necessidade de despertar para o estudo e o aprofundamento constante**, sendo uma relevante iniciativa e oportunidade de espaço e incentivo à construção do conhecimento.

Se eu comparar desde o início de minha carreira, quando comecei a dar aula até hoje, posso dizer que no início, até por inexperiência, eu não sentia tanta necessidade de discutir, tanto no Ensino religioso como na Filosofia, disciplinas que eu leciono. Parece que as coisas estavam mais acabadas [...] vejo como muito importante essa iniciativa da escola em oferecer certo espaço de estudo para os professores. Isso, na escola é uma tendência irreversível. O fato de a gente vir aqui, uma manhã, ler o texto e fazer a discussão, pareceu-me, no início, uma coisa desnecessária, uma perda de tempo. Parecia que o mais importante era a ação. Mas hoje, considero essa iniciativa da escola, em oferecer esse espaço para o estudo e, de certa forma, cobrar isso dos professores, algo que favorece a quem se sente estimulado a continuar aprofundando e a quem não tem o hábito de estudar, pelo menos vai criando as oportunidades e as situações e vai pegando o ritmo. Acho isso de suma importância.

Vejo extremamente significativa a proposta de educação continuada oferecida pela escola, porque proporciona segurança e dá o caminho para o profissional se atualizar para poder acompanhar a modernidade. Está havendo a oportunidade do profissional, dos colegas se inserirem numa pesquisa, numa leitura, por meio das reuniões de formação, dos encontros, dos debates de vários temas de estudo, a oportunidade até mesmo do desacomodar-se. Vejo isso positivamente e a primeira coisa que destaco é que essa questão da leitura mexe com o professor, porque, no geral, o professor lê pouco. É claro que existem as exceções.

Se, por um lado, é um desafio parar, estudar, debater, refletir, buscar caminhos, porque nem sempre se acha o caminho correto, é preciso voltar e reler

novamente para se fazer a descoberta, por outro lado, o projeto representa essa oportunidade de crescimento, pois mesmo que os textos não sejam específicos das disciplinas que os professores ministram, eles instigam à reflexão. **Não é o texto que vai resolver o meu problema, mas ele cria uma necessidade maior e, quando eu paro para discutir o tema com meu colega, vejo que a gente tem dificuldades comuns. Então, quanto mais a gente estuda, maior é a necessidade de busca de soluções, de respostas que, muitas vezes, são comuns.**

Acho que o profissional da área da educação deve manter sempre uma leitura constante, sobre diversos temas e, mais ainda, relacionados a sua área de atuação. Um dos aspectos positivos desta proposta de educação continuada da escola é o incentivo à leitura, porque é através dela que se consegue mais fundamentação teórica para aquilo que chamamos de prática. Não basta pensar: ah! Mas eu tenho a prática, eu tenho a sala de aula. Se não existe aquela sustentação teórica, não é possível.

Então, a incoerência na ação pedagógica do professor encontraria respaldo na falta de sustentação teórica, fruto da ausência de um projeto de educação continuada nas escolas de Educação Básica?

Os entrevistados entendem que é importante que a escola faça esse investimento em educação continuada, porque é seu **papel aguçar a vontade dos professores de buscar mais**, entretanto ampliam, **está na gente mesmo, no professor, ir em busca dessa formação**. Segundo os professores, o profissional da educação precisa estar constantemente atento às exigências sociais atuais. Para eles, às vezes, a inexperiência do início da carreira pode ser uma das causas que os leva a não sentir necessidade de estudar. Mas, à medida que começam a estudar, percebem a importância do aprimoramento constante. Nesse sentido, quanto ao cuidado que o professor deve ter com seu aperfeiçoamento, em respeito aos seus alunos, Freire (2000, p. 29) afirma que “ensinar exige rigorosidade metódica”, isso pressupõe que o professor seja alguém capaz de aprender criticamente, investindo em si próprio de forma contínua,

tendo a experiência da produção de certos saberes, mas não que estes saberes possam simplesmente ser transferidos aos educandos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem eles vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber

ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos.

Os depoimentos que seguem fortalecem a idéia do autor.

Os encontros que a gente tem na escola, de estudar textos, despertam uma necessidade [...] o estudar eu acho interessante. No início da minha carreira, como já mencionei anteriormente, não via tanta necessidade de estudar. Hoje eu não consigo viver sem isso. Porque é isso que me dá garantia de estar lá em sala de aula fazendo um trabalho que atenda um pouco melhor as circunstâncias que vivo hoje [...] esses encontros que a gente tem, favorecem para uma espécie de descoberta de que as coisas não estão prontas, que a gente tem que estar sempre retomando, voltando ao ponto inicial, para conseguir de alguma forma, encontrar o melhor caminho, com a ajuda dos outros.

A gente precisa pesquisar, questionar, estar em constante estudo. Acho a proposta da escola fantástica. Dificilmente há uma escola particular, do município, do estado que ofereça tanta educação continuada, como a gente tem aqui. Reuniões de formação, seminários, palestras, tudo o que a escola propicia sobre os aspectos da Pedagogia da escola e fora dela [...] desde que eu entrei aqui, estes quatro anos sempre, sempre, sempre, todos os anos a escola propicia estes momentos para que a gente possa estar crescendo na nossa formação.

Outro aspecto que os professores consideram significativo na proposta oferecida pela escola é o **embasamento teórico**, a segurança que esses estudos teóricos proporcionam ao fazer metodológico como fundamento, uma forma de melhorar a si próprios e avançar no crescimento profissional. Consideram que, sem esse embasamento, não seria possível perceber, avaliar e mudar a caminhada pedagógica em sala de aula.

Como aspectos importantes destaco dois pontos chave do projeto desenvolvido pela escola: o embasamento teórico que dá suporte, com textos de linguagem simples, de fácil compreensão para todos os professores e os estudos, porque sem os estudos é como sair em um barco sem leme, sem uma bússola. Na realidade, temos que ter um caminho. Talvez, os autores que estudamos não sejam os melhores, mas eles nos deram um bom suporte para a reflexão e a discussão e a gente cresceu muito como grupo. Discutimos mesmo, tanto no grande grupo, como no pequeno grupo [...] a leitura que eu tenho na parte de educação não é muita. Então, o Seminário Franciscano ajudou muito [...] foi muito construtivo, porque trouxe questões que eu realmente acreditava. Eu acho que o suporte teórico é fundamental, porque a partir dele você vai buscar outro. Ele é só uma provocação mesmo.

Para os professores entrevistados, o projeto da escola é muito importante, porque é a partir desse estudo que irão **embasar seu fazer pedagógico**, pois a prática da sala de aula depende de toda essa fundamentação que se dá pela leitura e estudo [...] **acho que se, nós professores, não tivéssemos essa oportunidade, se não estivéssemos sempre estudando, não teria por que estarmos aqui. Acho fundamental e muito importante a existência de um projeto de educação continuada.**

A descoberta das capacidades em mim, no grupo, coisas que não via antes deste processo de formação, destes desafios que estão sendo lançados nesta caminhada que estamos fazendo. Para mim, este processo está sendo uma descoberta e redescoberta do meu próprio potencial de professora. O meu crescimento pessoal e profissional está sendo o máximo [...] me vejo como alguém que está correndo atrás, tentando acompanhar. Às vezes penso que estou um pouco a frente de outros colegas.

A percepção de si, o dar-se conta das próprias potencialidades e limitações, as interações no grupo encontram respaldo em Tolle (2007, p. 223), quando fala sobre “o despertar da consciência como processo e não como acontecimento”. Para esse autor, “o despertar é uma mudança no estado de consciência que ocorre quando o pensamento perde o domínio da nossa vida, tornando-se servo da consciência, que é a ligação consciente com a inteligência universal”. Estaria implícito, no depoimento dos professores, que a educação continuada promove o despertar para a descoberta do eu interior, como espaço da construção do ser inteiro?

Os professores reconhecem que a escola oferece muitas oportunidades de estudo e asseguram sua importância, considerando o contexto atual de uma sociedade que vive a era da informação. Para eles, o estudo os remete para uma tomada de consciência sobre seu próprio trabalho. Por isso,

na escola estamos sempre estudando, trocando informações. Assim se pode ver com mais criticidade o trabalho que se está fazendo. O mundo oferece muitas informações, mas temos que ter consciência de que existe muito lixo eletrônico e que as crianças estão a mil, com muitas oportunidades de estarem num computador pesquisando.

A cobrança da sociedade é maior e os professores têm que saber, têm que estar informados, precisam estar sempre estudando [...] essa

atitude de busca de atualização é fundamental estar sempre atualizados, porque as crianças fazem muitas perguntas e nós precisamos estar informados, saber colocar, sistematizar, saber o que é bom e o que não é bom para elas. Aqui, na escola, a gente trabalha muito esse lado humanista.

Outro ponto de destaque levantado pelos professores, como evidência na ação pedagógica, é a retomada da avaliação como parte da prática educativa, que considera a pessoa humana como centro de todo o processo.

Com os estudos, aos poucos, o professor vai percebendo que não é o processo, não é o método, mas se confirma a importância de que, a pessoa é o centro da ação educativa [...] um estudo maior permite conversar com o aluno e ter mais flexibilidade, mas principalmente mais tranquilidade ao avaliá-lo, coisas que antes não eram tão claras [...] a experiência vai dando essa tranquilidade, mas um estudo mais sistemático, um conhecimento da cultura e da realidade em que a gente vive, também ajudam muito.

Na visão das coordenadoras, à medida que há crescimento e agregação de valores pedagógicos, automaticamente a avaliação vem se modificando, vem se transformando. Uma coordenadora exemplifica que,

[...] especificamente, numa determinada série, houve uma mudança de postura bem considerável nessa questão da concepção da avaliação de um bimestre para o outro. Havia uma proposta avaliativa desenvolvida no primeiro bimestre, por um grupo de professoras, e a partir de duas reuniões de estudos sobre o tema avaliação fez com que elas parassem e discutissem aquilo que estavam fazendo. Então, num curto espaço de tempo houve uma mudança grande [...] Elas tinham uma proposta metodológica, bastante dinâmica, bastante criativa, mas estavam engessadas num instrumento avaliativo e faziam tantas coisas lindas no bimestre, mas avaliavam somente pelo instrumento escrito. Isso não se convertia na nota do final. Depois desses encontros de reflexão, quando estudamos a necessidade de avaliar o aluno como um todo, de forma integral elas se perguntaram, porque o instrumento que a criança faz escrito tem que valer mais do que a expressão oral? A partir daí modificaram muito a proposta.

Os alunos confirmam o depoimento dos professores e das coordenadoras, quando dizem que a proposta de avaliação do colégio é muito boa, vai além do conteúdo, porque há preocupação dos professores no sentido de avaliar o aluno como um todo, como ele de fato é. Eles propõem formas inovadoras para avaliar o seu crescimento como pessoa. Os alunos percebem uma preocupação dos

professores em fazer uma avaliação qualitativa, no **sentido de ver o aluno como alguém que, além do conteúdo, está aprendendo os valores aprimorados no Sant'Anna para a vida.**

Reforçam, afirmando: **eu admiro muito o processo de avaliação do Sant'Anna, porque é um processo que não se prende só ao conteúdo, mas ensina e avalia para a vida. E acho que isso é uma coisa que todas as escolas deveriam ter, porque é um diferencial.**

Para alguns alunos, **o processo de avaliação do Sant'Anna está numa ordem crescente**, o que significa entender que o aluno precisa crescer em termos de nota e aquela nota deve referir-se, em igual proporção, ao conhecimento. Para eles,

isso é inovador, porque afinal de contas os alunos não são números. Somos avaliados pelas atitudes, pelo esforço, essa questão de ver o crescimento na caminhada do aluno. Eu percebo que, no processo avaliativo, existem inovações, por exemplo, quando o professor consegue trazer conteúdos de História Antiga e fazer a relação com a História de hoje. Na minha opinião, se um aluno consegue fazer essa relação, ele sabe fazer tudo, porque para nós o importante é o hoje.

No processo de avaliação, eu acho que, com as reuniões de estudos, o professor aprendeu a ver os alunos, não só como notas, mas passou a observar as atitudes em sala de aula com os colegas, com o próprio professor, porque, nessa fase da nossa vida, nós estamos acabando de construir a nossa personalidade que a gente vai levar pelo mundo a fora e o professor sabe e percebe o que deve ser mudado e aprimorado. Então, esse é o grande diferencial, eles estão nos ajudando a construir uma personalidade saudável de paz e de bem.

Os alunos complementam sobre a importância de que o professor avalie também a questão das atitudes do aluno, **porque a pessoa é um todo e não adianta o aluno ter dez em conhecimentos se, na sua relação com a sociedade, ele é uma pessoa que não respeita, não tem atitudes éticas de relacionamento de vida.** Outro posicionamento vai ao encontro dessa idéia:

Vejo que a questão qualitativa está muito presente no processo de avaliação da escola. Acho importante isso, porque numa prova em relação a conteúdo a gente pode simplesmente até copiar do colega e se dar super bem, mas nas atitudes a gente não pode olhar para o outro. Está impresso no olho da pessoa, está na gente.

Posso exemplificar minha posição, porque havia alguns professores que estavam ainda muito apegados à maneira antiga de dar aula, mas eu percebo que depois de todo esse processo, eles foram mudando a sua maneira de trabalhar e de avaliar. Eles passaram a olhar o aluno como um todo, não só a nota, mas o aluno como pessoa dentro da sala de aula. Eles passaram a respeitar e entender que, às vezes, por exemplo, o aluno gosta de Química, mas não gosta muito de Português, mas está se esforçando para conseguir aprender, mesmo que não goste. O professor passou a ver isso e a valorizar o empenho do aluno. Acho importante essa atitude do professor, porque o esforço e a participação do aluno passaram a ser avaliados e valorizados também.

Fica evidente pelos depoimentos dos alunos que o projeto desafia o professor pela mudança de paradigmas. A quebra de um modelo cristalizado de avaliação se torna possível a partir do processo da construção de si como pessoa e profissional, promovendo um novo modelo avaliativo, centrado na pessoa do aluno como ser inteiro.

Chama atenção, nos depoimentos, a coerência percebida pelos professores entre a proposta oferecida e a ação desenvolvida pela escola: **eu sinto o apoio de todo o corpo docente, da direção, funcionários e coordenação. Isso é muito forte aqui na escola. Acho que é por isso que aqui as pessoas se sentem bem, se sentem acolhidas, porque isso é fundamental.**

Um dos professores complementa e exemplifica a coerência, quando afirma que, **ao falar em interação professor aluno, também menciona o manejo da sala de aula que, para ele, significa coerência entre o que o professor diz e o que ele realmente faz.** Por outro lado, o professor manifesta seu descontentamento em relação à incoerência de seus professores, no curso que frequentou na universidade, destacando o aspecto da avaliação.

[...] o professor do mestrado está ali na tua frente e diz; tu não podes, não debes avaliar com prova, mas lá, só me avaliavam com provas. Tu debes avaliar o teu aluno de diversas formas, mas que diversas formas são essas, se não nos mostravam, na prática, essas diversas formas? É muito fácil dizer que tem que ser assim e tu não fazes. Parece que a coerência está entre discurso prática. No momento que tu percebes que a pessoa que está querendo te ensinar uma coisa, ela mesma não sabe fazer aquilo, não sabe na prática, só sabe o que os livros dizem, mas não na prática, aí perde o sentido [...] havia professores no curso que não olhavam pra gente, não sabiam o teu nome, numa turma de vinte alunos, depois de um semestre inteiro[...] Então, é lógico que não há como avaliar de outra forma se o professor não conhece o aluno, não sabe quem é o aluno.

Evidências de mudança são percebidas também na preocupação e no compromisso de um assumir mais efetivo do professor, em relação ao engajamento do aluno no mundo em que vive. Para os professores, assuntos que, hoje, estão na mídia, como é o caso do cuidado com o meio ambiente e que são estudados pelos professores, devem ser levados para a sala de aula não somente como informação, mas algo que qualifique sua vida.

Isso deve chegar para o aluno de uma forma competente, não simplesmente como um estudo. Isso tem que atingi-lo de forma que esse conhecimento possa transformar-se em atitude de inferência, por parte do aluno, no mundo em que ele vive. Porque não adianta o professor chegar na sala de aula e falar se não atingir o objetivo que é fazer o aluno sair dali e fazer alguma coisa diferente.

Passam a perceber que uma boa relação com os alunos é algo imprescindível para o processo de aprendizagem.

Quando você entra na escola, você pensa: bem, os conteúdos da 2ª. série são esses. E hoje, depois de algum tempo, estudando e refletindo, vejo que não é assim, e centro o meu fazer em aspectos como valores e atitudes do aluno. O contato com o aluno mudou. Antes, eu achava que a primeira coisa que tinha que chegar era o conteúdo. Agora, vejo que se nos primeiros meses, você estabeleceu essa relação de confiança com o aluno, o resto vai, o conteúdo vai surgir [...] o conteúdo é acessório e vem, aos poucos.

Apesar de a reavaliação e a reconstrução do Projeto Político Pedagógico – PPP não ser alvo do projeto de educação continuada, os professores mencionaram que a fundamentação teórica trabalhada nos encontros de estudo possibilita um olhar atento e permanente sobre a própria prática preconizada no referido projeto o que comprova a inter-relação dos estudos com o referencial do PPP. A diversidade dos temas explorados propicia a reflexão e a autoformação que provocam mudanças e segurança na ação pedagógica. Na linha do conhecimento, a proposta de educação continuada da escola **proporciona a capacidade de saber organizar o PPP, delinear ações, discernir realmente o que é e não é viável. Nos dá maior percepção da visão de mundo, de homem, de sociedade. Felicíssimo em participar**, um dos professores afirma ter falado, com muito orgulho, aos colegas do

curso de especialização que está freqüentando sobre a elaboração conjunta do PPP na escola onde trabalha, causando, em seus pares, espanto.

Para mim esse ano de 2006 foi perfeito. Eu cresci bastante e, ao longo do ano, fui entendendo como é que funcionava o processo [...] nas aulas de especialização, eu falava que, na nossa escola, nós estávamos reelaborando o PPP com todos os professores e só um professor acreditou nisso. Eles ficavam apavorados, porque sempre é a coordenação e a supervisão que fazem o PPP.

Penso que essa proposta de formação foi essencial para os professores e para a escola, até porque nós estávamos para elaborar o PPP. Eu senti muita tranquilidade, com boa participação de todos. Todos participaram, debateram e a gente sempre procurou fazer esse elo entre o estudo e o que estávamos produzindo.

Evidencia-se, pelos depoimentos dos professores, que a proposta de educação continuada oferecida pela escola desempenha um papel importante e fundamental no processo de mudança na vida dos docentes, tanto no que se refere à vida pessoal quanto à proposta pedagógica, pelo incentivo à busca, à descoberta, à atualização, ao sentido da reflexão sobre a prática, da coerência entre fala e ação, teoria e prática. Prima pelos limites e pelos valores que a orientam, como respeito, partilha, paciência, aceitação do outro, convívio, ajuda mútua, flexibilidade, fraternidade, enfatizando a dimensão pessoal, o ser em sua inteireza.

Nesse processo de aprimoramento do ser pessoa à qualificação profissional, os professores se percebem como seres em construção e, em seus depoimentos, deixam transparecer o entrelaçamento do construir-se pessoa com a formação profissional. Percebem-se seres nunca acabados e, com isso, apontam que a vida humana realiza-se em um movimento dialético que, segundo Merino (1999, p. 243), “aproxima-se em direção ao ideal, mas não o alcança sem esforço e ruptura com as resistências que a desumanizam”.

Apesar de sistematizar as mudanças percebidas pelos professores em dois blocos, mudanças no ser em essência e no ser em ação, é visível nos depoimentos dos entrevistados o entrelaçamento das dimensões que constituem a pessoa humana, considerando-a um todo. Os professores entendem que o estudo, a reflexão e a leitura provocam uma mudança inevitável em si, nas relações que se

estabelecem entre as pessoas envolvidas no processo de formação e no contexto de sala de aula.

4 EDUCAÇÃO CONTINUADA: UM PROJETO DE CADA UM, UM PROJETO DE TODOS

É impossível construir um projeto de educação continuada, excluindo responsabilidades e comprometimento de todos os envolvidos no processo de formação. Ao conceber-se um ser em devir, o professor descobre a responsabilidade individual de sua participação na construção social e, assim, passa a entender o compromisso que tem em investir na construção de si. Segundo Merino (1999, p. 62), “o franciscanismo nasce a partir de uma experiência vivida e compartilhada e só pode ser compreendido e apreendido a partir do contato com essa experiência pessoal e comunitária”, por seu caráter vivencial e de compartilhamento.

Partindo dessa concepção de Merino, um projeto de educação continuada em uma escola franciscana encontrará sentido e concretude, se for compartilhado por toda a comunidade educativa, desde a sua fase embrionária. No presente capítulo, passar-se-á a discorrer sobre aspectos diretamente ligados ao projeto oferecido pela escola, apontados pelos entrevistados, como receptividade, envolvimento, participação, aplicabilidade, responsabilidades e diferentes papéis, evidências de repercussão do projeto nos diferentes olhares, facilidades e desafios no desenvolvimento e aplicabilidade no processo de formação dos professores do Colégio Franciscano Sant’Anna e possibilidades diante dos conflitos.

4.1 RECEPTIVIDADE, ENVOLVIMENTO, PARTICIPAÇÃO: TRÊS FACES DE UMA MESMA EXPERIÊNCIA

Partindo do princípio de que o ser humano é indissociável em suas dimensões, não será possível dissociar atitudes relacionadas à vida e à ação dos professores frente ao projeto de educação continuada oferecido pela escola. A indissociabilidade da experiência vivida pelo professor está ligada ao seu estado de ser integral, que o constitui, mesmo que de forma inconsciente. Para Josso (2004, p.

49), “a experiência implica a pessoa na sua globalidade de ser psicossomático e sociocultural: isto é, ela comporta sempre as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais”. Por isso, mesmo que venhamos a pontuar de forma distinta aspectos e atitudes dos professores em relação ao projeto de educação continuada oferecido pela escola, perceber-se-á que tudo está entrelaçado pela própria condição humana.

Quando questionados sobre a receptividade do projeto, os entrevistados responderam entender que foi bem acolhido pelo grupo. **Considero a receptividade excelente, porque, em primeiro lugar, os temas estudados estão sempre de acordo com o que a gente quer, pois eu não teria nenhum interesse em vir a uma reunião e falar uma coisa que não tem a ver com a nossa realidade.** Assim posicionam-se com relação à receptividade:

para ser bastante honesto, vi com bons olhos o projeto, pois acho interessante esse exercício de a gente buscar junto [...]embora a gente não tenha uma resposta para os problemas do mundo, para os alunos, nem para a nossa vida, estudar é sempre uma coisa interessante e acho de fundamental importância que a gente tenha esse hábito, mesmo que não vamos achar a resposta, mas vamos sempre estar caminhando em sua busca.

[...] a proposta do projeto foi muito bem recebida, porque eu sempre gostei muito de estudar, de ler e gosto muito de desafios. Essa experiência me possibilitou colocar as minhas idéias e a minha experiência, minha bagagem, contribuindo com o todo da escola.

Depois que conheci a proposta de trabalho, causou-me um certo fascínio. [...] agora posso dizer que gostei muito da proposta, achei desafiadora, com certeza desacomodou porque rompeu com algumas barreiras, quebrou alguns paradigmas que a gente vem com eles, e também o crescimento pessoal, porque a cada novo encontro a gente estava ansioso para saber o que ia ser feito.

Haveria possibilidade de encontrar, de forma implícita ou nas entrelinhas das falas dos entrevistados, o despertar para a iluminação da consciência, quando os professores se percebem seres humanos em processo de busca, numa perspectiva de construção permanente?

Para alguns professores, a proposta, num primeiro momento, foi recebida como um desafio, um fato estranho, algo que veio para desacomodar.

Claro que, no início, achei um pouco estranho, porque parecia muito tempo ficar uma manhã toda dedicado a isso. Então, vi com estranheza, mas com bons olhos, a possibilidade de nos encontrarmos, discutir, ler. Eu não tinha nem idéia do que seriam esses encontros, mas a partir do momento em que conheci a proposta, foi muito bom, não faltei a nenhum encontro.

Para outros, com certa curiosidade, ansiedade. **Acho que a palavra correta para definir isso é uma expectativa sobre o que seria esse estudo. Passado o primeiro impacto, os colegas receberam bem.** Para outros professores, **depois do susto, despertou o prazer de vir estudar.**

No começo foi um susto: o que será que vem para nós? Puxa vida! Sábado de manhã, dia da faxina, dia do mercado, dia de correr [...] é uma vez por mês, mas mesmo assim ninguém gosta de trabalhar no sábado, povo brasileiro tem disso.

No início era um pouco bitolado no momento que ouvia as coisas pela primeira vez, num segundo momento já melhorou e hoje consigo olhar de uma outra forma, de forma mais ampla, por isso a oportunidade do estudo de toda essa linha humanista, todos os seminários e encontros que participo, toda a bagagem que carrego, vai agregando em minha vida a possibilidade de crescer cada vez mais, porque mesmo escutando a mesma coisa mais de uma vez, temos a possibilidade de ver e perceber as coisas de uma nova forma.

Fica evidente pelos depoimentos que, diante do desconhecido, o ser humano sente medo, insegurança e passa a duvidar da veracidade daquilo que não conhece. Passado o primeiro impacto, motivado por uma atitude de curiosidade, ele começa um lento processo de abertura para a novidade que, apesar da dúvida, das incertezas, poderá interessar-lhe e servir-lhe de alguma maneira. Seria possível descobrir evidências de ruptura do velho paradigma para acolher o paradigma que considera a mudança, como única certeza nas incertezas que se deve ter como seres em construção? É Merino que acena para possibilidade de rompimento de um paradigma, quando fala do caráter repetitivo do cotidiano: Para o autor (1999, p. 43):

não há dúvida que nos últimos anos se verificam profundas modificações na vida. Mas por cima e além da variedade infinita do dia a dia, observa-se e verifica-se uma tendência universal à uniformidade. O cotidiano, pelo seu caráter repetitivo, cria hábitos e modos rotineiros, globalizando e generalizando assim a forma estandardizada de pensar, de sentir, de interpretar e de viver.

Ao comentar sobre as oportunidades de estudo que tem na escola, um dos professores relata as dificuldades iniciais por que passou e reconhece, que a cada encontro, foi agregando conhecimentos à sua trajetória de vida.

As falas dos professores encontram sentido na proposta do mesmo autor (2000, p. 86), quando refere que:

a pessoa humana é como um pêndulo oscilante, que se movimenta alternadamente para um lado e para o outro: volta-se para si mesma, a fim de se integrar e reforçar, e logo se volta para os outros, a fim de com eles participar num mesmo projeto comunitário e integrador.

Os entrevistados dizem ter se envolvido e participado, de forma significativa, nas atividades do projeto.

Participei de todos os encontros e sempre com vontade de saber o que viria de novo. Será que vai ser legal? Me sinto envolvida, porque os encontros são muito bons e, quanto maior o envolvimento e a participação, tanto maior é o despertar para o gosto de estar estudando e discutindo.

Nesse sentido, destacam que a oportunidade de participarem em grupo menor propicia espaço favorável de um maior envolvimento e participação para todos se expressarem. **Às vezes, acho que poderia partilhar outros conhecimentos, mas, naquele grupo menor, de quinze ou vinte colegas, senti que dava a minha contribuição, colocava aquilo que eu havia estudado, aquilo que já carregava comigo.**

[...] sentia mais segurança e partilhava com os colegas algum conhecimento novo. Quero dizer que à medida que o grupo de trabalho era menor, eu senti que conseguia partilhar mais. Isso me dava mais segurança, mais confiança, muito mais tranquilidade [...] acho que o importante é saber aproveitar essa leitura e partilhar no momento adequado.

Alguns professores avaliam a **receptividade dos colegas** de forma positiva, porém consideram que poderia ser melhor, se houvesse a adesão total. Um exemplo concreto é o registro escrito das explicações sobre os mapas conceituais,

[...] foi aquele burburinho ali mesmo. Claro que, depois, o pessoal escreveu, mas acredito que sempre vai haver, nas reuniões de estudo, aquele professor que reclama [...] às vezes, essa pessoa vem com mais força para derrubar o que foi proposto, mas acredito que, em todos os lugares, é bem normal alguma resistência.

Analisados os depoimentos com relação à receptividade, embora as questões iniciais apontem certa insegurança e estranheza por parte de alguns professores, passado o primeiro impacto, **os colegas receberam bem, houve bom envolvimento, boa participação. As poucas ausências foram justificadas e aquele colega que está dentro do espírito da escola não tem por que não participar.** Assim, reconhece-se que o envolvimento e a participação nada mais são do que uma conseqüência de uma boa receptividade ao projeto. Os professores estão preocupados com a sociedade que privilegia e prioriza o individualismo, logo, à medida que o envolvimento de cada um é maior, a possibilidade de mudança na educação torna-se, conseqüentemente, maior. Dessa oportunidade de participação no projeto, nasce internamente a necessidade de se envolver e participar cada vez mais.

Faço questão de me organizar para participar, porque vejo com bons olhos o fato de a gente trocar idéias, socializar experiências. Muitas vezes me ajudou o fato de alguém falar de um determinado aluno, com o qual tenho dificuldade, aí a pessoa me dá uma informação que eu não sabia, por exemplo, que o aluno gosta de tal coisa, ou tem determinado problema, até mesmo na minha área, ter contato com outra área que vai me apresentar alguma forma diferente de abordagem que eu não tinha me dado conta [...] então, não só porque a escola cria essa oportunidade e nos exige envolvimento, mas para mim esse envolvimento se tornou uma necessidade[...] faço questão de estar presente, não só pelo fato de discutir autores, idéias ou métodos, mas principalmente por essa troca de experiências, porque no dia-a-dia a gente tem dificuldade de fazer, devido a falta de tempo, horários desencontrados entre os professores.

Aqueles que no início não se sentem envolvidos, praticamente acabam se contagiando pelo entusiasmo dos que querem participar realmente, porque é aquela história: onde alguém remar um lado só do barquinho, ele fica girando no mesmo lugar. Agora, remo do lado direito, remo do lado esquerdo, o barquinho segue. Então, depende também do grupo que está entusiasmado, tentar entusiasmar aqueles que não se sentem tão envolvidos [...] esse desânimo não é só dentro da escola, hoje existem diversas situações em que a pessoa está com baixa auto-estima, com aquela visão pessimista de que as coisas não vão dar certo. E dentro da escola, a gente encontra professores assim. Só que com a evolução desse projeto, a gente vai percebendo que isso dá certo, pode dar certo, basta que seja aplicado, que não fique só no estudo.

Aprende-se *no* e *com* o grupo, daí a importância do exemplo e da socialização de experiências que o projeto propicia aos professores. A vivência cria a consciência da necessidade de deixar um espaço para investir em si, pela participação em um projeto de educação continuada. Surge também a consciência de responsabilidade pelo coletivo, de construir-se no coletivo, na visão franciscana, para Merino (1999, p. 200):

[...] os outros nunca se reduzem a simples obstáculos e insuportáveis rivalidades, mas são existências que, formando autênticas comunidades humanas, se abrem a um Tu absoluto que é seu fundamento e sua consistência, ao mesmo tempo um modelo de convivência e de relação interpessoal.

Para uns, o envolvimento foi o melhor possível, porque sempre participaram, expondo idéias, realizando as leituras prévias por considerarem fundamental conhecer o texto, para poder debater e contribuir nas discussões do grupo. Para outros, mesmo tendo recebido bem a idéia dos estudos e manifestado o seu comprometimento com a melhoria do projeto, destacam a importância na escolha dos textos para estudo e consideram algumas leituras e discussões desnecessárias.

Eu sempre recebi tudo numa boa, a gente teve oportunidade de falar, discutir tudo tranquilamente, mas teve algumas leituras que poderiam ter sido diferentes. Uma das coisas que me marcaram nos estudos foi a leitura sobre parecer descritivo. Eu critiquei o texto porque acho que o mercado naquele momento estava oferecendo outras coisas e nós poderíamos ter usado esse espaço de discussão para discutir algo da nossa realidade, algo que poderíamos aprimorar por ser da nossa realidade. Digo isso, porque acho que aqui entra minha parte de contribuição para que, como escola, possamos ter um retorno do que estudamos, porque é a escola, somos nós que elaboramos esse projeto, quando a direção pede a nossa contribuição, no sentido do que poderia ser estudado e discutido.

Dessa forma, é possível afirmar que, em relação ao envolvimento dos demais colegas nas atividades do projeto, o crescimento dos professores é percebido não só quanto às leituras, mas na busca de outras tantas atividades e atitudes diferentes que os levariam a realizar conexões maiores entre as disciplinas, o que, a princípio, não realizavam.

Dentro dessa visão, os alunos confirmam essas conexões, quando referem que os professores fazem relações da sua disciplina para facilitar a aprendizagem. Afirmam que se percebe um grande esforço dos professores para interligar conteúdos, integrar disciplinas, trabalhar de modo mais globalizado. Pontuam que há professores com mais facilidade de aplicar o que foi estudado, mas isso é considerado pelos alunos algo normal numa equipe de professores.

Eu noto que, no desenvolvimento do conteúdo, os professores procuram fazer o trabalho de um modo interdisciplinar, para que o aluno não fique perdido. Eles ligam Química com os fenômenos da Física e a gente consegue perceber que aquilo não é uma coisa solta. Então, de certa forma, vejo que essa proposta nova de interligação eles estão conseguindo fazer.

Aqui no Sant'Anna a forma de tratar o conteúdo é muito diferente, não são aquelas aulas chatas, são bem dinâmicas e muito boas de se aprender. Temos a chance de ter ambientes variados, não só a sala de aula, mas fazemos outros tipos de trabalhos. Isso é muito bom, porque a gente aprende na sala de aula, mas fora dela também. Acho que os professores conseguem contextualizar o conteúdo e levar para o nosso dia a dia e isso é uma forma bastante interessante de desenvolver o conteúdo.

Segundo os alunos, os professores não pensam de forma isolada a sua disciplina, mostram-se preocupados em **interligar os conhecimentos entre as disciplinas, para que o aluno consiga relacionar as informações. Quando se tem facilidade, em alguns conteúdos a gente consegue transferir para outros e isso ajuda também com aqueles conteúdos em que a dificuldade é maior.**

Os depoimentos dos alunos, de certa forma afirmam que houve mudança de paradigma metodológico por parte do professores, algo perceptível no olhar dos alunos?

Para alguns professores, o envolvimento dos participantes é “total”. Vários colegas percebem que, antes, tinham dificuldade de expor suas idéias e não participavam intensamente. Testemunham que, hoje, existe um grande número de professores envolvidos efetivamente nas discussões, contribuindo com posicionamentos pessoais e que, nos momentos de discussão e registro, talentos individuais se salientam como, por exemplo, a capacidade de síntese de alguns colegas e, outros que conseguem organizar as idéias do grupo de forma brilhante.

No momento de realizar produções escritas existe um grande crescimento do grupo como um todo [...] o pessoal está participando bastante, o grupo está se mobilizando. E depois, quer queira, quer não, há sempre uma disputa de um setor querer fazer melhor que o outro, o pessoal quer dar tudo de si para fazer acontecer.

Apesar de a grande maioria estar envolvida, dizem existir exceções, uns são mais críticos e se envolvem mais, outros nem tanto, pois **o envolvimento é muito pessoal, é de cada um**. Os professores mencionam que existem colegas que, durante os estudos, dispersam o assunto, mas que o próprio grupo, logo em seguida, retoma, **quando o momento se torna sério as discussões são boas**. Percebem que, apesar das resistências por parte de alguns, **devido à idéia de que o professor já está “pronto”**, a grande maioria demonstra certo gosto pelo projeto. As resistências fazem parte da vida humana, principalmente porque **o professor se forma e parece que a formação ou a formatura é um engessamento que nos habilita para sempre, como se o diploma fosse um aval eterno para o conhecimento. Isso é uma coisa porque a gente tem que lutar para mudar, é um desafio para a escola no momento**.

É possível ter visões diferenciadas diante de uma mesma realidade, dado que ninguém pode ver o todo isoladamente, porque cada ponto é visto de um ângulo e isso nos remete à importância do olhar conjunto para que se possa chegar mais próximo da verdade. A verdade não existe isolada e nem concluída, vai sendo descoberta na dinâmica da reflexão e da convivência dos grupos. Segundo Merino (1999, p. 38), a individualidade nos remete à diversidade de visões diante de uma mesma realidade. Para esse autor, em Francisco de Assis, pode-se encontrar um modo de ser; um modo de tratar a realidade, um modo de viver e um modo de dizer, próprios, o que remete ao entendimento de que o modo de ser “significa e exprime a arqueologia do ser humano e as múltiplas formas de relacionar-se com a realidade, de comunicar-se com ela e de exteriorizar seu próprio eu” (MERINO, 1999, p. 38).

Nesse sentido, a entrevista realizada com as coordenadoras agrega uma visão de que as resistências podem ser positivas.

Então, acho que no grupo de professores a gente percebe que essas coisas alimentam o projeto no cotidiano. E aí eu mencionaria uma coisa que também me chama atenção, que são aquelas resistências que existem no grupo. Há grupos de estudos que tem certa

dificuldade, porque existem pessoas com uma postura mais resistente. Porém, ao mesmo tempo que há essa postura resistente, a própria resistência nos favorece, porque nos coloca para pensar mais como trabalhar com essa diferença no setor, como fazer, como trazer, como agregar instrumentos para que se possa estar melhorando e qualificando o processo individual do colega e também o processo do grupo.

Na visão das coordenadoras, embora seja uma dificuldade trabalhar com os professores resistentes, esse fato também é um desafio para quem coordena e que possibilita **manter todo mundo aquecido**, em relação ao projeto da escola.

A fundamentação teórica foi indicada pelos professores entrevistados como fator que desinstala os docentes na resistência, devido à crença dicotômica que, muitas vezes, rege a conduta do professor. Porém, entendem que, na hora de sustentar uma prática, esses colegas ficam sem argumento, porque não têm base teórica para subsidiar um trabalho.

No início, percebi certo conflito de alguns colegas no sentido de que alguns pensavam: mas para que isso, essa teoria toda? Lá vem teoria [...] vamos ficar lendo [...] principalmente aquele pessoal que não gosta de ler, aqueles que pensam que o suficiente é a sua prática. Porque percebe-se que tem gente que fala declaradamente: é muito fácil esses teóricos falarem essas suas teorias, mas o que vale mesmo é a prática, estar lá dentro da sala de aula, a prática é o que vale [...] Lembro quando discutimos sobre a questão do currículo, se não li nada a respeito, se não estudei nada detalhadamente sobre isso vou dar um conceito sobre currículo que não tem nada a ver, mas estou lá, dentro da sala de aula, porque o que importa é a minha prática, mas na verdade eu não sei o que é currículo, e o currículo é uma peça fundamental dentro do trabalho docente [...] na verdade, se o professor tem noção teórica consegue desenvolver um trabalho mais qualificado.

Segundo alguns, a trajetória de cada professor e a área de atuação contribuem no momento de assumir e acolher o projeto, por isso difere a visão da necessidade de estudo.

Percebe-se que alguns lêem mais, não sei se porque temos o curso de Pedagogia, a gente consegue perceber um pouco mais, essa leitura do que aqueles que trabalham com disciplinas específicas, como é o caso de Geografia e História, por exemplo [...] ao trabalhar com estes professores senti um conflito, porque a gente estava formulando as habilidades e atitudes e eles achavam que isso tinha que ser restrito e na minha visão tem que ser mais abrangente, mais amplo. Naquela reunião eu me senti cansada, porque fui insistente e senti que não conseguia [...] os professores das disciplinas específicas, ao contrário

dos professores do Ensino Fundamental Séries Iniciais, muitas vezes não conseguem ter a visão do todo, para eles é compartimentalizado.

Toda prática traz, de forma velada, uma teoria, mesmo que o professor não tenha consciência dessa realidade. Estaria implícito nessas falas a dicotomia entre teoria e ação, algo tão presente na vida escolar dos nossos dias? Os professores revelam um paradigma que insiste em separar a vida na escola da vida quotidiana e das teorias que sustentam as práticas escolares? Para Merino (2000, p. 54):

a sociedade moderna está habituada a mudanças rápidas, a hábitos consumistas, a novidades de notícias, de mercados, de personagens, de modas, de protagonistas e protagonismos. Mas não possui o sentido do novo como norma de vida. Tem uma consciência formada, mas não criadora, mais sossegada do que inquieta. Tem satisfações imediatas a mais, e inquietação divina a menos. Embora se percorram novos caminhos, se façam novas experiências, se experimentem novas sensações e se tenham novos sonhos o homem moderno detém-se nessas novidades sem se atrever a dar o salto para o que é verdadeiramente novo na categoria existencial, e que exige o rompimento com a rotina, o hábito e a trivialidade, o salto da curiosidade para a insatisfação divina, que renova tudo quanto é velho e superficial.

Esse autor nos alerta para a falta de sentido na vida quotidiana do homem moderno. Vive-se de forma superficial, longe do encontro existencial consigo e, conseqüentemente, longe do outro como um ser que ajuda a si mesmo.

A participação efetiva dos componentes dos grupos foi mencionada pelos entrevistados, como aspecto positivo relacionado ao comprometimento com o trabalho durante os momentos de estudo.

Houve um envolvimento grande de todo o grupo, no que eu participei não houve reclamação. Tive o privilégio de participar de grupos onde as pessoas se envolviam e participavam bastante. O pessoal sempre fez o trabalho, sem aquela pressa de terminar para ficar pronto para conversar outras coisas. A gente discutia muito, falava e trazia para a prática. Lembro da discussão sobre currículo que foi muito boa, porque discutíamos e relacionávamos nosso trabalho com os textos. A questão de conteúdos, a gente discutia muito sobre a valorização extrema dos conteúdos.

Para os professores, a qualidade do envolvimento está atrelada à possibilidade de poder participar.

O que percebo é que quando fazemos o processo de estudos, a gente não consegue mais parar [...]eu tinha necessidade de evoluir nesta questão pedagógica, nessa questão mais interpessoal, porque quando a gente traz toda a experiência de vida, a experiência do aluno, a gente traz junto todos os fantasmas, tudo aquilo que a gente diz, e daí tem que saber trabalhar com tudo isso que está arraigado e precisa evoluir. Digo isso porque em 2006, consegui participar de todos os encontros, peguei junto com os colegas, me envolvi bastante e foi benéfico para mim. Já em 2005, não consegui participar de todos os estudos por motivo de trabalho e foi bem mais complicado, não é a mesma coisa [...] participei bastante, porque vi que estava dando certo, que funcionou.

Alguns professores, que não conseguiram participar de todos os encontros, afirmaram que, mesmo com a oportunidade de recuperar o estudo, em outro momento, com um grupo menor, a discussão e a reflexão, embora válidas, tornavam-se mais restritas.

Eu gosto do grupo, porque gosto de me envolver, até porque haverá momentos que vou concordar, vou precisar dar a minha opinião e gosto desse tipo de envolvimento e de participação [...] mesmo que minha coordenadora sempre teve a preocupação de passar tudo o que foi tratado no encontro, mas não é a mesma coisa de você estar ali ouvindo, participando, anotando. Porque quando eu estou presente, eu me envolvo de verdade.

É possível perceber que, quanto à receptividade, ao envolvimento e à participação no projeto, os professores foram unânimes em relatar aspectos positivos de si e dos colegas, tais como: o despertar para o prazer de estudar, a riqueza da socialização das experiências, o valor de contribuir no pequeno grupo, o compromisso de contagiar os que ainda não sentem a necessidade de estudar, a ampliação de visão de determinados conceitos, a importância de se ter um espaço para falar, a descoberta de que o professor não está pronto, que é um ser em processo. Registram que existem resistências que são minimizadas pelo entusiasmo daqueles que já estão mais conscientes da necessidade de investir em sua autoformação. Isso se constitui num forte indício de que a percepção da importância do trabalho coletivo no processo de formação dos docentes é algo que não deve ser descuidado. Percebe-se também o nível de consciência que eles têm no que se refere à caminhada que ainda é possível fazer no processo de construção de sua profissionalidade.

4.2 APLICABILIDADE: UMA QUESTÃO INDIVIDUAL E COLETIVA

Ao empreender a caminhada para si, o ser humano defronta-se com sua realidade que é permeada de sombras e luzes, as quais se entrelaçam no percurso de sua jornada pessoal e comunitária, provocando nele o desejo de busca pela essência que o constitui. Segundo Josso (2004, p. 94):

a busca de si abarca todas as abordagens empreendidas para aprofundar o conhecimento de si, quer essas abordagens se façam pela mediação de uma pessoa ou de um grupo [...] quer se efetuem por meio de um trabalho solitário [...] ou ainda, provenham das diversas e múltiplas confrontações que a vida quotidiana, incansavelmente, nos oferece.

Os professores concordam que, com o desenvolvimento do projeto, adquiriram maior segurança e autonomia para aplicar os estudos no seu trabalho. Todos dizem que existe um grande esforço em colocar em prática as ações às quais se propuseram, a partir dos estudos. Porém, entendem que, muitas vezes, os desafios são inúmeros e se faz necessária a parceria com a coordenação, com o colega que está ao lado, como também com os próprios alunos em sala de aula.

Muitas vezes, principalmente quando é um conflito que envolve disciplina, vem o outro e faz uma reflexão sobre aquele problema, retomando o acordo estabelecido entre a professora e a turma e isso se resolve [...] falo da segurança que sinto, da autonomia, de ter humildade de pedir ajuda, porque não estou sozinha para resolver a situação [...] depois que saímos dos estudos, preparamos nossas aulas, posso dizer que a aplicabilidade não é fácil e nem difícil. Digo que não é difícil, primeiramente, porque nós já temos uma caminhada, já conhecemos bem a filosofia da escola, esse lado humano, essa valorização do ser humano.

Porém, quando realizamos estudos sobre vários métodos, percebi que nenhum é melhor que outro, mas é difícil mudar a questão de metodologia, do como trabalhar, porque você está trabalhando numa linha e tem que mudar, isso desinstala, dá medo e, por isso, se torna difícil [...] quando a gente organiza junto, num grupo, quando as pessoas estão se propondo a mudar em conjunto, isso dá um apoio, mas, mesmo assim, dá aquele medo, porque só tem medo aquela pessoa que busca que pensa de forma inovadora. Isto é difícil, porque uma coisa é ler e se não tenho adesão de quem leu comigo, de querer buscar, se torna mais difícil.

Considerando a presença do medo na vida das pessoas, como sendo um entrave que tolhe, paralisa e imobiliza a ação humana, conforme Gilley (1996, p. 252), o que não significa dizer que a pessoa que se deixa conduzir pela coragem não tenha medo, é possível afirmar que, “quando estamos no caminho da coragem, temos consciência de nossos medos e podemos tirar proveito deles e seguir em frente a despeito deles. Conseguimos estar com o nosso medo sem sermos o nosso medo”. Nesse sentido, para a mesma autora, “é preciso optar pela coragem em vez do medo” (p. 302), mesmo estando consciente da incrível coragem que é preciso ter para assumir o compromisso de olhar para dentro de si mesmo, a fim de conhecer seu próprio coração. As coordenadoras confirmam a visão dos professores, ao expressarem que,

à medida que se inicia esse trabalho, há uma inquietude do professor, pois mexe com as suas concepções, com as idéias e os paradigmas e conseqüentemente, com a sua prática também. Em sua prática há uma preocupação com o seu desempenho como professor. Ele não se preocupa mais só com o aluno, o jogo é menos projetivo, porque antes a dificuldade sempre era do outro. [...] agora o professor incorporou como ele, fazendo parte dessa dificuldade do aluno, dando-se conta que ele tem uma contribuição a dar. Então, entendo que nesse aspecto o desempenho do professor foi qualificado. Ele está mais preocupado com o processo e não tanto com o resultado. Está mais preocupado com o que está acontecendo, com o processo da aprendizagem, não só de um ou outro. Existe a preocupação com o processo do ensino e da aprendizagem, não só com a aprendizagem, então, para mim o desempenho qualificou.

Segundo Merino (2000, p. 81), “em qualquer comunidade ou grupo, o outro é um parceiro, muitas vezes, considerado como membro contribuinte e, raras vezes, como próximo a quem se deve considerar e ajudar como outro eu”. Diferentemente dessa visão, seria possível perceber nos depoimentos dos professores outro nível de interesse nos participantes do projeto da escola? Teriam esses professores alcançado um nível de consciência que, em suas relações grupais, considera o bem comunitário de uma sociedade que anseia pela partilha de bens e de dons?

Outra questão importante é que, além de realizar um trabalho com mais segurança com os alunos, sentem-se mais seguros para chegar, conversar e argumentar, ouvir o posicionamento da família num diálogo aberto para confirmar o que está sendo feito ou até para mudar o posicionamento, se for o caso.

Melhorou muito para mim, o fato de poder olhar com mais calma para os alunos, olhar o método, revisar aquilo que está sendo feito, não como se eu tivesse que mudar todo dia aquilo que eu acredito, aquilo que vou fazer, mas revisar. Se o aluno não está aprendendo dessa forma, não será possível tentar outra maneira, se não gostou disso, então posso mostrar para ele que tem que gostar, porque, às vezes, a gente gasta muita energia numa coisa que não é produtiva. Nesse sentido, me fez crescer, foi um grande ganho para poder revisar algumas coisas da minha prática.

Considerando esse enfoque de diálogo seguro e franco com a família, os depoimentos das coordenadoras acenam para a mudança dos professores na questão de atendimento aos pais, porque, antes, existia certo medo por parte deles, receio diante da possibilidade de ter que explicar sua prática pedagógica aos responsáveis pelo aluno. Elas relatam que hoje é tranqüilo, seguro. **O professor conhece o projeto da instituição e existe clareza da proposta pedagógica da escola e isso dá muito mais segurança e tranqüilidade ao professor.** Nesse sentido, para as coordenadoras, **o projeto ajuda o professor a manter a identidade da escola na prática da sala de aula. O que se percebe é que existem professores que apresentam certa tranqüilidade no trabalho do dia-a-dia com o aluno, fruto dessa experiência. Estar trabalhando com o aluno, na sala de aula, combinando uma proposta de um trabalho, uma proposta de avaliação que vão fazer, é muito tranqüilo.** Por outro lado, há professores que **demonstram angústia, quando se orienta para essa forma inovadora de trabalhar.**

Outro aspecto relacionado à aplicabilidade, apontado pelos entrevistados, é o aprofundamento sobre temas relativos ao fazer pedagógico (fundamentação teórica) e a possibilidade de resgatar e aprimorar o trabalho em sala de aula. Na visão dos professores, **melhorou a qualidade das discussões do grupo quanto ao conhecimento teórico sobre temas como interdisciplinaridade, antes entendida como um somatório de conteúdos.**

Nesses dois últimos anos, os trabalhos fluíram e, a gente deixou a quantidade de trabalhos pela qualidade do que foi feito. Hoje, é possível ver todos os professores, trabalhando com o mesmo tema, construindo os projetos em menos tempo e com maior profundidade.

A visão do todo foi um ganho, porque antes, a gente entendia interdisciplinar algo dividido entre as disciplinas [...] vou falar da minha área, vou corrigir o português e os textos, a outra vai trabalhar a questão dos números que é da matemática. A professora de História vai trabalhar como as primeiras sociedades se formavam e a outra vai trabalhar a poluição, era tudo fragmentado. Isso faz muito tempo. Hoje, a noção de interdisciplinar é de uma coisa só, que envolve tudo [...] quando não se tem o suporte teórico, o professor acaba “pecando” por não saber, acaba fragmentando o ensino, fica perdido no seu trabalho.

Alguns entrevistados abordaram a importância de o professor estudar sempre, pois afirmam que **muita coisa mudou**. Declaram que o ganho do projeto para professores e alunos foi muito grande, porque o professor consegue, a partir desse estudo fazer um trabalho abordando as diferenças individuais dos alunos, mas sem desviar o tema que está sendo estudado e os alunos conseguem entender melhor.

Os professores destacam a importância da reflexão coletiva como forma de viabilizar a aplicação do projeto em sala de aula. **A informação, eu encontro em qualquer lugar, mas do conhecimento a gente tem que ir atrás, buscar mais, aprofundar, agregar e construir. [...] para que a aplicabilidade aconteça de fato, falta a reflexão em conjunto.**

Quanto à aplicabilidade do projeto pelos demais colegas, os professores entrevistados afirmam que **há um grande crescimento dos colegas na questão da relação com o aluno, esse esforço do professor sintonizar com aquilo que é a dificuldade para o aluno**. Já outros percebem, na interação, que as facilidades e dificuldades são as mesmas dos demais envolvidos no processo. Alguns professores conseguem abstrair esse conhecimento e colocar, em prática, outros demoram um pouco mais, porque isso depende da experiência profissional e da caminhada pessoal. O importante é respeitar o processo de cada um.

Eu penso que devemos respeitar o ritmo do colega, o ritmo de cada um, temos que ajudar, respeitar, esperar que ele cresça, porque nós mesmos, cada um de nós tem muito que aprender, temos sempre que crescer. Quando olho minha caminhada, sei que cresci bastante, mas sei que preciso melhorar muito [...] precisamos respeitar o trabalho do colega, temos que ter toda uma ética, um jeito, porque sabemos que quando começam as disciplinas há uma fragmentação maior e acho que nós que trabalhamos com séries iniciais somos privilegiadas nesse sentido, porque temos mais momentos de estudo do que os

outros, sem contar os momentos de estudos com o grupo do Ensino Religioso.

Quanto à relação em sala de aula, o depoimento das coordenadoras reforça o entendimento de **que, no início do projeto, há cerca de dois anos, a relação estava mais conflituada do que hoje**. Para elas, a relação foi aprimorada, embora ainda existam dificuldades, tanto para o aluno, no desempenho e na relação da sala de aula. Para uma coordenadora, **isso é uma coisa bem pessoal, porque alguns têm mesmo mais dificuldade no trato, na relação com o aluno, e outros, mais facilidade**.

[...] mas tudo é fruto desse trabalho de educação continuada, porque o professor está mais seguro na sua relação com o aluno. Já se foi o tempo que a coordenadora tinha que ir para a sala de aula explicar o processo avaliativo, porque os professores não tinham coragem de fazer isso. Parece-me que esse tempo já passou graças a Deus. Hoje, eles têm um domínio, uma segurança maior, porque antes era muito comum, o aluno ser retirado da sala de aula. Eu me recordo, no início, há uns três quatro anos atrás, as colegas da Orientação Educacional não conseguiam mais trabalhar. Ficavam só em atendimento a esses alunos que eram encaminhados para fora da sala de aula. Hoje mudou isso, porque há uma preocupação em cuidar da relação dentro sala de aula, resolver as coisas com eles e não projetar para os outros resolverem. Isso reforça a área da responsabilidade e a autoridade do profissional foi resgatada nesse sentido.

Nessa visão de respeitar o tempo de cada um, o depoimento acima encontra respaldo em Josso (2004, p. 48) que afirma: “Falar das próprias experiências formadoras é, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático”. Para ela, “neste *continuum* temporal” é que se expressa o nosso estágio de consciência quanto ao tempo em que cada um se encontra. Portanto, o tempo de cada um deve ser considerado a partir de seu próprio processo de crescimento. Tratando-se da questão da relação professor aluno, refere-se Merino (1999, p. 200) ao afirmar que “a pessoa humana desenvolve-se plenamente na comunidade e em comunhão, na unidade e na diversidade do homem com o homem, no confronto e intercâmbio do eu com o tu”. Para o autor, a pessoa humana relaciona-se com os outros não de forma determinadamente instintiva, como sugeria Freud, mas “como pessoas que

implicam e encerram em si um complexo mundo de intercâmbios e interdependências” (MERINO, 1999, p. 200).

Na visão dos professores, um exemplo de grande crescimento dos colegas, quanto à aplicabilidade de ações, foram

os conselhos de classe onde, hoje o professor está literalmente preocupado com os fracassos que a gente teve como professor, na hora de ensinar. Diferente de anos passados, quando a gente via colegas dizendo: bom, o aluno não aprendeu porque não quis, como se fosse problema do aluno. Eu fiz a minha parte e ele não fez a parte dele. É importante perceber que nós, professores, temos limites na linguagem, nos métodos, temos limites profundos em nossa formação e que precisamos corrigir, acho que isso é uma das grandes contribuições do projeto. Assim, a partir dos estudos, a gente começa a rever a nossa atitude, os nossos métodos, nossa posição de professores.

Na minha visão, uma coisa está ligada a outra, porque é fácil dizer que o aluno não quer aprender, mas a vontade é uma coisa que pode ser despertada, o gosto é uma coisa que a gente aprende. Então, o professor tem que achar um meio de fazer com que o aluno redescubra isso, independente do conteúdo dado. Se ele não gosta eu tenho que fazê-lo gostar. Essa é a minha missão como professor.

A co-responsabilidade é fator importante na construção conjunta do processo de formação pessoal e coletiva. Para Merino (1999, p. 206-207), “o homem está no mundo não só em uma relação puramente geográfica e espacial, mas também que o mundo pertence constitutiva e estruturalmente ao ser da existência humana”. Sua relação com o todo o constitui um ser solidário e não solitário, assim ele não será um ser fechado em si mesmo, mas aberto ao outro, como possibilidade e responsabilidade de construção numa via de mão dupla, quer dizer, ensina e aprende de forma simultânea, na relação com a alteridade.

Existe o reconhecimento por parte dos professores de avanços realizados até o momento. No geral, há grandes ações acontecendo, como, por exemplo, o processo de auto-avaliação e avaliação realizado pelos professores e alunos, enfatizando o rompimento com metodologias antigas. Para os professores, o sucesso da aplicabilidade em sala de aula também **depende de um trabalho unificado, de uma proposta interdisciplinar**, algo que a sociedade está buscando, o que **algumas universidades já propõem em alguns programas de vestibular.**

A realização de um encontro franciscano com os alunos, a reavaliação dos conteúdos, a forma de avaliar o aluno, trabalhar também com auto-avaliação, ensiná-los a se auto avaliarem, o fato de não priorizar só a quantidade, a nota, mas o crescimento do aluno, valorizar o todo, o relacionamento de abertura que temos com os alunos, essa maneira de ser mais que professora, ser amiga, companheira, alguém que está ali todas as manhãs com eles, durante um bom tempo da vida deles.

Apesar disso, na visão dos professores, quando propõem aos alunos realizarem avaliações diferenciadas, eles ficam receosos, porque pensam no vestibular, pois a idéia de que as disciplinas não têm conexão umas com as outras, ainda, está muito forte. **Precisamos trabalhar, alertando-os, muitas vezes, de que uma questão de Física tem algo de Química e se isso não for entendido é porque não temos a compreensão global de mundo.** Esse professor entende que se precisa aproveitar a bagagem que se tem para o desafio da mudança. Mesmo afirmando sobre os benefícios que o projeto traz à vida do professor, alguns apontam a dificuldade em aplicar os estudos em sala de aula. Acrescentaram que, muitas vezes, o professor se encontra numa situação difícil, que exige uma postura mais dura no momento de decidir e

[...] aquilo que a gente leu, nesse momento, parece que é algo bem mais fácil do que a realidade da sala de aula. No momento da discussão é tudo muito bacana, é bem legal, todo mundo fala, todo mundo participa, mas depois, no momento que você se vê sozinho, porque você tem que organizar seu trabalho, você não vai ter toda aquela equipe lá com as crianças, porque é sua função atender a sala, isso não é tão fácil.

Em contrapartida, mesmo com essas dificuldades, eles afirmam que o projeto facilita a vida do professor, no sentido da prática. No dia a dia, na aplicação a partir das vivências, das discussões, isso fica mais fácil e **parece que a gente tem muito mais autonomia para trabalhar, as coisas fluem com mais facilidade, temos mais segurança no fazer da sala de aula.**

Mencionam como dificuldade a aplicabilidade em sala de aula, porque muitos professores **envolvem-se, empolgam-se e, na hora do estudo, constroem ações maravilhosas.** Mas, depois,

[...] no caminhar diário, são poucos os que pegam junto, os que realmente se preocupam em aplicar o que foi colocado, não só no sentido de atuação dentro da área de cada professor, mas até no convívio, principalmente na colaboração da aplicabilidade de ações, como é o caso de trabalharmos o aluno para a conservação do nosso meio ambiente de sala de aula.

Para os entrevistados, se o professor não tem atitudes que condizem com sua fala, como o caso do cuidado com o ambiente da sala de aula, o trabalho, no que se refere à formação da pessoa, não vai acontecer, porque as incoerências são percebidas pelos alunos e a aplicabilidade do projeto fica comprometida.

O exemplo remete a Merino (1999, p. 51) quando afirma que, na escola franciscana, “mais do que teorias e sistemas, necessitamos de verdadeiras e profundas experiências, de autênticas vivências que são a fonte e a origem dos sistemas”. Isso reforça a idéia de que a coerência entre vida e palavra é mais valiosa do que qualquer outra coisa. Por isso,

se cada um de nós é um gestor dentro do seu espaço, o exemplo é fundamental. O meu papel de professor, por exemplo, é lá na sala de aula, é no corredor, é no pátio, em todas as extensões da escola. Então, eu penso: como é que vou jogar um papel no chão se eu educo para o contrário. Para mim o exemplo é tudo.

Para os professores, a aplicabilidade é uma questão coletiva, é um compromisso de todos que participam do processo de estudo. A parceria com a coordenação e com o colega é fundamental no momento de colocar em prática na sala de aula, pois os desafios são inúmeros. Apesar das dificuldades encontradas, seja com colegas ainda descomprometidos, seja em conflitos pessoais ou sociais, os professores afirmam que o projeto propiciou a qualificação de suas ações pedagógicas: um olhar mais atento para o processo ensino e aprendizagem, como algo que envolve tanto professor quanto o aluno em responsabilidades compartilhadas. A aplicabilidade em sala de aula contempla o compromisso individual como parcela pessoal de cada professor, mas se fortalece no coletivo como responsabilidade social de seres que não vivem isolados e descontextualizados, mas que se constroem na relação.

4.3 RESPONSABILIDADE: UM COMPROMISSO DE TODOS E DE CADA UM

Na escola franciscana, seguindo os traços de Francisco de Assis, não vale um modelo pré-fabricado no qual se deve espelhar, mas vale a particularidade de cada um no desvelar da realidade de cada dia. Conforme Merino (1999, p. 175), “uma realidade por fazer-se é a síntese de muitas existências”, porque, para Francisco, “na fraternidade franciscana, nenhum irmão deve ser mais que o outro, mas todos serão menos sem o outro”.

Nesse sentido, quando indagados sobre a quem compete a responsabilidade pela educação continuada em uma escola, a maioria dos professores respondeu

que a preocupação deve ser de todos, porque temos um compromisso com o crescimento da escola e isso só vai acontecer se tivermos em vista o crescimento do nosso aluno, porque precisamos atender às necessidades dele. Então, o pai, o aluno, a direção, a coordenação, o professor, todos somos responsáveis.

[...] todos nós precisamos estar responsáveis por aquilo que precisa ser feito. Porém, essa responsabilidade tem graus de comprometimento. Alguns se comprometem mais, outros menos, mas acredito que esse comprometimento é de todos os envolvidos na escola [...] o próprio projeto nos deu essa visão de que há necessidade do envolvimento de todos, funcionários, professores, direção, coordenação, porque quando estamos discutindo alguma coisa, nos sentimos num compromisso coletivo, numa busca coletiva, pois a instituição só vai avançar, se todos estiverem no processo, caso contrário não haverá avanço.

Apesar de entenderem que a responsabilidade é de todos, que o compromisso é coletivo, existe uma responsabilidade individual, pessoal que não pode ser delegada a outrem sob pena de comprometer o processo de construção coletiva. Por isso, **se o professor é responsável, se assumiu um encontro de estar nessa instituição, também tem um compromisso, quando percebe que algo não está bem. É uma questão de comprometer-se com o todo, para resolver, de forma tranqüila, os problemas que surgem, porque a tranqüilidade é tudo nessa vida.**

Os professores acreditam que o aluno e o pai são os primeiros a darem sinais de que alguma coisa está errada no processo pedagógico. Afirmam que a primeira responsabilidade está no professor, que tem que ser verdadeiro e autêntico, dizendo o que não está conseguindo, onde está precisando de ajuda. Para os entrevistados, a responsabilidade da educação continuada é do profissional que vai ser beneficiado com essa educação, porque é ele que deve perceber quando, em que e como precisa mudar.

Acrescentam que, **devido ao cenário em que vivemos, devido ao universo de informações, por si só o professor deveria se sentir estimulado a ir em busca de alguma coisa, deveria estudar, refletir, ler, discutir e assim por diante.** Comentam que a tendência do professor, no geral, é a acomodação, ou pela formação inicial que teve ou por questões pessoais. **Poderíamos dizer que de dez professores, talvez um deles diga: eu acho que preciso estudar [...] embora não pareça muito democrático, mas tem efeito produtivo e, por isso, vejo como importante essa iniciativa da escola de organizar um projeto de educação continuada para os professores.**

Na visão de um dos professores, **existe uma responsabilidade que é da coordenação que está sempre atenta, contatando mensalmente com os professores nos encontros, nas reuniões, chamando os professores em qualquer situação, sempre em contato [...] acompanhando o desenvolvimento das crianças, olhando os seus cadernos, as notas.** Em contrapartida, outros entrevistados entendem que não se deve esperar que a iniciativa venha da direção, de uma equipe diretiva, supervisão ou coordenação. Na visão desses, o professor tem que buscar sempre, **porque a pior coisa é uma pessoa acomodada, em qualquer profissão ou situação, pois no momento que um não se sentir comprometido com sua própria formação, o processo passa a não acontecer.**

Muitas vezes, acrescentam que o desafio parte dos professores, quando solicitam ao coordenador subsídios para a resolução de certas dificuldades e situações de conflito que aparecem no dia-a-dia da sala de aula. Consideram fundamental, o estudo e a fundamentação teórica para subsidiar a aprendizagem dos alunos e o ensino do professor, como a elaboração de instrumentos de

avaliação e a própria prática metodológica. **Os estudos são direcionados para a capacitação do professor para uma prática mais coerente, no seu fazer diário.**

Foi mencionado pelos entrevistados que, se a responsabilidade da educação continuada é de todos, é importante que o grupo que coordena considere as diferentes necessidades de cada nível de ensino. **Sendo assim, como escola, vamos juntos procurar descobrir o que é comum a todos para propor temas comuns a serem estudados por todos.**

Precisamos de uma unidade na escola e por isso precisamos ver o que o grupo está necessitando de fato, o que é comum a toda a escola. Para formar a unidade é importante ter um direcionamento, uma postura comum, respeitando a faixa etária de cada segmento. A postura é comum para todos os níveis de ensino, por isso é importante chegar a um consenso de idéias, de informação, de pensamento, sem descuidar dos princípios filosóficos da escola.

Nesta mesma linha de pensamento, outros entrevistados acrescentam que, se a proposta da escola fosse mais livre, para a escolha das leituras, por exemplo, talvez não tivesse o resultado que tem, porque, segundo eles, pela cultura em nosso país, os profissionais não se sentem responsáveis por sua própria formação,

nós trazemos essa cultura de que alguém tem que conduzir o processo [...] mas eu diria que cada um de nós deve se sentir responsável pelo processo, porque nós vivemos um tempo que não pode ser diferente. Eu tenho que estudar sempre. Porém, na realidade o que eu vejo é que a escola tem que tomar a iniciativa, dado que não é um consenso entre as pessoas, no sentido de responsabilizar-se por essa busca.

Houve professores que afirmaram caber à direção da escola, ao supervisor e ao coordenador, a atenção a todos os professores em suas necessidades de formação, mesmo que a responsabilidade pela educação continuada seja de todos. Porém, **são os professores que dão o sinal de que estão precisando de formação. Como não é possível atender individualmente, cabe à escola organizar e adequar o projeto.**

Portanto, é da responsabilidade dessa equipe a atenção ao grupo, pois, em muitas situações, o desejo de aprofundamento surge de uma necessidade do grupo,

como, no caso do Ensino Fundamental de nove anos, que suscitou um estudo sobre letramento no grupo de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Anos Iniciais.

A necessidade gera o interesse e isso acontece, muitas vezes, na vida do professor. A gente procura as coisas por necessidade, quando na maioria das vezes realmente precisa, porque brasileiro não procura se não precisar [...] então, quando surge uma necessidade geral dos professores, isto é conversado entre eles e, coordenação, orientação e a partir daí escolhem-se os temas para serem trabalhados [...] é um trabalho integrado, partindo de uma necessidade que é de todos.

Quanto à responsabilidade da escola em estar organizada e investir no aperfeiçoamento de seus professores através do projeto de educação continuada, os entrevistados afirmam que:

neste sentido, acredito que, na escola, as funções estão bem distribuídas; considero importante que o professor tenha clareza daquilo que lhe compete [...] eu sei que a minha responsabilidade é ler, é pesquisar [...] acredito que à medida que as coisas vão avançando, cada um vai tendo consciência de suas responsabilidades [...] a escola tem uma grande importância, porque está sempre motivando, sempre incentivando seus professores na busca de leituras e isso tem se constituído num grande impulso na questão da responsabilidade.

Os professores entendem que é vantajoso estar numa escola que oportuniza ao corpo docente a educação continuada no próprio processo de construir-se professor. Assim, não precisam tomar consciência, sozinhos, da necessidade de mudança. A escola está proporcionando isso por meio do projeto.

A escola está oportunizando essa formação [...] na questão da nossa participação na reformulação do PPP. Eu só conheço a nossa escola que envolveu toda a equipe docente na elaboração. Tanto onde estudei, o que tenho de bagagem como aluno, como nas escolas em que trabalhei, ou das escolas dos meus colegas do curso de especialização, não vi nenhuma delas, tanto públicas como particulares, nenhuma delas fazem um processo parecido como o do Colégio Sant'Anna que envolve todos os professores. Eu nunca tinha visto um processo como o nosso de envolver todo mundo.

Na visão dos entrevistados, a forma como o projeto está organizado, com programação pré-estabelecida e todo o espaço de tempo e condições necessárias para a realização do estudo, também contribui para o engajamento dos

participantes. Acrescentam que **o professor tem papel fundamental nessa proposta de educação continuada, porque ele é o pivô para desencadear o processo** na sala de aula.

Eu acho fundamental esses encontros quinzenais de estudo, essa programação que a gente recebe já no calendário, reservando aquele espaço, isso favorece inclusive aquele professor que diz: ah! não tenho tempo, não posso, não gosto. Posso até não gostar ou não querer, mas pelo menos, essa organização prévia facilita e temos ali uma oportunidade. A escola oferece o espaço e isso é elogiável. Um espaço, condições, material e tempo, o que hoje as pessoas reclamam muito do tempo. E mais, os professores são remunerados para realizar esse estudos. Quando se fala em incentivo, isso é o próprio incentivo.

Se o professor não estuda é porque realmente não quer. Só não evolui, não investe em si, quem realmente não está interessado [...] se eu tivesse que contar para alguém como é a educação continuada aqui na escola eu diria que a gente não pára nunca nessa escola. Temos encontros mensais, quinzenais e, às vezes, até semanais. No final de cada encontro, fazemos um registro daquilo que estudamos, crescemos, percebemos e contribuimos para o crescimento do todo.

Segundo os professores, um fator considerado importante, quando o professor se propõe a um estudo fora, é a atitude de acolhida por parte da escola, pois **quando solicitei essa oportunidade sempre tive o apoio, porque a escola tem esse cuidado com o professor. Acho que ela tem um valor maior, que é não só de incentivar, como também tem essa preocupação que o professor estude.** Muitos professores destacam **o privilégio de haver pessoas interessadas no colégio, dando-lhes oportunidade de estudar.**

Outros professores entendem as reuniões, os encontros de formação na escola como **algo muito bonito, percebo o pessoal motivado a participar não só na escola, mas em cursos que surgem também fora.** O projeto da escola aguça a responsabilidade dos professores em participar desses encontros mensais, dos seminários promovidos pela escola, o congresso franciscano oferecido pela mantenedora, oportunidades de aperfeiçoamento cujos temas desenvolvidos possibilitam ao professor trabalhar melhor e com qualidade em sala de aula. **É interessante que não só dentro do recinto escolar, mas até fora da cidade, a escola incentiva os professores e investe garantindo a sua participação para poder trazer essas experiências de fora para dentro da própria escola.**

Quando tu tens uma escola como o Sant'Anna que dá essa possibilidade de estudar, tu estás num paraíso, porque é obrigação do professor buscar, mas aqui na escola a gente tem alguém que está te oferecendo, que está pensando um caminho para o profissional que quer. É fundamental, porque a escola está dando o subsídio [...] sempre busquei uma educação continuada, sempre estou lendo, sempre procurando, mas isso sou eu. Existem pessoas que não pensam assim.

O trabalho que a coordenação, a supervisão e a direção estão fazendo é excepcional. Vejo que é uma coisa que está mexendo com a escola, o trabalho está muito bom. O povo está se desacomodando. Aquele colega que era mais parado tem que se acordar, tem que correr. O suporte que estamos tendo, está sendo muito bom. Quero destacar o trabalho das coordenadoras, como pessoas que se envolvem, buscam, cobram da gente no sentido da leitura prévia dos textos de embasamento teórico para o encontro seguinte. Nós mesmos estamos lendo mais. A gente discute e prepara para o encontro e nos momentos de encontro, o trabalho flui normalmente.

Na visão dos professores, a escola tem responsabilidade importante, **porque à medida que oportuniza este espaço, cobra resultados, mesmo que não consiga atingir a totalidade dos professores, mas o papel que ela está exercendo é fundamental e importantíssimo para a evolução do corpo docente.**

Antes dessa formação, eu pensava e lia dentro da História e da Filosofia que são coisas afins e que eu gosto, também de Literatura, mas muito pouca coisa dentro da área da educação [...] na minha vida de professor realmente li muito pouca coisa sobre educação. Agora, com a educação continuada, vejo que tem um veio, tem um norte que está aprimorando a minha prática educacional. Antes eu aprimorava a minha prática dentro da minha área de conhecimento, das coisas que gosto como política, filosofia, artes. Hoje já busco outras leituras como a revista Nova Escola.

Para os professores, a proposta da escola está responsabilizando o professor para a construção do profissional da educação, despertando o gosto por outras leituras, provocando neles a vontade de conhecer e ler outros temas que estão além da sua área de conhecimento. **A clareza filosófica da proposta e o direcionamento dado pela escola são fundamentais para que os professores estejam numa mesma linha de ação, numa unidade de trabalho, mas, para isso,**

em primeiro lugar, a pessoa tem que estar aberta, querer, buscar. Só assim é possível chegar a um denominador comum na escola.

Destacam como aspecto relativo à responsabilidade de cada um a realização das leituras prévias, porque facilitam a discussão no grupo, ressaltando o que acham importante na discussão. Porém, afirmam que, quando o texto é pequeno, é válida a leitura no próprio grupo. **Existe um compromisso dos professores com as leituras e está sendo muito bom.**

Não vejo colega acomodado, apesar de que, às vezes, existe aquele que diz: não deu para ler, tinha outras coisas para fazer, mas dei uma olhada e a gente se ajuda. Esse compartilhar está levando a um trabalho dinâmico, porque a discussão faz a gente crescer, mesmo que, às vezes, seja um puxão de cabelo, alguns ficam de cara meio torcida com o colega, mas o legal é isso, é a provocação mesmo. Caso contrário o grupo gastaria muito tempo com a leitura no dia do estudo e a discussão não seria tão proveitosa. Porque, às vezes, a gente fica numa questão e todo mundo quer falar.

Analisadas as falas, os professores são unânimes ao afirmar que a responsabilidade da educação continuada, na escola é de todos, porém entendem que ela possui níveis de comprometimento. Cabe a cada um sentir-se responsável e comprometido frente às atribuições específicas da função que exerce, considerando sua vontade e autodeterminação. Estaria implícito, de forma subjacente nos depoimentos dos professores, uma visão que supera o simples fazer pedagógico, quando dizem que todos são responsáveis, mas que o nível de comprometimento de cada um está em conformidade com a responsabilidade individual? A responsabilidade relaciona-se com a liberdade humana, compreendida como, no entendimento de Merino (1999, p. 269):

expressão da forma perfeita de existência na qual o homem intervém tal como é: com sua reflexão que provém do entendimento, com sua autodeterminação que brota da vontade, e com suas múltiplas limitações e ambigüidades que provém de sua condição encarnada e de seu estar situado num mundo concreto. [...] a liberdade existencial portanto não pode estar em oposição à liberdade de escolha, que é autodeterminação do eu. São dois momentos e duas perspectivas distintas sobre um mesmo horizonte, que é o ser humano.

Afirmar que o comprometimento e a responsabilidade da educação continuada em uma escola é de todos e de cada um é algo relevante neste momento da análise, se considerados os depoimentos dos professores e coordenadoras como prova da relevante qualificação das suas ações em sala de aula. Porém, evidencia-se a necessidade da permanente vigilância de si em relação à autoformação e à responsabilidade em projetar o horizonte da formação da coletividade.

4.4 DIFERENTES PAPÉIS, DIFERENTES RESPONSABILIDADES

Na escola franciscana, os diferentes papéis e responsabilidades não correspondem necessariamente a níveis hierárquicos de poder e de dominação. Seguem antes o espírito de fraternidade que tende a eliminar tudo aquilo que possa destruir os laços de unidade na diversidade dos dons de cada um que constitui o grupo. Para Merino (1999, p. 172), “a hierarquia no grupo franciscano está baseada na igualdade e fundamenta-se na humildade e na caridade. Desse modo cria-se um contexto humano adequado para que possam conviver e compartilhar”, harmonicamente, diferentes serviços em uma escola franciscana, pois o que vale é a relação fraterna que tende a se estabelecer entre os diferentes papéis que compete a cada um, em particular.

Quando foi solicitada aos professores entrevistados a avaliação sobre o papel do coordenador pedagógico, da direção e dos professores no que se refere ao projeto de educação continuada em uma escola, mencionaram que toda a instituição tem um propósito e, no caso, a escola tem a missão de educar. Referindo-se à escola em estudo, consideram o trabalho da coordenadora pedagógica árduo e complexo, **principalmente no tempo em que vivemos**. O coordenador é fundamental no trabalho, **porque é ele que vai dar o norte, orientar para manter a unidade no grupo. Se não tivéssemos o coordenador, não teríamos unidade, cada um faria a prática do seu jeito**.

Vejo o coordenador pedagógico, como se fosse um técnico de futebol. Existe um time e um propósito, mas o coordenador é aquele que está ali, junto da equipe, percebendo, quando se perde o foco, quando precisa ser retomado. Ele tem que ter a preocupação de concatenar, congregar e dinamizar o processo. Assim, como no exemplo do esporte, o técnico é fundamental, na escola o coordenador é visto como aquela pessoa que tem uma visão de conjunto e, ao mesmo tempo, desperta, estimula nas pessoas, o espírito de equipe [...] aquela pessoa que está liderando para que não se perca de vista o objetivo maior da educação e suas mais diversas expressões [...] é aquela pessoa que é responsável pela organização maior daquele nível de ensino dentro da escola.

Para a maioria dos entrevistados, o papel do **coordenador pedagógico** é considerado importante para liderar e coordenar o grupo, de ser presença no dia-a-dia do professor, fornecendo subsídios para o suporte teórico, principalmente para aqueles que não dominam as teorias da educação, motivando-os a superar obstáculos, mas, ao mesmo tempo, solicitando o retorno à leitura, ao compromisso, trazendo informações, promovendo discussão sobre a prática. Mencionam que a coordenação pedagógica deve estar sempre atenta ao papel do professor, aberta ao diálogo, estabelecendo parceria com os professores no trabalho diário. **Esse desafio de pensar junto, de conversar sobre o que foi proposto e do que foi aplicado em sala de aula é papel das coordenadoras.** Destacam a importância da flexibilidade do coordenador para que o professor possa conversar, opinar e ser questionado sobre o que deve ser melhorado, o que está bom e deve continuar.

O coordenador é aquela pessoa que vai estar atento a tua conduta, sempre presente nas atividades, na sala de aula. Vai chegar, estar de olho, não fiscalizar, mas acompanhar, estar junto e participar. Acho que essa questão de “gabinete” não existe mais. Ele precisa estar ali, junto, acompanhando, ajudando o professor [...] acredito que a gente precisa trabalhar em parceria. Importante, além da crítica, o incentivo, o elogio como forma de motivar o professor a fazer melhor, porque mesmo que ninguém é criança, mas como faz crescer mais, quando alguém diz algo bom a respeito da gente.

Para os professores, o estímulo recebido da coordenação os remete à sua relação com os alunos, pois, se para eles o elogio desperta a vontade de melhorar sempre mais,

com o aluno a gente busca fazer o mesmo, motivando-o a melhorar, ou buscar outro caminho, quando não está tão bom. Amizade é bom, mas

temos que ser profissionais. Assim como com os pais, no momento que existe alguma coisa que deve ser melhorada, devo ser sincera, é minha obrigação falar. É o profissionalismo mesmo.

Os professores consideram o papel do coordenador como algo fundamental, mas acreditam que poderiam melhorar em alguns aspectos, como questionar com o grupo o aproveitamento do tempo das reuniões de setor, pois, muitas vezes, as discussões em função de assuntos pessoais ou casos particulares desviam o foco da reflexão. O papel do coordenador **é manter a discussão dentro do objetivo principal do estudo. Claro que precisa ter flexibilidade, abertura para outras discussões, mas precisamos aproveitar mais e melhor o tempo que foi destinado para o estudo e o debate.** Por outro lado, consideram que a oportunidade de exporem suas angústias ao coordenador pedagógico, facilita o trabalho e dá mais segurança para avançar na proposta.

Na visão dos professores, como o grupo é muito grande, é imprescindível a participação da direção e da coordenação pedagógica para não deixar que os professores se desviem do projeto, pois, à medida que percebem que alguém não está conseguindo ou que está deixando lacunas, é necessário que alguém dessa equipe reorienta o trabalho. Apesar do esforço, para alguns professores, o trabalho do coordenador pedagógico, muitas vezes perde-se em função das inúmeras atividades e assuntos que ele exerce no dia a dia da escola. **Às vezes, percebo que as coordenadoras, em geral, se envolvem com tantas coisas burocráticas e parece que falta tempo para falar com o professor, de oferecer ajuda, no sentido de orientar a leitura e cobrar.**

É fundamental a existência da coordenação, da direção, de uma supervisão escolar, porque eles são como porto seguro, um norte onde a gente tem como se orientar [...] precisamos de ajuda, socorro, respaldo de uma equipe que esteja acompanhando o trabalho da gente. Isso é fundamental, porque a pessoa que está de fora, consegue enxergar algumas coisas que não vão bem, ou que vão bem, mas podem ser reaplicadas.

Na visão desses professores, é papel da coordenação realizar um acompanhamento mais próximo do trabalho e direcionar para o fortalecimento do grupo onde atua, percebendo as necessidades e especificidades de cada professor.

Os professores consideram importante o envolvimento da coordenação e da direção nos momentos de planejamento, na definição do tempo para os estudos, na organização e seleção dos temas a serem abordados. Avaliaram como positivas, as reuniões da direção e coordenação para preparar os encontros de estudo com os professores.

Assim como nós professores, sei que os coordenadores e a direção fazem reuniões de estudos todas as semanas, preparando o que vai ser estudado e trabalhado com os professores, porque não é um grupo separado, é um todo que acaba sendo único. É um estudo que faz a unidade. É fundamental, dá o norte, coordena. Então, o coordenador é como se fosse um mediador também, que vai fazer a ponte para os professores a forma como o grupo deve trabalhar.

Nesse sentido, as coordenadoras pedagógicas, embora não tenham sido questionadas diretamente quanto ao seu entendimento sobre os diferentes papéis e responsabilidades no processo de educação continuada, elas dizem que **alguns professores ainda precisam de uma presença mais próxima, para entenderem que a função da coordenadora é parte de um todo e que o trabalho dele, lá na sala de aula, por mais simples que possa parecer, num período de cinquenta minutos, tem todo um suporte, toda uma estrutura pedagógica que está levando ao resultado lá, entre professor e aluno.**

O professor precisa enxergar esse todo e não só se enxergar com sua aulinha, isso é um desafio muito grande. Existe ainda um pequeno grupo que está precisando caminhar mais, mas mesmo se fosse um professor que ainda não percebeu, que não entendeu totalmente o processo, mesmo se fosse um só, para mim seria preocupante. Eu fico vendo, até que ponto o professor investe na sua formação profissional, pessoal?

Quanto ao papel da direção, os professores entendem que **é sua função organizar uma proposta de educação continuada, abrir espaço**, investir no profissional, dar o norte, orientar para manter a unidade do grupo e oportunizar o aprofundamento teórico. Além disso, acreditam que cabe à direção também fazer **certas cobranças**, porque é necessário.

A responsabilidade da direção é proporcionar e cobrar a participação, porque no momento que é cobrado a gente vai em frente, trabalha,

produz. No momento que fica meio solto, a gente não faz, porque não estamos inseridos numa sociedade que exige isso da gente, então, a gente acaba se acomodando [...] não só como reflexo de uma sociedade assim, mas acaba se refletindo isso. É mais fácil se acomodar, ficar onde a gente está e não se mexer. Dizer que a nossa prática está perfeita, quando ela não está é mais fácil. Porque se dissermos que não está, temos que mexer em alguma coisa e isso é complicado.

Para os professores, o diretor tem um papel mais complexo do que o do coordenador pedagógico, porque, além de ter a preocupação com a educação dentro da escola, **o diretor é o técnico dos técnicos.**

Vejo que o diretor tem que ter uma visão de conjunto, uma visão do propósito da educação, e dos setores e isso exige muito mais dele. Também vejo que o diretor tem um papel de liderar em função de um projeto maior, não só a questão da cidadania, projetos a longo prazo, com cunho administrativo e financeiro [...] além da atribuição de liderar em função do propósito da escola, o diretor tem que ter um olho bem firme nesse sentido da história, no passado da instituição, tem que ter domínio da situação atual e, principalmente, uma projeção de futuro.

Segundo os professores, o diretor tem um papel fundamental, muito mais em termos de utopia, de visão de mundo, essa questão de projetar a escola para o futuro, estar consciente da caminhada de hoje, para **sentir-se responsável e projetar ações que possam responder ao tipo de país e de mundo que queremos para daqui a alguns anos.**

A direção, além de proporcionar a discussão, deve oportunizar o feedback do processo aos professores. Acrescentam que precisa haver “cobrança”, ver o que realmente ficou, o que acrescentou ao professor. Lembram o caso específico da escola que, em determinado momento, exigiu dos professores uma produção escrita, que implica sentar, escrever e sistematizar a discussão. Relatam que foi muito difícil e que a produção textual é muito complicada e, assim, justificam:

a gente não tem o hábito de escrever, poucas pessoas tem o costume de escrever e quando essa cobrança vem da direção que investiu, porque afinal de contas é um investimento de tempo, de horas, de dinheiro, de material, é a meu ver um investimento alto que tem que ter um retorno. E para saber se realmente esse retorno existe, tem que haver exigência, que num primeiro momento arrepia, mas depois, sem problemas. Quando a gente se sente desafiado, provocado, reage, porque se não há desafio não tem graça, aquilo passa e não fica nada.

Então, no momento que a gente tem que pensar e escrever sobre, fica difícil.

Contribui, nesse sentido, Josso (2004, p. 43) ao afirmar que “a narrativa de um percurso intelectual e de práticas de conhecimento põe em evidência os registros da expressão dos desafios de conhecimento ao longo de uma vida”. Na visão da autora, mesmo que esses registros sejam conhecimentos elaborados a partir da sensibilidade individual de determinado momento, os referenciais para a auto-interpretação das disciplinas que “constituem as ciências do humano são objetivações construídas coletivamente a partir das tomadas de consciência do que constitui as nossas potencialidades humanas” (p.43).

Destacam como importante o respeito que a direção tem em relação à pontualidade no horário dos encontros. **Isso é uma questão de respeito com o outro, é compromisso com o grupo que não pode ser prejudicado por aqueles que não têm essa visão de pontualidade. Aprendi muito com isso, porque já fazia parte da minha forma de ser esse estilo de compromisso, mas reforçou mais com a proposta da direção.**

Acrescentam, ainda, que o papel da direção é fundamental quanto à organização de um projeto, o investimento em si mesmo, o incentivo aos professores e consideram que todo esse processo está mexendo muito com a escola.

Acho que vocês da direção são as mentes pensantes de toda proposta. Apesar de que sempre há quem reclame pelo fato de ter que ler, o que se percebe é uma parceria dos professores e da coordenação, quando se trata de realizar as leituras prévias. Todo mundo pega junto e existe ajuda mútua no sentido de atender o propósito da mente pensante.

Outro papel atribuído à direção é o de alertar o professor para a necessidade de mudança daquilo que não está bem, não no sentido de “descartar” o professor que não se enquadra na proposta da escola, mas de estar apostando na mudança dele.

Existe uma credibilidade da direção no profissional isso é o que possibilita ao professor a mudança. Então, como existe nesta escola aquele trabalho de parceria, de reconhecimento daquilo que está sendo feito, só não muda quem não quer [...] Acho que o papel da

direção não é só propor, mas é fazer com que seus funcionários e professores estudem e entrem no projeto, porque tem gente que é muito resistente e, cabe à direção procurar fazer com que se dêem conta que o importante é o grupo, andar como grupo, não sozinho.

O depoimento acima encontra eco na proposta franciscana quando Merino (1999), referindo Gemelli, afirma que “a personalidade de cada um é um patrimônio que ninguém tem o direito de deformar por nenhum motivo” (GEMELLI apud MERINO, 1999, p. 178). Para o autor, “o modo humano e pedagógico de Francisco de Assis criou uma verdadeira comunidade onde todos se sentiam humanos e cada um podia desenvolver ao máximo sua personalidade na ação, no diálogo, na oração e em todas as múltiplas dimensões” (MERINO, 1999, p. 178). Para esse autor, Francisco foi um “excepcional organizador e orientador das relações interpessoais e dotado de grande intuição para descobrir grandes personalidades humanas no que têm de bom e de incomparavelmente humano” (MERINO, 1999, p. 178).

No entendimento dos professores, cabe à direção a preocupação de zelar pela integralidade da proposta, porque de nada adianta os professores agirem de forma isolada dentro da sala de aula, pois isso transparece fora da escola, para além de seus muros.

Os professores entrevistados afirmam que é **papel do professor** saber aproveitar as oportunidades, aquele momento de estudo, de cultivo, de engajar-se, de ler e discutir, de estar disponível para estudar.

A gente tem aquelas quatro horas de estudo, num determinado momento e se fosse em casa, a gente não conseguiria dedicar esse tempo para estudar [...] pensando no meu papel e no papel dos colegas com quem convivo, existe a questão do comprometimento e da responsabilidade. Não vou fazer ou cumprir isso, porque tem que ser feito, ou porque a direção da escola está pedindo, mas no momento que sou convidada a fazer esse trabalho, tenho que me doar, me dedicar. Muitas vezes, nós, professores, nos acomodamos, reclamamos disso, daquilo, tentamos desviar, fugir das responsabilidades e, quando as coisas apertam a gente não sabe porque tem que ser assim ou porque tivemos que fazer diferente. Deveria ter mais comprometimento do professor, centrar mais naquilo que deve assumir dentro da escola.

Quanto à co-responsabilidade com o todo da escola, referimos Morin (2005, p. 88) que recorre ao princípio de Pascal, quando afirma que ‘todas as coisas são

causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas e todas são sustentadas por um elo natural e imperceptível' ligando as mais distantes e as mais diferentes, é impossível conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes'. Nesse sentido, é preciso compreender que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes, substituindo "o pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une" (MORIN, 2005, p. 89).

Os professores ainda destacam que, se a responsabilidade pela educação continuada é de cada um, quando avaliam seu papel dentro das diversas funções, a responsabilidade se abre e o professor, enquanto pessoa, tem grande parcela de contribuição a dar, para responder por aquilo que lhe compete, **assim como cada um, coordenador, diretor. [...] acredito que o trabalho, a transformação vai acontecer de fato, se em primeiro lugar existir um querer e um aceitar , um assumir das responsabilidades de cada um.**

Na visão dos professores, o papel do docente está vinculado ao papel da direção e do coordenador pedagógico, porque todo professor é uma liderança, é uma extensão do propósito da escola em sala de aula.

No caso específico da nossa escola, vejo uma coisa muito interessante acontecendo, talvez um fenômeno novo. Quando se fala em educação continuada oferecida pela escola, salvaguardando as diferentes funções de coordenador e diretor, mas esse tipo de atividade, de reflexão, faz com que a gente vá se co-responsabilizando cada vez mais pelo papel de professor, não só pela questão financeira, mas pela missão, porque é muito fácil chegar aqui e dar a minha aula e ir embora, já cumpro minha carga horária. Mas, à medida que a gente começa a estudar, vê que o problema de um é o problema de todos, também o professor passa a ter uma atitude diferente.

Ainda no entendimento deles, a política de educação continuada, adotada pela escola, desafia o professor a realizar um papel mais amplo do que simplesmente dar aula ou simplesmente ser responsável por uma determinada disciplina, de igual forma desafia cada um dos envolvidos a ter uma visão sistêmica da escola.

A gente começa a co-participar em responsabilidades maiores, não no sentido de transferência de responsabilidade, mas de co-participação. Começa a perceber que, para ser uma educação de qualidade eu tenho que estar presente, cuidar da avaliação, cuidar da minha linguagem, da

minha atitude [...] Então, o projeto vai dando uma outra formatação à instituição escola, porque o diretor tem que ser uma pessoa atenta nas coisas que estão acontecendo, o coordenador não poderá simplesmente cuidar só do setor dele, deverá preocupar-se com as dificuldades dos alunos, mesmo que seja numa fase anterior a do seu nível de ensino, o professor democratiza as relações, se responsabiliza mais o professor no seu papel de educador vinculado a uma instituição, tendo uma visão maior do que simplesmente dar aulas e ir embora. Isso cria um compromisso social do professor, com uma visão mais abrangente das coisas.

Os entrevistados afirmam que é papel do professor o compromisso de mudança e que precisa ser compartilhado e aplicado por todos, **porque o professor é a extensão da escola, da filosofia da escola, dos valores da escola,**

[...] porque, como escola, podemos até fazer uma boa projeção de visão, missão, estratégias, planejamento, mas na hora de aplicar, é o professor que está diante dos alunos. [...] quando falei em visão e responsabilidade, falei principalmente nesse sentido de que é o professor que está lá na sala de aula. Se a nossa missão como escola é humanizar, é priorizar a pessoa, mas se na prática, nas mais diferentes disciplinas o professor não tem uma atitude vinculada a esse compromisso de humanização, se como professor, trato mal os alunos, se evidencio mais o número do que a pessoa, cai por terra toda essa proposta da escola.[...] então, essa democratização que falei antes é cada um lá na sua ação, na sua sala de aula ou no cotidiano, estar respondendo por essa proposta maior.

Para os entrevistados, portanto, mesmo sendo da responsabilidade da direção cuidar do todo, **existe a responsabilidade individual dos integrantes da escola na operacionalização**, para que, de fato, haja coerência entre o que se propõe e a própria ação, destacando que **o papel do professor é muito importante, porque é ele que vai estar na sala de aula com as crianças, é o professor que vai ter que colocar em prática o que está estudando.**

O professor é quase mais importante do que o diretor, porque é ele que tem o contato mais braçal e direto com o aluno e é lá na sala de aula o lugar onde está o processo. Por isso, se um professor, por alguma razão abandonar a proposta e na sua atitude pedagógica ou relacional, não levar adiante aquilo que é a proposta da escola, o processo fica comprometido.

[...] A responsabilidade do professor é bem maior, porque o trabalho com as crianças e os adolescentes está nas mãos dos professores. Não como dono do saber, mas como mediador do conhecimento e de tudo o que deve ser trabalhado dentro da proposta curricular [...] o

professor é a raiz do processo, ele é fundamental, porque ele vai estar sempre com a criança, diariamente junto com o aluno. É ele que vai traduzir o que foi estudado, vai socializar a informação, fazer a avaliação, fazer acontecer de fato o processo. Cabe a ele a grande responsabilidade de perceber as angústias que os alunos trazem e, ele tem que saber agir, conversar, construir conhecimentos de uma forma coerente com a proposta da escola, enfim, ele é fundamental.

É o professor que está se relacionando com os alunos dentro de uma sala de aula. A coordenação não está lá dentro, todo o tempo. Quem está com o aluno é o professor. É ele que vai te dar o retrato da sala de aula, que vai mostrar se está sendo positivo ou não, o que pode e precisa ser retomado. Por isso, considero o professor uma peça fundamental de todo esse trabalho [...] é nos professores onde surge tudo, porque nós estamos em contato diário com o aluno, sabemos quais são os problemas mais urgentes dentro da sala de aula, nós sabemos dizer até para a própria coordenadora sobre nossa sala de aula [...] nós somos o suporte para lançar o questionamento.

O papel do professor, acrescentam, é perceber que precisa estar comprometido, disponibilizar tempo e vontade para participar, estar integralmente presente.

Já que estou aqui vamos trabalhar, vamos fazer valer a pena, fazer mais rápido, produzir mais, porque quanto maior for a produção maior será a contribuição na hora do confronto dos textos para fazer uma síntese [...] essa experiência de construção de textos, de elaboração de objetivos foi onde mais o grupo cresceu, porque houve a parceria entre os professores, cada um colocando a sua experiência na construção do trabalho.

Ficou claro nas falas dos professores que os papéis do coordenador, diretor e professor são interdependentes, mas, por outro lado o nível de responsabilidade é diferenciado para cada um deles. Em Merino (2000, p. 86), “o ser humano é um ser que não diz somente *eu*, mas também diz *tu*, e não pode deixar de viver a dimensão comunitária. Uma pessoa, ao mesmo tempo que é para si, tem de ser para os outros, com os quais está relacionada e intimamente vinculada”. Na visão dos professores, compete ao diretor pensar e projetar a escola numa visão de utopia com vistas à formação de uma sociedade do amanhã, sem perder o fio condutor da trajetória histórica da escola. O coordenador deve ser presença e suporte que assegure ao professor a aplicabilidade do projeto de educação continuada. Ao professor cabe, de fato e de direito, dispor-se ao estudo e, conseqüentemente, à aplicabilidade em sala de aula, junto aos alunos. Sintetizando os diferentes papéis e

responsabilidades, os professores assim se posicionam: **se eu tivesse que dizer numa palavra eu diria que o papel da direção é propor e cobrar, da coordenação é nivelar, estabelecer o que é próprio de cada nível de ensino, e do professor é comprometimento, vir e se comprometer com o processo e aí dá certo.**

4.5 EVIDÊNCIAS DE REPERCUSSÃO DO PROJETO NOS DIFERENTES OLHARES

A repercussão do projeto no olhar dos professores, coordenadoras e alunos entrevistados se estabelece desde o ponto de vista de cada um em consonância com o tempo em que se encontram. Segundo Merino (2000, p. 70), “o alcance do olhar depende da intenção de quem o lança; e, com frequência, o que o olhar descobre é aquilo que projeta. O olhar representa uma atividade importante na vida, por ser o principal vínculo entre a pessoa e o mundo, entre o eu e os outros”.

Indagados sobre as evidências de repercussão no aluno, como beneficiado de sua formação continuada, os professores **apontam a capacidade de perceber o aluno como ser inteiro e único, o que os tornou muito felizes, livres para criar, colaborar e construir, a preocupação com o todo**, até mesmo nos momentos que estão fora da escola, quando estão preparando as aulas. Isso faz com que haja **um pensar sobre a forma como o trabalho foi realizado**, gerando um questionamento: **o que posso fazer diferente?** Dizem que hoje se sentem muito mais felizes, porque têm, em seus alunos, aliados, amigos e pessoas que estão dispostas a crescer e ser felizes. Com essa caminhada, os professores saíram de uma situação de centralização e, hoje, o que percebem é que

o crescimento no aluno é de uma pessoa muito mais feliz, mais livre para criar, para colaborar, para construir, mais tranqüilo em todos os sentidos, inclusive com uma presença muito mais efetiva dos pais, na escola [...] além de ganhar em conhecimento, o aluno sente prazer em estar na escola, prazer em aprender, porque uma coisa é fazer, porque o professor quer, outra é fazer, porque gosta, porque está com vontade de fazer.

Os alunos confirmam o olhar do professor quando mencionam que **o Sant'Anna está se aperfeiçoando, cada vez, mais no processo de ensinar, porque consegue desenvolver nos alunos o prazer de virem para o colégio e aprender. Acho isso muito importante e faz o diferencial, porque não precisamos ligar escola e estudo com sofrimento. Pode ser um prazer, sem dúvida.**

Encontramos nesses depoimentos algo próprio da vida franciscana. É Merino (1999, p. 292) que, ao referir escritos sobre Francisco de Assis, que remontam ao século XIII, afirma que “Francisco por natureza era alegre e estava dotado de um modo jovial e festivo nada comum, que sempre conservou e potencializou ao longo de sua vida. Esta atitude permanente de alegria e de festa surpreende a todos que se aproximam do grande irmão universal”. Nesse sentido, estariam alunos e professores imbuídos do princípio da alegria algo que brota da essência do ser humano integral, cujas raízes buscam a felicidade na fonte da luz divina que habita o próprio ser humano?

Para os professores, a formação continuada está sempre instigando reflexões sobre sua prática, sua atuação em sala de aula, o preparo de suas aulas e sua metodologia de trabalho, tendo como ponto de inspiração seus alunos.

Eu me considerava uma professora muito firme, muito rígida, não era meu instinto ser ríspida, mas eu era rígida demais. Eu gostava de trazer as coisas muito prontinhas, muito bonitinhas, achando que o que meus alunos iriam fazer não era tão bonito como aquilo que eu iria apresentar. Pequei muito nesses 19 anos de caminhada, mas de uns dez anos para cá eu mudei muito, muito. Desde um painel comemorativo eu fazia o esboço e a participação do aluno era muito pequena. Hoje, o aluno participa muito mas, coloca para fora os sentimentos dele, constrói, participa muito mais, se sente mais feliz em poder participar, tem prazer em apresentar seu trabalho para a mãe, mesmo de sucata, e dizer; olha que lindo que eu fiz [...] de um tempo para cá, não faço mais para o aluno. Estou ali como orientadora, sugerindo, porque descobri que meu papel é ser mediadora e me sinto assim, hoje. O trabalho poderia sair mais bonito, mas com uma criatividade não tão especial, por não ser construído pelo aluno.

Os professores afirmam terem crescido muito, na relação com seus alunos, pelo fato de **deixá-los produzir, fazer, de valorizar aquilo que é deles**. Com isso, percebem que hoje têm **um aluno muito mais aberto, que tem prazer em vir para a aula**. Relatam que há alguns anos atrás, os alunos ficavam felizes, quando havia

um feriado e, hoje, ficam tristes quando não há aula. **Hoje, tenho um aluno que vê o professor como companheiro dele. Entendo que nós, professores, precisamos do nosso aluno, senão a gente não os ganha. Como mediador, aprendo muito com os alunos, porque eles sempre têm muitas novidades e isso é muito bonito.**

Nos depoimentos, os alunos confirmam que, na questão do **relacionamento interpessoal, entre professor aluno**, há uma relação de confiança e não há obstáculos para que o aluno possa se aproximar do professor para conversar. **Não existe aquela coisa de ter medo e não ter coragem de perguntar, porque o professor pode não gostar. E, mesmo o professor sendo um amigo, a gente sabe o nosso lugar, eles conseguem nos ensinar, impor limites e nós aprendemos com eles e eles aprendem com a gente.**

Os professores ratificam as afirmações dos alunos dizendo que, **à medida que o professor pára, senta, reflete e discute, começa a perceber o aluno como pessoa.**

Se tenho quarenta alunos na sala de aula, em ritmos diferentes, com percepções diferentes das coisas, é imprescindível esses momentos de reflexão, porque estimulam a gente a olhar o nosso processo, evidenciando aquilo que é mais importante e não o que é secundário, porque, na verdade, o que seria do nosso trabalho se não fossem os nossos alunos? Se eu estabelecer uma relação de animosidade com eles, sofro eu, sofrem eles, mas principalmente, sofre o processo educativo que fica sem sentido.

Para alguns professores, as evidências estão no profissionalismo que gera uma maior autonomia no professor o que, conseqüentemente, torna-os mais felizes, porque descobriram e aprenderam coisas novas. **Para mim, pessoalmente, a educação continuada, a partir de todos esses acompanhamentos de leitura, estudo e reflexão coletivos dentro da escola, me fazem sentir que sou mais profissional, sou mais capaz agora, sinto-me mais feliz e automaticamente vou levar isso para a sala de aula, o que vai repercutir no meu aluno.**

Como exemplo de que o aluno ganhou com sua formação, um dos professores cita a leitura, não especificamente o domínio dos códigos, mas da leitura em si mesmo. Como ele próprio estava motivado para ler, por causa do estudo, automaticamente contagiou as crianças.

[...] ir para a biblioteca para ler, uma atividade simples do dia-a-dia, se tornou uma coisa gostosa, que eles cobravam da gente [...] porque eu estava motivada, parecia que eu estava empurrando eles, eu via o crescimento no dia-a-dia da sala de aula, nas produções, na própria fala das crianças, a autonomia que eles adquiriram porque eu me achava um pouco mais avançada, mais segura para poder incentivá-los na questão da leitura [...] também adquiri mais autonomia e, automaticamente, as crianças se tornaram mais autônomas, porque tenho aquela característica básica da organização, uma coisa bem pessoal. [...] Quando fui convidada para assumir a 1ª. série, foi uma coisa que me fez pensar e refletir muito comigo mesma e pensei: não quero que a minha organização pessoal prejudique o andamento do trabalho na sala de aula, quero construir junto com os alunos. A partir da reflexão, aprendi a respeitar o ritmo de cada um, ouvir o outro, dialogar, porque as coisas não precisam ser como eu gostaria que fossem.

Na opinião dos professores, questionarem-se sobre o que podem fazer com as contribuições dos alunos, é algo muito importante. Nesses termos, acrescentam que o grande benefício da educação continuada é que o professor **passa a encarar o aluno como um ser em construção. [...] a gente passa a respeitar mais a sua fase, as dificuldades que o aluno tem e, apesar de ser difícil, aos poucos, passamos a perceber que o aluno erra, não para me ofender, mas porque ele também está em processo.**

As falas dos entrevistados remetem ao que aponta Merino (1999, p. 176), referindo que, para Francisco de Assis, a perfeição não é um ideal abstrato, mas o modo como cada pessoa encarna o melhor possível alguma das muitas virtudes que nenhum ser humano concreto pode abarcar. “Esta perfeição não é patrimônio de um, mas harmonia de um grupo concreto que torna possível e visível como poderia ser uma pessoa perfeita”. Nesse sentido, segundo os professores, é preciso perceber o aluno em processo, como alguém que caminha em busca de sua construção como pessoa, com tempo diferente, qualidades diferentes, o que é único e singular.

Os professores constatam que, na educação continuada, aprenderam a respeitar o tempo do aluno, a experiência de vida, a experiência cultural dele. Hoje, **percebo a diferença muito grande de um aluno que vem da fronteira para um aluno que vem do centro do estado ou de outra região do Brasil, porque eles têm processos diferentes, um tempo diferente, uma compreensão diferente do que é a amizade.**

Atribuem também aos encontros da educação continuada a possibilidade de refletir sobre outro aspecto que, segundo eles, é indispensável na relação que se estabelece na sala de aula: a afetividade.

Para mim é fundamental para a construção do conhecimento, esse dado da afetividade, essa energia, essa empatia, principalmente porque eles são adolescentes, falando do Ensino Médio e o adolescente é muito mais emoção. Para mim, é impossível a gente negligenciar esse dado da afetividade, porque ninguém aprende porque tem prova, ou porque a universidade exige.[...] o aluno pode saber de uma forma muito superficial, em função daquilo que é um concurso, mas, pessoalmente, me dedico e me preocupo, como professor, e com a possibilidade de o aluno estabelecer uma relação de confiança com o professor, porque no meu entendimento não sou um adversário, nem inimigo do aluno. Se fecharmos as portas da afetividade ou da sensibilidade com os adolescentes, sobra muito pouco pra gente, não há como trabalhar.

É visível, no depoimento acima, o valor do dado afetivo atribuído à questão relacional entre professores e alunos. Nessa linha, encontramos respaldo em Merino (1999, p. 169), quando faz entender que, na comunidade franciscana, o dado da relação fraterna era prioritário no grupo organizado por Francisco de Assis. Francisco reitera insistentemente que “no novo grupo nenhum dos irmãos tenha poder ou domínio sobre o outro, que se sirvam e se obedeçam mutuamente e que nenhum faça mal ao outro ou fale mal do outro”. Assim, na escola franciscana, o relacionamento entre professor e aluno deve ser entre iguais e não de superiores e inferiores.

Os alunos também percebem que existe uma grande amizade dos professores para com eles e, na visão deles, não há nada de errado nisso, porque a gente tem aquele respeito sem distanciamento e isso ajuda muito na aprendizagem. Não há desrespeito nem inversão de papéis, porque ele é o professor e eu sou aluno e existe essa diferença.

Eu nem considero professor e aluno. Eu considero amigo e aluno. Claro que sempre respeitando o espaço de sala de aula, e querendo ou não, ele é o professor e exige respeito. Mas os alunos têm acesso diretamente ao professor. Não existe distância, a gente conversa, dialoga com o professor e esse é um fator muito importante aqui no colégio. É algo que foi e está sendo construído pelo projeto do Sant'Anna e, para mim, é muito importante.

Seria possível perceber, nesse aspecto relacional e de acolhimento considerado pelos professores e alunos, o que Merino (2000,p. 63) aponta, quando afirma que, embora “o homem exista em permanente relação e por ela se defina, não deve esquecer-se, por outro lado, que a categoria relacionamento é ambígua, podendo manifestar-se por atitudes de acolhimento ou de rejeição, de confiança ou de suspeita, de entrega ou de usurpação”? Seria possível perceber um elevado grau de sensibilidade dos professores e alunos, algo fundamental para estabelecer uma relação verdadeira? É visível, na fala dos alunos, a questão de valores como respeito, amizade, diálogo. Sem sombra de dúvida, pode-se dizer que a respeitabilidade nessa relação é algo iluminador para ambos.

Os professores apontam mudanças significativas na forma como organizam suas aulas, nos objetivos que propõem para desenvolver determinados conteúdos em sala de aula. Acrescentam que o aluno ganha muito com a proposta de trabalho cujo objetivo é a construção de um sujeito transformador, protagonista do processo histórico, um aluno crítico, reflexivo.

Apesar de ter consciência de que é difícil obter uma resposta imediata, um professor de História manifestou que procura ir além do conteúdo e ajudar o aluno no seu processo de construção, de conscientização, de ação, também como brasileiro. Acrescenta dizendo que, muitas vezes, principalmente aqui no Sul do Brasil, as pessoas orgulham-se de ser descendentes de italianos, alemães, judeus e não têm consciência de uma identidade nacional. Então,

eu procuro, através do meu trabalho, fazer com que o aluno saiba que ele é um cidadão brasileiro, que nossa história é uma história bonita, apesar de ser uma história de sofrimento, de exploração, mas a gente pode mudar isso, proporcionando ao aluno a reflexão sobre a história do seu país, como ele poderá usar esse conhecimento em sua própria vida de cidadão.

Para esse professor, a formação continuada que a escola oferece possibilita espaço para a reflexão sobre a ação e, conseqüentemente, o aluno ganha com essa postura diferenciada.

Aquela correria que antes eu tinha sobre vencer conteúdo, hoje eu não tenho mais. Não trabalho mais com objetivo de vencer conteúdo[...] apesar de ter preocupação com o currículo, tem aquele mínimo, mas

não me importo, se tiver que ficar três, quatro aulas, um mês conversando e construindo sobre um assunto a gente fica. Aprendi a respeitar o tempo de aprender do meu aluno, e isso foi muito importante também para mim. Até é vergonhoso falar, mas antes dessa formação, há três anos atrás, eu não pensava assim, minha preocupação maior era vencer o conteúdo, tudo o que tinha no livro.

A formação também desafia alguns professores a elaborarem seu próprio material didático, beneficiando o aluno: **fica mais fácil do que, quando a gente pega um livro com mais de duzentas páginas, acrescido do problema de que os pais querem que o professor vença todo o livro.**

A mudança no enfoque **do conteúdo para a construção de conhecimento** passou a fazer parte da reflexão dos professores. Mencionam que **a preocupação em cumprir um programa, vencer um conteúdo** foi adquirida na universidade durante a graduação.

Acho que deveria haver uma mudança também lá na universidade, porque ela não te dá esse embasamento teórico que temos aqui. Às vezes, fico pensando que seria um ganho para a sociedade, se tivesse mudança dentro das universidades. Acho que nos cursos de Pedagogia o pessoal tem uma formação bem maior. Nós, da História, não temos. Temos apenas duas cadeiras de Didática e não estudamos nem 1/3 dos teóricos da educação. Isso sem falar na prática que, na minha época, eram 60 horas. Não há como aprender toda essa questão da valorização para o ser.

Para os professores, **hoje em dia, é imprescindível que se tenha essa formação para o ser da pessoa [...] não adianta dar conteúdo por conteúdo. Tudo isso os alunos encontram em qualquer lugar, basta aprenderem a ler e a escrever, o resto o mundo ensina.**

Nesse sentido, os alunos afirmam que **o trabalho com os conteúdos não é feito de forma superficial**. Os professores vão a fundo no seu estudo, porém não trabalham o conteúdo pelo conteúdo. Na opinião deles, **o trabalho dos professores é muito legal, porque mostram de onde vêm as fórmulas e para que servem, ao contrário de outras escolas que vão direto ao ponto, apresentando só “macetes” de aplicação de fórmulas e resolução de exercícios.**

Os alunos dizem perceber, por parte dos professores, um empenho para que eles aprendam e construam o conhecimento, não só para o Ensino Médio e

para passar no vestibular, mas para o futuro. Por essa razão, os professores demonstram preocupação em acompanhar o aluno, esclarecendo suas dúvidas e ajudando a descobrir onde estão as dificuldades daquilo que foi ensinado e que o aluno não conseguiu aprender.

Acho muito interessante que, aqui na escola, os professores induzem o aluno a pensar, a perguntar, a indagar e não impõem o pensamento deles. Eles constroem junto com a gente. Temos uma convivência muito boa e acho muito importante, porque existe uma abertura muito grande por parte dos professores o que facilita essa construção do conhecimento.

Os professores que trabalham com produção da escrita apontam que as repercussões na vida do aluno se manifestam principalmente na produção pessoal, na oportunidade que eles têm de se expressar em sala de aula. Os professores passaram a criar situações, possibilitando aos alunos manifestação de suas opiniões,

a possibilidade de rever o que pensam e até mesmo mudar de opinião, aprender a partilhar com os colegas idéias que eles pensam ser deles. Quando se trabalha com crianças isso se torna um pouco difícil, mas é possível perceber o progresso, a evolução, na produção textual do início para o final de um ano de trabalho. [...] eles começam produzindo textos, mas o conteúdo não é o esperado. Depois de toda uma preparação, de uma apresentação de idéias do que eles pensam, depois da utilização de alguma técnica, conseguem evoluir na escrita. Isso eu atribuo às próprias leituras que eu realizo.

Eles afirmam também ser importante que o professor não leia somente livros sobre sua área de trabalho. É preciso **realizar leituras sobre metodologia, avaliação, prática docente para se atualizarem, mas também ler livros que são da faixa etária de seus alunos, porque isso desenvolve neles o gosto de ir à biblioteca para ler.** Relata que, no início, é um pouco difícil, porque eles resistem à leitura, mas, com o tempo, vão gostando e se envolvendo. O fato de oportunizar aos alunos espaço para construir seu próprio parecer sobre as leituras que vão realizando, vai modificando aquela idéia de obrigatoriedade de ler. Os alunos se sentem valorizados, porque vão realizar uma crítica sobre o livro, sobre a leitura que fizeram.

Em relação à vida, os professores mostram aos alunos o que realmente é essencial para conviver bem num grupo. Partem do estabelecimento de regras de bom convívio, elaboradas **em conjunto para que o comprometimento não seja somente do professor, mas de toda a turma e, quando um foge à regra, existe a reflexão e a retomada. Isso tudo contribui para o amadurecimento dos alunos diante da resolução de conflitos.**

Outra evidência é a adequação dos textos de interpretação. Os professores procuram trazer sempre textos relacionados à vida dos alunos, algo mais de acordo com a realidade deles. **Se eu não tivesse participado do projeto de educação continuada eu não teria essa oportunidade de estar aperfeiçoando o meu fazer pedagógico, eu não teria esse cuidado. Isso é um complemento necessário ao meu fazer e há reflexos desse projeto dentro da minha sala de aula.**

Segundo os professores, a educação continuada oportunizou a ampliação da visão e da concepção sobre vários aspectos, dentre eles a contextualização dos conteúdos, o que beneficiou o aprendizado dos alunos.

É uma pena que o conhecimento que é trabalhado na escola não é o que se vive fora dela. Isso me faz refletir na veracidade dessa afirmação [...] um dia, estava olhando o pedreiro que reformava minha casa, ele construindo, medindo, fazendo um quadrado e eu pensando; esse homem não tem nem a 3ª. série e sabe colocar uma casa em pé, e eu com tanto conhecimento de matemática e física, se me pedirem para construir uma casa eu não sei[...] penso que deveria ser o contrário, eu que tenho um conhecimento deveria saber calcular área de azulejo do banheiro, alguma coisa assim. Não dou palpite nenhum, porque não sei. Ele que não tem nem a 3ª. série, faz aquilo com a maior tranquilidade.

Continua dizendo:

isso é uma coisa que temos que pensar, porque o que a gente trabalha dentro da escola, não tem relação com o que a criança vai viver lá fora. “Parece que são dois mundos diferentes, escola e vida. Fecha a portinha da escola e agora sai para a vida [...] quanto mais o professor aproximar a proposta de trabalho, aquilo que vai ensinar, da vivência do aluno, isso eles levam para a vida”. Por isso, a importância de o professor explicar o porquê daquilo que vai trabalhar. Porque, se para o professor é importante saber por que é fundamental participar de uma educação continuada, para os alunos, também isso se torna indispensável a aproximação daquilo que ele estuda com a vida. Assim ele se compromete mais em assumir suas responsabilidades.

Outra evidência **são as dinâmicas desenvolvidas nos encontros de formação e que, às vezes, aplico em sala de aula e dão certo.**

Conflitos que surgem nos nossos encontros de formação, surgem também com os alunos, tudo isso são experiências que a gente vai vivenciando, socializando e aperfeiçoando o trabalho da gente. [...] a dinâmica do avião que foi feita conosco, onde cada um era uma parte do avião. Eu apliquei essa dinâmica com as turmas de quinta série e a integração foi muito boa [...] Essa foi uma técnica muito importante para que eles se integrassem, foi algo positivo, porque na vida não estamos sozinhos, precisamos saber que existe um todo e que eu faço parte desse todo.

Mais ousadia no planejamento, na maneira de dar aula, maior comprometimento com vivências, teorias aliadas à prática também foram nomeadas como evidências de mudança. A oportunidade de estudar e refletir sobre a ação fez relembrar vivências concretas, tais como:

como a professora de 1ª. série, num dia de chuva levou um bolo de laranja para a sala de aula, [...] a professora da 2ª. série foi embora da escola porque mudou de cidade, [...] eu chorei muito e me lembro que ela me abraçou. Então, começo a me dar conta que o que fica não é o conteúdo, porque se me perguntarem sobre o conteúdo de primeira e segunda séries eu não lembro nada. O que eu lembro são atitudes delas. Isso foi o que me marcou e é isso o que fica pra gente.

Sobre a importância do relacionamento interpessoal como algo fundamental, os alunos dizem que é preciso investir nessa questão e exemplificam dizendo: **eu, por exemplo, já me esqueci dos conteúdos que aprendi na 6ª série, mas eu me lembro de todos os professores que tive, de cada um em particular. Já os conteúdos, eu teria que estudar tudo de novo.**

Para os professores, quando o profissional inova a sua prática, percebe a quantidade de recursos que existem para trabalhar, inúmeras possibilidades que se tem para realizar experiências de vida com os alunos. **Um bolo que a gente faz em sala de aula, uma ida ao mercado para olhar os preços, ver as frutas, descobrir tudo o que existe num mercado, conversar com o gerente do mercado. Isso é uma experiência de que eles passam a semana inteira falando, são vivências inesquecíveis que vão ficar para vida deles.** Além de todas essas aprendizagens significativas, os professores comentam que, antes de qualquer atividade, é

necessário conversar bem com os alunos, estabelecer as regras em conjunto. Afirmam que isso compromete os alunos e também é um aprendizado.

Um outro aspecto abordado foi a intencionalidade do lúdico no trabalho com os alunos pequenos. Isso pode ser percebido em relação ao estudo de diferentes disciplinas. A criança, que **no fazer tem mais prazer, aprende de forma divertida e, com certeza, vai aprender bem melhor. Letramento ela aprende nos rótulos, no supermercado, numa revista em que vai recortar letrinhas, nas brincadeiras e jogos, que são excelentes recursos, porque existem regras e devem ser respeitadas. Juntar brincadeiras e jogos com a aprendizagem é muito significativo para ela.**

Acho importante a coerência entre o que a gente fala e o que a gente faz. Não é só a parte teórica [...] Oportunizar atividades para que a criança cresça. Por exemplo, a questão do letramento: antigamente usava-se muito o caderno, ficava muito na sala de aula. Hoje, tenho muitas formas de trabalhar isso, levo a criança para o pátio, a gente pega na areia. Se vamos trabalhar uma letrinha, senta na areia, contorna a letra, faz brincadeiras de forma bem lúdica porque a ludicidade proporciona o prazer de aprender.

Eu tinha que trabalhar matemática com o Nível B, eles têm 5 anos, então fui trabalhar na quadra da escola. [...] começamos a comer salgadinhos e, junto com isso, levei fichas com números e eles tinham que erguer a ficha antes de tirar os salgadinhos do pacote. Era uma alegria quando alguém tirava o número 5, que poderia tirar 5 salgadinhos. Ai eu dizia: agora menos 4 salgadinhos e ele ficava só com 1 e era aquela “tristeza”. Aqui, neste exemplo, eles tinham que brincar, trabalhar, escolher as fichas, contar os salgadinhos, dar para o colega do lado, quer dizer, estavam aprendendo muitas coisas e para a vida. Com certeza, aquela experiência ficou, porque é isso que fica. Acho que o que o aluno ganha com a minha formação é a questão de viver, a vivência a experiência, a ação, quanto mais próximo da vida deles, eles não vão esquecer.

Em relação ao trabalho que parte de valores, acrescentam que há um **ganho para a vida** do aluno a partir da sua participação no projeto de educação continuada.

Os estudos e reflexões sobre temas franciscanos se refletem em sala de aula, quando a gente senta na rodinha para conversar e refletir, com as crianças. Valores como companheirismo, amor, amizade, alegria, a importância de ser fraterno, de ser amigo, são coisas que passaram a fazer parte da prática diária [...] no momento de um desentendimento, de um conflito em sala de aula ou no pátio, a gente pára e faz com que a criança reflita sobre as atitudes que está tendo. Isso são coisas que

eu procuro trabalhar todos os dias. Isso é uma atitude que tem a ver com os estudos que fizemos sobre a proposta franciscana, porque isso leva a gente a fazer o gancho com a prática de sala de aula [...] assim, o aluno passa por um processo de crescimento que se reflete em casa e é confirmado pelos comentários dos pais. [...] a mudança de metodologia, a inovação na proposta de trabalho, saindo da rotina e propondo atividades diversificadas, ocupando os diferentes ambientes escolares.

Dessa forma, os alunos destacaram como resultado do projeto a formação de valores. Na visão deles, **todos esses estudos que os professores e os alunos fazem têm muita relação com a formação da pessoa, porque, na sala de aula, a gente percebe que os professores não formam alunos só para pensar ali, na questão do conteúdo, mas para pensar na vida também.**

[...] essa forma de trabalhar está dando resultados que são visíveis e penso que ainda pode melhorar muito, porque, com isso, a gente consegue ficar bem mais próximo do professor. Ai existe essa coisa de que o professor não vai ensinar só conteúdo, mas a gente vai levar valores que são para a vida inteira e esse é o grande diferencial da escola.

Outro destaque é a avaliação que um professor faz do processo do aluno. Relata que, na hora das brincadeiras na pracinha de brinquedos, onde o aluno se expressa de diferentes formas com seus colegas, também é momento de avaliar.

Ali o professor deve estar atento aos conflitos que surgem entre as crianças através da expressão corporal, a troca de informações, a linguagem ampliada, porque, nesse momento, eles estão brincando com amigo imaginário, estão construindo a linguagem. E, ali é muito forte a própria vivência que eles têm em casa. O professor precisa estar muito atento e observar para poder realizar uma avaliação de acordo com o que a criança realmente está construindo. Isso tudo, para saber com mais segurança o que é preciso trabalhar mais, o que precisa melhorar o que precisa ser feito. O papel do professor é “ter um sentido forte de observação e reflexão. Observar e colocar em prática.

Outra repercussão no aluno, segundo outros depoimentos dos professores, é a questão do discurso unificado dos professores. Quando o aluno percebe que os professores estão trabalhando na mesma linha de ação, começa a respeitar o professor, a entender a forma como ele desenvolve o assunto e vai aprender com

mais prazer. **Ninguém aprende com medo, a gente aprende, porque acredita e admira aquela pessoa e quanto mais admira, quanto mais gosta de alguém em função do trabalho que aquela pessoa desenvolve, mais a gente aprende.**

Para os professores, a harmonia entre a equipe de professores, a harmonia da própria escola é muito importante para a aprendizagem dos alunos. Acrescentam que, apesar das diferenças pessoais devido à individualidade de cada um, quando há essa harmonia proposta pela escola, a ação dos professores apresenta uma unidade e isso os alunos percebem. Segundo Merino (1999, p. 206):

[...] a percepção é o vínculo simbiótico do sistema eu-mundo. Por isso, pode-se dizer que toda percepção é uma comunicação ou uma comunhão, a confirmação ou consumação, de nossa parte, de uma intenção [...] a realização acabada ao exterior de nossas potências perceptivas, e como um acoplamento de nosso corpo com as coisas.

Para os professores:

O aluno se beneficia no momento que toda a equipe falar a mesma linguagem. Ele vai incorporando essa atitude e isso passa a ser natural dele. Se começarmos desde os pequenos, toda a escola falando na mesma linguagem, quando ele chegar ao Ensino Médio ele já vai estar pronto nesse sentido de entender o processo da escola. Aí será bem mais fácil.

Os alunos consideram a relação **professor x professor** muito boa. Percebem que há um coleguismo e uma parceria muito grande entre eles, **porque, como colegas, eu vejo que eles estão sempre se ajudando, fazendo projetos para o bem do aluno e todo o foco é o crescimento conjunto, porque aqui no Sant'Anna, mais do que nunca, a gente percebe que não se chega a lugar nenhum sozinho. Não se cresce sozinho, a gente sempre precisa da ajuda dos outros.**

No relacionamento entre os professores, eles são cúmplices. A gente percebe aquela cumplicidade, para que a gente possa melhorar. Eles poderiam até pensar: olha estou ensinando o meu conteúdo e tudo bem. Mas não é assim, eles estão juntos para nos ajudar e não só isso, acho que acima de tudo é para a gente ter amigos na sala de aula.

Na visão dos alunos, **existe uma relação de grande parceria entre os professores**, justificado pelo fato de haver muita troca entre eles, tanto na questão dessa ajuda na interligação dos conteúdos, como cedendo espaço para o colega que está precisando e para os alunos concluírem e apresentarem trabalhos.

Seria possível identificar, nos depoimentos dos alunos, a aprendizagem pelo exemplo do professor, muito mais consistente do que sua fala sobre determinado tema? Teriam os professores a dimensão exata do que ensinam por atitudes de vida, na vivência de seus relacionamentos e no sentido que dão à sua própria existência?

Na visão dos professores, as evidências de repercussão no aluno se manifestam desde a prática pedagógica diária, o relacionamento dos professores com os alunos, a ampliação da visão de ser humano, de sociedade e de mundo até a mudança de postura pessoal e profissional diante da vida de cada professor. Os depoimentos dos professores, em muitos pontos, são confirmados pelas falas das coordenadoras e dos alunos cuja percepção, muitas vezes, ultrapassa a percepção consciente do professor, de que a aprendizagem do aluno se dá muito mais pelo não dito, mas pelo vivido. Reforçando novamente o ideal franciscano referido em Merino (1999, p. 204), ele afirma não ter dúvida de que “a grande força contagiosa de Francisco de Assis diante dos outros consistiu em amá-los sincera e profundamente em geral e de modo particular a cada um”. Seria possível perceber nos professores o esforço, a necessidade sentida desse deslocamento permanente de si para construir-se pessoa e profissional, num contato cada vez mais sincero consigo mesmo e com o outro, na relação do aprender e do ensinar?

4.6 FACILIDADES E DESAFIOS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO DO PROJETO

Um trabalho de educação continuada envolve um processo de construção que considera, conforme nos aponta Josso (2004, p. 39), “um caminho com continuidades e rupturas, envolve competências verbais e intelectuais que estão na

fronteira entre o individual e o coletivo”. E mais, se considerar o ser humano um permanente devir, conforme já referimos em Merino (2000), deve-se considerar momentos de luz e de sombra como parte intrínseca de um mesmo processo.

Nesse sentido, quando indagados sobre facilidades no envolvimento e participação no projeto de educação continuada, a maioria dos entrevistados destaca como significativo o **horário favorável** em que conseguem reunir um número expressivo de professores e a **expectativa para os encontros de estudo**. **As indagações que nos fazemos: o que será que vem hoje, o que é que vamos discutir? Eu acho que isso é uma facilidade que muda o meu perfil, enquanto buscador de conhecimentos diferenciados, de aprimoramento para o meu trabalho.**

Uma das grandes facilidades para todos os professores é a questão do tempo. A gente dedicar esse sábado de manhã, é compensador. Olha, eu venho com muito prazer, porque algo de bom, de novo, de importante para mim, estou adquirindo. E não só porque é novo, mas alguma coisa que vai me mudar, no meu jeito de ser, é algo para mim, um tempo só para mim [...] acho que é como ir a uma igreja, tirar um tempo para você rezar, porque acho que a gente precisa se dar esse tempo.

Os entrevistados apontam também o diálogo com a coordenação pedagógica como facilidade para implementação da proposta educativa. **Ajuda muito e facilita o processo, o acesso que o professor tem à coordenação pedagógica, com a equipe diretiva, porque temos um acesso tão tranquilo a qualquer momento.** Acrescentam aos depoimentos a importância do investimento financeiro, realizado pela escola na formação do corpo docente. **Todo esse investimento de tempo e de recursos financeiros, que a escola faz, enviando professores para cursos fora, além daqueles programados pela mantenedora.**

Acho que o investimento que a escola faz em recursos como, as bibliotecas que nós temos, facilita, porque quando a gente trabalha numa instituição que não tem esses recursos, o professor precisa adquirir livros que não são baratos [...] e tendo esse acesso e viabilizando a possibilidade de leituras atualizadas é um lado vantajoso, tanto para o professor como para o aluno.

Eu diria que é quase como que estarem te oferecendo conhecimento de graça, porque se a gente for pensar, hoje em dia qualquer coisa

precisa pagar e se fôssemos pagar para fazer estes cursos fora, ou pagar um palestrante, imagina! [...] e se você pensar, a escola paga este horário para você estar ali aproveitando tudo. [...] o que aprendi aqui vou levar para o resto da vida. Posso não estar mais aqui no Sant'Anna, posso estar no outro lado do mundo, mas aquilo ficou para mim. A questão do enriquecimento e, de conhecimento pessoal.

A disponibilização de recursos na escola foi mencionada como facilitadora na implantação do projeto e também como meio de ressignificar a prática pedagógica.

Não basta estar atualizado, o professor precisa, também atualizar seu aluno. Então, no momento que o professor propõe um trabalho que exige leituras mais atualizadas, ou a própria informática, facilita a aplicação do projeto. Porém, depende muito do professor fazer uso dos recursos, porque de nada vale a discussão, a reflexão, a elaboração de ações, se depois o professor não faz uso dos recursos que estão disponíveis.

Aspectos como apoio e acolhimento recebido dos próprios colegas nos momentos dos encontros foram apontados como facilidades. **É o apoio e o acolhimento que a gente recebe dos próprios colegas, até mesmo de poder expor algum problema que a gente tem em relação à aplicabilidade. Sempre existe alguém para ouvir e ajudar a encontrar uma solução ou também para ouvir quando alguma coisa dá certo, poder partilhar as alegrias também, não só as dificuldades.**

O intercâmbio entre os níveis de ensino, citado no capítulo três e aqui agregado à oportunidade de conhecer diferentes realidades das escolas da rede franciscana, é outro aspecto facilitador para reflexão dos participantes.

O intercâmbio que temos com as escolas franciscanas, são os encontros sobre o Ensino Religioso, que nos ajudam, porque nos unem na parte da religiosidade. A gente troca muita experiência, dinâmicas de sala de aula. O Congresso Franciscano, os seminários regionais, onde temos a oportunidade de nos encontrar com pessoas de outros lugares e, também conhecer outras escolas.

Foi um ganho extraordinário, porque as professoras da Educação Infantil e do Ensino Fundamental – séries iniciais, por exemplo contribuíram muito com a parte pedagógica. Já o pessoal do Ensino Médio falava muito em vestibular e PEIES. [...] houve muita discussão e a gente acabou concluindo que tudo faz parte do processo, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Temos que continuar primando pelos mesmos valores, desenvolver os conteúdos, respeitando a faixa

etária, o tempo daquele grupo, de cada criança e cada um com enfoque mais aprofundado.

Na visão dos professores, mesmo que se trabalhe com áreas afins, como é o caso de História e Geografia, os alunos são de faixas etárias, de visões e de níveis de ensino diferentes, logo, exigências e expectativas também devem ser diferenciadas. Porém,

a integração dos professores dos diversos níveis para realizar a discussão proporcionou um crescimento muito grande, os encontros foram muito bons. Fico pensando num encontro entre as diversas áreas, acho que vai sair cobras e lagartos, penso que vamos perceber aqueles professores que acham que a matéria deles é mais importante que a do outro. Mas o mais importante é a riqueza de conhecimento que os encontros de integração entre os professores dos diversos níveis, agregaram.

Mencionam que o fato de não terem contato com os colegas de outros níveis, muitas vezes, gerava o desconhecimento do trabalho de uma seqüência lógica de construção do conhecimento, prejudicando o trabalho com o aluno, porque o professor levava muito tempo para descobrir seus potenciais. Ratificam, finalmente, que, depois do trabalho de troca entre os níveis de ensino, conhecendo o trabalho dos colegas desde a Educação Infantil, perceberam que os alunos **“podem mais”**.

Outro aspecto facilitador apontado foi a flexibilidade que o profissional adquire a partir dos estudos realizados, pois, através deles, é possível exercitar a criatividade e a coletividade. **Uma das mudanças bem evidentes nessa questão do perfil é a questão da flexibilidade. A gente fica mais atenta, não precisa ser do jeito que está determinado, a gente pára para escutar um pouco mais, a própria convivência com o outro, a facilidade daquela aprendizagem diária.**

A questão da criatividade, parece que a gente sai da acomodação, busca fazer coisas diferentes então, surge a criatividade, porque os alunos exigem muito do professor. “Nesses anos de caminhada dentro do Sant’Anna, percebo as mudanças que tenho , lá dentro da sala de aula e o que está facilitando para que isso aconteça [...] a escola me proporcionar esses estudos, essas reflexões, o espaço para a discussão. Isso só faz a gente crescer, mesmo se, no momento, aquela discussão não tenha sido a mais adequada, porque, nem sempre, falamos de forma correta, às vezes fazemos comentários inadequados, em momentos inoportunos, mas sempre estamos crescendo[...] então, repito como facilidades: a gente se torna mais criativo, mais flexível, compreende mais o trabalho em equipe, um trabalho coletivo.

Para outros professores, a organização prévia dos estudos, divulgada no início do ano, ajuda no processo de educação continuada, destacando a abertura do projeto quando acolhe as sugestões do grupo durante os encontros.

A gente tem uma espécie de cronograma e eu posso me organizar. A gente recebe, inclusive, o nome dos autores e isso é um fator que ajuda muito. Outra facilidade, a gente percebe que alguns professores sugerem nomes de autores, temas, livros para fazerem parte dos estudos. A pessoa se sente contemplada naquilo que é sua necessidade e isso ajuda. Por exemplo, eu tenho dificuldade em metodologia, então vamos estudar alguma coisa que vai me ajudar nesse sentido. Isso facilita, porque atende, também os interesses dos envolvidos.

O planejamento e o estudo realizado pela equipe que coordena os encontros, assim como a leitura disponibilizada previamente, foram destacados pelos professores como aspectos relevantes que facilitam a aplicação do projeto.

Acho que vocês se reúnem para pensar, sei que sempre é feito isso, porque se não houvesse essa preparação anterior a gente iria perceber. É o mesmo que preparar uma aula, temos que ter objetivos, metas para atingir, caso contrário o que seria debatido ou lido? [...] a clareza da proposta é muito importante, e também os subsídios que a gente tem acesso antes de cada encontro. Essa leitura prévia é fundamental, no sentido da preparação do grupo. Sei que a leitura é feita também no grupo de coordenação, direção e isto também é importante.

Outra coisa que quero destacar é a preparação da equipe do projeto para nos auxiliar. Esse suporte que vocês dão e isso sabe-se que é devido aos estudos que vocês fazem. A gente vê que há um estudo prévio, porque quando surgem questionamentos nos grupos dos professores, sempre há alguém do grupo de vocês que está preparada para dar o subsídio ou tirar a dúvida, ou ainda, uma ajuda a outra para orientar o professor, como foi o caso na semana pedagógica em relação à conceituação de “ementa”. Porque o que ocorre, muitas vezes, é que os diferentes autores tem idéias diferentes para um mesmo assunto.

Acrescentam que toda essa preparação proporciona aos professores a percepção do empenho do grupo de coordenadoras pedagógicas o que propicia subsídio e argumentos para debater sobre determinados assuntos. **Assim, a gente**

se sente seguro, porque tem suporte seguro, não tem medo de errar, o grupo se sente mais tranqüilo.

Outra facilidade citada pelos entrevistados foi a importância da Semana Pedagógica no que se refere ao tempo dos encontros, **porque a gente pode se encontrar, aí as coisas não são interrompidas como durante o ano que o próximo encontro é depois de trinta dias para continuar. Assim, a gente teve tempo de conversar bastante, sem interrupção.**

A credibilidade que os professores têm junto à equipe diretiva do projeto é outra facilidade apontada por eles. É mencionado o fato de cada professor ser único na sala de aula e que isso é respeitado, que todo professor tem a liberdade de realizar um trabalho próprio, não desviando do propósito do projeto, daquilo que norteia o todo.

Os professores acrescentam que a oportunidade de ouvir outras pessoas, falando e interagindo sobre temas diversos, gerou um grande aprendizado.

Coisas que eu nunca imaginei que fosse estudar aqui dentro da escola, uma escola católica. Ver aquela abertura de poder trabalhar fenômeno religioso, falando sobre diversas religiões. Um representante do Islamismo, um espírita, os dois conversando, discutindo e nós ali conversando, escutando e perguntando. Contando, ninguém acredita, porque isso não é uma coisa comum de acontecer.

No que se refere ao estudo franciscano, a reflexão significativa, a leitura de autores referenciais que favorecem uma transposição da teoria para o cotidiano.

Considero positiva a oportunidade que a gente tem de trabalhar com certas obras de autores como, Antonio Merino, que fala do humanismo, das relações do cotidiano, isso facilita a aplicação em sala de aula. Ele abre espaço, nos faz ter uma visão mais ampla, nos faz entender o ser humano, as reações do ser humano [...] eu diria que quando o assunto estudado é significativo para nós, como nesse caso, facilita a aplicabilidade em sala de aula.

Para esse professor, não só as obras estudadas, mas todas as oportunidades que foram oferecidas pelo projeto como seminários, congressos foram importantes para fazer o gancho com a prática da sala de aula e foram considerados como

facilitadores. Por isso, **a oportunidade de ler e estudar é muito importante, é fundamental e tem que continuar.**

Também foi mencionada como facilidade a comodidade da educação continuada ser desenvolvida dentro do próprio ambiente de trabalho.

Acho que a facilidade foi que essa educação continuada se mostrou necessária a todo o momento dentro da nossa escola, dentro de nosso espaço, a gente não chega num lugar estranho. A gente chega no nosso canto, no nosso espaço, já sabemos o que tem que fazer, já conhecemos a rotina e o ritual das coisas. O que vem de novo é o conteúdo, que vai ser estudado, refletido. E isso é bom, porque sendo na escola a gente não se perde nos detalhes de um espaço estranho.

Para os professores, os espaços que têm para os encontros de estudo, a boa distribuição do tempo que oportuniza partilhar experiências, o relacionamento com os professores dos outros níveis de ensino, as dinâmicas utilizadas nos encontros que propiciam integração de pessoas que nunca falavam e que acabaram se manifestando pelo uso de determinada dinâmica, isso tudo foram facilidades apontadas pelos professores.

Quanto **aos desafios**, os professores destacam a falta de tempo para realizar leituras extras, apesar de afirmarem que esta é uma questão de organização pessoal. Se, por um lado, uma das vantagens apontadas foi o horário para reunir um grupo maior, por outro lado, a ausência de alguns colegas foi apontada como dificultadora na implantação do projeto.

A dificuldade aparece quando alguns colegas nunca conseguem participar em função até da necessidade de trabalhar, de ter outras escolas, de não conseguir tempo para estar ali. Existem professores que trabalham em três escolas ou até mais e isso inviabiliza, porque é preciso fazer uma retomada individual com aquele professor que não veio e nunca é a mesma coisa, pois o trabalho ali no grupo maior é muito mais enriquecedor do que tu vires depois fazer uma retomada individual com as pessoas da equipe que direcionam este trabalho.

Acho que se estivesse todo o grupo presente seria o ideal, mas não vejo que isso esteja sendo problema para nós, aqui dentro da escola. Porém, a falta de alguns colegas do Ensino Médio, por motivos de cursinho, prejudica o grupo pela falta de contribuição deles no grupo, prejudica o processo como um todo e isso é uma dificuldade. Acho que perde tanto a pessoa que não vem, como perde o grupo inteiro, porque são coisas que poderiam ser acrescentadas dentro da

caminhada, até porque são conhecimentos diferentes, informações diferentes, são visões diferentes e com o diferente vai se construir.

Existe também a acomodação de colegas que, às vezes, relutam em participar e isso dificulta o processo, **porque a gente não se satisfaz só com as vitórias da gente. Ficamos felizes quando vemos que o outro muda e muda para melhor, pois é o aluno que sai ganhando, porque a razão do trabalho do professor é o aluno. Na prática docente, a satisfação do aluno é também a satisfação do professor, porque o aluno é o nosso foco de ação.** Para os professores, muitas vezes, quando se propõe uma atividade alguns não se engajam, dificultando o processo, sobrecarregando os que sempre acabam assumindo. Por isso, julgam importante o despertar de consciência de que são um grupo, uma escola, e que é o nome do Colégio e não de um professor isolado que está em pauta.

É a resistência em relação a essa mudança, porque participar desse tipo de trabalho, muitas vezes, em certas situações, exige que eu mude a minha postura. Surge a exigência de que eu reveja, faça uma auto avaliação daquilo que venho fazendo e, às vezes, isso é muito difícil para certas pessoas. Por que é muito fácil a gente analisar o outro, ver a falha do outro, porém, não ver o que eu posso fazer para melhorar? O que não está bem e pode ser melhorado?

Apontam, ainda, o desinteresse e a falta de respeito com os colegas que querem estudar, como fatores que contribuem para que o professor se desvie do assunto em pauta, durante as reuniões. Acrescentam que alguns professores desrespeitam o espaço daquele que quer estudar e nem percebem quando desviam o assunto, trazendo fatos particulares, havendo perda de qualidade da proposta de estudo da escola. Enfatizam que é **fundamental que haja comprometimento, tanto da coordenação como do professor, em assumir seus papéis para um melhor aproveitamento do tempo. Assim haverá mais êxito nos resultados do trabalho.**

Nessa mesma linha, as coordenadoras dizem que:

[...] um dos obstáculos que a gente ainda tem, e que sempre vamos ter, porque trabalhamos com gente e o obstáculo faz parte da nossa caminhada, da nossa profissão, é a pessoa se dar conta que esse

processo faz falta, que é importante para ela como pessoa, para o trabalho dela, para as pessoas com as quais ela trabalha inclusive a instituição. [...] a gente poder chegar e sensibilizar, e essa pessoa sentir a necessidade do estudo, como algo que é importante no processo dela, como profissional e no momento que ela se dá conta disso ela busca e isso se reflete no trabalho dela com o aluno e para todo o resto da equipe com a qual esse professor trabalha não é tão simples.

Na visão dos professores, todos precisam participar do projeto de educação continuada, entretanto pontuam algumas resistências que, muitas vezes, incomodam o grupo de professores que está comprometido e mencionam a satisfação, quando os colegas são contagiados e passam a aderir à proposta.

Isso chateia, porque a gente vê que precisa mudar e junto com essa mudança, a gente quer trazer o colega junto e nem sempre consegue, porque ele está tão arraigado naquilo que acredita, que ele não quer mudar. Por outro lado, é muito bonito de se ver porque existe o outro lado da moeda. Aquele que, depois de uma certa resistência, se dá conta e diz: realmente preciso embarcar junto, preciso estar nessa e muda [...] há situações concretas de que no início a gente não conseguia a adesão do grupo todo, mas, à medida que o tempo foi passando, é visível a mudança e o comprometimento. Se formos ver, hoje, nós temos mais gente nessa caminhada que até então não queria, resistia. Aí houve a mudança que veio para qualificar mais o trabalho da equipe.

Para um entrevistado, o desafio de participar do projeto de educação continuada da escola foi mencionado como um fator que provoca para uma seqüência de estudo e conquista do conhecimento.

Eu acho que esse curso, lança para a gente um permanente desafio, lança a gente para o nosso poço que nunca podemos deixar secar, temos que estar sempre em busca de novas coisas, sempre correndo atrás e isso parece uma dificuldade, mas é uma dificuldade que desafia, faz buscar, nos faz reciclar a nossa ação diária, porque penso muito no dia-a-dia da sala de aula. Porque ele traz a rotina e, é essa rotina que estraga um casamento, uma relação professor aluno, uma relação entre pessoas que se gostam, entre amigos.

Ao mesmo tempo em que o desafio é uma dificuldade para uns, para outros o fato de os professores serem desafiados em grupo oportuniza o crescimento coletivo, e isso é algo muito fraterno. Porque é importante sentir que não estou

só, que é um grupo que trabalha em parceria [...] se eu estou bem e vejo que o meu colega também está bem, isso é muito bom e tudo vai andar bem.

Outra grande dificuldade dos professores é a falta de abertura de se entregar de verdade ao trabalho e acreditar que a mudança vai acontecer e que vai ser necessária.

Seria basicamente romper o paradigma. Acho que a grande dificuldade está na forte resistência que temos de nos entregar mesmo e acreditar que aquela mudança pode acontecer. Porque cada um de nós tem seu estilo de ser. Ao mesmo tempo em que esse projeto nos possibilita ser mais flexíveis, é difícil a gente romper com algumas barreiras, alguns conceitos, algumas vivências que a gente já tem. Então, romper com coisas já estabelecidas, coisas já vividas, é muito complicado.

Mesmo que a gente já tenha discutido e visto que talvez o melhor caminho não é o que estamos fazendo, quando chega na hora de mudar, temos aquela resistência e não conseguimos ir adiante, porque sempre fizemos assim [...] Nós estamos lidando com seres humanos, que têm aquelas coisas arraigadas, presas e é difícil a gente mudar isso.

Outros professores ressaltam como dificuldade a aceitação e a implementação do novo.

O conflito entre aquilo que é um ideal e aquilo que é possível, aquilo que é necessário e ideal e isso é interessante, porque cria conflito [...] já me aconteceu isso, porque a gente cria um dinamismo, cria umas expectativas e chega lá na sala de aula e o aluno ainda não está no ritmo que a gente gostaria. Acho que isso acontece, também com os colegas e, muitas vezes, a gente começa a sofrer.

Para alguns, a dificuldade seria respeitar o processo dos colegas e respeitar o processo dos alunos, pois a tendência que se tem é de querer todos com a mesma compreensão e no mesmo ritmo, porém a atitude dicotômica entre discurso e prática faz parte do processo.

Nós trabalhamos numa escola franciscana que fala do meio ambiente, que fala da paz, um monte de coisas, fala de valores evangélicos. Aí a gente vê conflitos dos alunos, vê aluno jogando papel no chão [...] então, essa distância entre aquilo que a gente busca e aquilo que a gente vê no cotidiano, isso se torna uma dificuldade que gera um conflito. Isso pode nos levar a pensar que estamos elevando demais a expectativa, e a realidade não é assim. Mas, por outro lado, somos

tomados de uma inquietação que nos faz caminhar e isso tem seu valor e uma grande importância no processo.

Sempre estamos conversando com os colegas sobre essa distância que existe entre aquilo que nós acreditamos e nos empenhamos em fazer e aquilo que, muitas vezes, a gente deixa de fazer [...] acho que o projeto maior não pode perder o horizonte da utopia, mas, ao mesmo tempo, isso gera um desconforto. Esse aprimoramento da utopia gera essa sensação de distância, gera desconforto, mas é interessante porque é uma dificuldade bacana [...]

Outro aspecto mencionado como dificuldade, na implementação do projeto, é **o pessimismo apresentado por alguns colegas,**

porque, às vezes, a gente está entusiasmada, empolgada para participar, se envolver, aí vem alguém e contagia ao contrário. Ah! Mas isso aí não vai dar certo, não adianta, ou até mesmo, desvia para outra conversa, ou ainda diz - mas não precisa fazer tão completo o trabalho escrito [...] sempre tem esses lances de pessoas que não estão querendo se envolver e junto querem levar outras ao descompromisso.

Para os entrevistados, os professores estão praticamente imbuídos desse espírito de busca e de comprometimento com os estudos. Quando alguém destoa do grupo no sentido de não entrar no jogo, não se envolver no projeto da escola, não trabalhar em unidade no grupo de professores dentro da série, isso se torna um entrave.

Outra dificuldade quanto à aplicabilidade é a necessidade de **equilíbrio entre a exigência da sociedade e a proposta humanista franciscana em função do sistema capitalista que a gente tem.** Um sistema que, segundo os professores, **prioriza o materialismo, a competição, o individualismo.** Segundo Merino (1999, p. 43), “se um humanismo concreto se manifesta defensor do homem, deverá também proteger e promover tudo aquilo que ajuda o ser humano a realizar-se o mais plenamente possível”. Estariam os professores cientes dessa verdade preconizada pelo autor, quando, em suas falas, apontam para uma situação social que pressiona o ser humano para a massificação de idéias, de atitudes e de postura de vida?

Então, é como se a gente estivesse remando contra a maré. Porque, às vezes, recebemos reclamações de pais, que querem conteúdo, porque

o filho precisa de um preparo para o vestibular e aí a proposta da nossa escola não é só isso. [...] precisamos mostrar para o pai que nós temos uma outra proposta, mais humana [...] eu, por exemplo, não mudo a minha postura só para atender a um mercado de trabalho ou às exigências de uma sociedade capitalista [...] e essa é uma dificuldade na sala de aula, é perceber que nós estamos trabalhando o aluno para vencer os desafios no setor competência, mas ao mesmo tempo, estamos preocupados com essa formação pessoal. Aí é que a gente enfrenta barreiras em termos de aplicabilidade, pelo entendimento por parte dos pais, dos alunos e da sociedade.

Outra questão levantada por um entrevistado, como dificuldade do processo, foi a cultura referente à avaliação, no que diz respeito ao registro, à nota.

Os alunos, muitas vezes, só reagem em função da nota e nós precisamos trabalhar para que eles mudem essa visão, mas isso não é fácil. Não adianta só mudar o nome de prova para trabalho avaliativo. É uma mudança de postura. E é importante esse trabalho pessoal do professor, essa influência, porque é a partir disso que o aluno vai começar a perceber que não é importante a nota, o número, porque nós não somos números. Para o sistema até pode ser, mas não para a vida.

Para alguns professores, a falta de cultivo pessoal também dificulta a aplicabilidade do projeto:

acho que a vida no dia-a-dia não permite que a pessoa se encontre consigo mesma e devido ao corre-corre, este ir e vir que acaba dificultando e, também, o fechamento do ser humano em si mesmo. Aí, não se conversa sobre as coisas bonitas que a própria aplicação do projeto permite. Às vezes, uma experiência que deu certo, a pessoa não fala, não comenta, não partilha e ninguém fica sabendo. Deveríamos conversar e partilhar mais com o outro e não só dar um bom-dia e já para o trabalho.

Outro professor considera que há dificuldade, quando o estudo de algumas obras é realizado por capítulos e não da obra como um todo, por todos os professores. Para esse professor, quando isso acontece, a visão fica fragmentada, porque muitos professores só aprofundam o capítulo que tem responsabilidade de apresentar para os colegas.

Se pudéssemos ter a oportunidade de fazer a leitura do todo, teríamos uma visão melhor. Sei que depende muito de cada professor, mas tem a questão do tempo e isso é complicado [...] às vezes o que dificulta

para os professores é a questão do tempo para o encontro de preparação da apresentação, devido aos horários desencontrados de trabalho de cada um ...] mas houve momentos que foi oportunizado espaço para iniciar a preparação já durante a própria reunião e isso facilitou e considero um ponto positivo.

Ainda, como dificuldade de aplicabilidade em sala de aula, foram apontados aspectos que têm a ver com o que aluno traz de história pessoal, de família, às vezes uma percepção deturpada do que seja uma sala de aula. Assim, o professor menciona que não consegue aplicar plenamente seu planejamento, porque alguns alunos não percebem a relevância.

Minha principal dificuldade em sala de aula é mudar o aluno, porque o professor, tu mudas, com a equipe tu consegues fazê-lo evoluir, enxergar certas coisas, porque é só uma questão de abertura. Mas o aluno é difícil, o pai do aluno é difícil, porque eles têm um conceito formado do que deve ser uma aula [...] aí, quando o professor chega com uma coisa nova, uma concepção nova, o aluno fica com o pé atrás [...] no momento em que a gente pára uma aula e traz para discutir assuntos como o mensalão, uma discussão sobre ética nas atitudes dos nossos políticos, alguns alunos dizem: eu quero aula. [...] fica difícil de convencer de que o professor está dando aula, está analisando uma coisa que vai influenciar diretamente no futuro do aluno, a questão de ética, de valor [...] Outro exemplo, a questão da mortandade dos peixes aqui no Sul. Isso foi um químico que passou pela universidade e aprendeu muito bem Química, mas não aprendeu ética. Aí temos todo esse impacto ambiental e ele está sendo processado.

Por fim, também foi apontado por um entrevistado que os professores somente participam quando **desafiados, pressionados**, caso contrário a tendência é a acomodação.

As facilidades como horário favorável, diálogo franco com a coordenação pedagógica, apoio e acompanhamento da equipe que dirige o projeto, subsídios atualizados, oportunidades de cursos, intercâmbio com outras escolas, o compromisso da maioria dos professores na participação dos momentos de estudos foram apontadas pelos professores como elementos que superam as dificuldades encontradas para viabilizar o projeto da escola. Visualizar os percalços do processo não só como entraves que dificultam a qualificação da ação, mas como possibilidade de aprendizagem é uma das formas de romper o paradigma vigente, encaminhando

os docentes à criação do novo que precisa se estabelecer no processo educacional de uma escola.

Mesmo tendo consciência de que, no processo de formação, o professor (que se constitui de luz e sombra) convive com luzes e sombras, algo próprio do ser humano, o comprometimento efetivo de cada um com o coletivo é algo importante na visão da escola franciscana. Em Merino (1999, p. 280-281), entende-se o trabalho como “graça e dom divinos”, como “laço de relações interpessoais com o próprio grupo, como meio de colaboração com os outros e como inserção social”. Na visão desse autor, para Francisco de Assis, “o homem não vive para trabalhar, mas não será homem, se não trabalhar”. Nesse sentido, é possível entender que as resistências e os desafios nesse processo de formação devem ser substituídos pelo espírito de colaboração, de responsabilidade com o outro e de compromisso consigo mesmo para colocar-se na escuta consciente dos desafios do fazer-se pessoa humana cada dia no e com o grupo.

4.7 AS POSSIBILIDADES DIANTE DOS DESAFIOS

As possibilidades diante daquilo que dificulta o processo são as luzes que se refletem na consciência do ser em processo do vir a ser. É normal o ser humano **não contentar-se com pouco. Sentir-se sempre desafiado a recriar, trazer coisas novas e partilhar, é algo inerente à pessoa humana.** Sonhar com a possibilidade é algo que move o ser humano na busca daquilo que ainda não alcançou. Segundo Merino (1999, p. 316), “as utopias são inerentes à natureza humana, e esta não pode prescindir delas. Ferido pelo mal do mundo que o rodeia, o homem necessita imaginar para si uma imagem harmônica de vida social”. Assim, a pessoa humana caminha para a realização de si e da sua comunidade, porque longe de sonhos impossíveis as utopias se concretizam à medida que o ser humano se torna o que deve ser em essência.

Quanto às sugestões para minimizar as dificuldades encontradas, são apontadas a necessidade da reflexão, da busca constante, pelo conhecimento, da

humildade, da parceria e da harmonia com os colegas. Para os professores, estar em harmonia não significa que não haja divergência de idéias, mas a capacidade de buscar idéias novas, trazer sugestões, discutir e eleger o que é melhor para o todo.

No momento em que a gente se contenta com pouco, já se foi o sentido da vida humana. Vejo isso como ser humano, como mãe, esposa, a gente precisa estar sempre se avaliando para poder retomar. É essa questão do olhar, de ser verdadeira com nossa retomada [...] Como ser humano a gente precisa ter muita humildade, saber partilhar, saber escutar e dar sugestão na hora certa, saber opinar, porque assim, a gente cresce como pessoa, como ser humano, como profissional [...] Nós, professores, precisamos unir, agregar, juntar as coisas, aproveitar os dons e talentos de cada um, fazer intercâmbio com os colegas.

A socialização daquilo que cada um aplicou em sala de aula foi sugerida como possibilidade, **porque, só assim, teremos como saber se realmente é possível avaliar as dificuldades e os acertos do próprio projeto.**

Acho que a gente deve começar a conversar mais entre colegas e com os alunos, no sentido de socialização de experiência e também de responsabilizar-se mais pelo trabalho um do outro, nos responsabilizarmos mais uns pelos outros. Ver a dificuldade do outro como um problema meu também. Na realidade, os problemas e as necessidades são comuns a todos, por isso, a questão de parceria e coletividade são o grande desafio que a gente deveria assumir como grupo, sem confundir isso com uniformidade.

Quando se fala em problemas comuns não significa que tenhamos que ter a mesma linguagem, porque entendo que a principal alternativa é imaginar que nós estamos num barco ou num ônibus ou numa nave e que o bom funcionamento dela é garantia de bem-estar para todos.

Os mesmos professores sugerem que a proposta de educação continuada amplie os encontros por série, pois entendem que, dessa forma, podem atender às especificidades, contribuindo para o crescimento do grupo como um todo.

A gente conseguiu dar um grande avanço com encontros rapidinhos de meia hora, ou quinze minutos, mas se dentro da proposta da escola, na manhã de sábado, tivéssemos um momento por série, a gente traria a experiência de aplicabilidade em sala de aula. Seria interessante, porque cada um saberia como o outro colega está trabalhando e daria uma unidade de trabalho [...] no entra e sai do dia-a-dia na sala de aula, fica mais difícil, não dá tempo e o professor utiliza o horário do intervalo para falar de problemas de alunos.

Outra alternativa apontada para minimizar as dificuldades é a valorização e a reflexão das experiências que cada professor traz. O professor menciona a possibilidade de partilhar no grande grupo e dizer o que faz e, a partir dessa fala, refletir, não para dizer se está certo ou errado, mas para que o grupo possa sugerir e buscar possibilidades.

Acho bem importante, valorizar aquilo que o professor traz, porque, exatamente a dificuldade está em a gente mudar esses paradigmas, essas vivências que a gente traz tão impregnadas e se tivesse um espaço além, onde pudéssemos parar para refletir, exatamente, sobre o que estamos fazendo, acredito que o crescimento seria bem maior.

O estímulo para a continuidade do projeto e o registro das ações significativas foram apontados como importantes para minimizar dificuldades. **É essencial continuar estimulando a aplicação do projeto, porque, através dele, a gente tem oportunidade de ler e descobrir coisas novas. A idéia de leitura e pesquisa, a atitude de falar e escrever é importante, porque a gente deixa perder muita coisa daquilo que falamos e fizemos, porque nós, professores, temos muita dificuldade de registrar. Falta essa estruturação e as coisas acabam se perdendo.** Ratificam a sugestão acima e ampliam a idéia agregando o acolhimento e o comprometimento pessoal como necessários à minimização das dificuldades.

Eu aprendi muito no sentido de registrar e escrever o que a gente fez, nesses últimos anos que estou aqui no Sant'Anna. Essa dificuldade, a gente vê agora na entrevista quando tem que exemplificar, a gente acaba enrolando, enrolando e não vai ao ponto. Acho que, se, no final do ano, nós professores parássemos para pensar em quê, exatamente esse projeto nos fez crescer? Onde foi, exatamente, que o meu aluno cresceu, o que modificou, talvez, em alguns momentos a gente não estivesse em saia justa para responder às questões, porque isso faz parte do dia-a-dia do trabalho do professor. [...] Uma outra alternativa, acho que é muito pessoal, nós, professores, funcionários, alunos, direção, que estamos comprometidos nesta educação, penso que é preciso estar aberto para acolher, ter um comprometimento muito pessoal para mudar, porque as mudanças são pessoais e sempre vêm de dentro para fora.

Para os entrevistados também deve ser considerada a **questão da coerência entre a fala e a ação, que é uma mudança pessoal e particular de cada um.**

Como já estamos todos envolvidos nesse processo, acho que precisamos ter consciência de que não estamos fazendo essa discussão, simplesmente por fazer. É preciso, também transformar o espaço onde estamos trabalhando e vivendo, porque não adianta falar bonito no grupo, quando estamos discutindo, se depois na sala de aula, na relação com o aluno, o professor não aplica de forma coerente o que discutiu.

Para os professores, quando o profissional não se coloca como parte do processo pedagógico, este passa a ser o grande desafio. **O grande desafio é me sentir parte disso tudo, porque se faço parte de uma nave, se ela cair, vou cair também. Essa atitude de inclusão, de implicação no mundo, devemos ter consciência disso.** Nesse sentido, colabora Morin (2005, p. 95) com o princípio da autonomia/dependência, aplicando “para os humanos – que desenvolvem sua autonomia na dependência de sua cultura – e para as sociedades – que se desenvolvem na dependência de seu meio geológico”, o princípio de auto-ecoorganização que se refere aos “seres vivos como seres auto-organizadores, que não param de se auto-reproduzir e, por isso, dependem de energia para manter sua autonomia”.

Se estou dando aula numa turma que não está bem, não basta dar a minha aula. Se os alunos não conseguiram aprender as outras áreas, de alguma forma isso tem que me afetar como professor. É essa idéia de responsabilidade que devemos ter. Porque alguém cultuou muito a idéia de autonomia e independência e hoje a gente teria que trabalhar melhor na nossa cabeça a idéia de responsabilidade, de compromisso e não desvincular. Piaget nos ensinou ou entendemos errado sobre autonomia, independência e liberdade na modernidade, mas não entendemos bem o que é ser autônomo, o que é ser livre. Penso que essa responsabilidade, não é só um termo novo, mas é também uma atitude que nos coloca numa situação diferente, porque se a coisa está mal, eu sou responsável. Não sou independente, autônomo, livre e o que vai acontecer não tem nada a ver comigo, porque direta ou indiretamente está conectado e tem a ver comigo.

Para os professores, outro aspecto mencionado tem relação ao exemplo referente à filosofia franciscana. **Depois de um tempo de trabalho, o professor passa a respirar e contagia os outros, porque já está incorporada na sua vida,**

acaba transparecendo em suas atitudes. Acho que isso que nos é proporcionado, pelos encontros de cultivo pessoal, até mesmo em encontros de estudos direcionados para a filosofia franciscana, é importante no nosso trabalho, porque nunca perdemos de vista a formação da pessoa.

Destacam o trabalho da Filosofia Franciscana, envolvendo os alunos e professores de todas as áreas como possibilidade de crescimento e conhecimento intelectual científico.

Porque a gente fala tanto, incute a valorização da pessoa, do ser humano, a questão da partilha, do cuidado com o outro e depois do intervalo, vemos o pátio cheio de lixo. Por isso, me preocupo e me pergunto: que mudanças a gente está conseguindo atingir? Qual o retorno que estamos tendo na prática? Realmente a gente tem que persistir, e uma das alternativas é esse cultivo para que o professor possa continuar persistindo. Caso contrário, o que vai acontecer? O professor acaba sendo dominado pelo sistema e acha que é correto e normal e que a vida é isso mesmo, mas sabemos que não é assim.

A continuidade do estudo, também foi mencionada para minimizar dificuldades, o respeito ao tempo de envolvimento do professor, porque, à medida que ele vai lendo, conhecendo e aprendendo, vai mudando muitas coisas, e **é um processo lento e nós mudamos a todo instante.**

Os professores mencionam que o tema avaliação merece maior aprofundamento no projeto de educação continuada. Então, **é importante a questão do argumento, o embasamento teórico, mostrar para o pai que a gente sabe o que está falando, isso convence [...] porque a gente só muda dessa forma, argumentando a prática com embasamento teórico e isso se dá através do estudo.**

Essa palavra avaliação provoca, porque tudo a gente tem que avaliar e talvez os nossos estudos não estão sendo avaliados no decorrer do processo. Aquela avaliação que a gente realiza no final do ano não revela o que realmente a gente conseguiu aplicar de fato em sala de aula, porque tem coisas que a gente já nem lembra direito. Posso dizer que os temas foram ótimos, maravilhosos, que o tempo foi bem aproveitado, que o estudo foi bom, mas quanto a aplicabilidade acho que deixou a desejar e podemos melhorar [...] o projeto poderia ajudar os professores a ter um olhar mais cuidadoso, mais aguçado na questão da avaliação dos alunos, oferecendo textos relacionados ao assunto. [...] nós já tivemos estudos sobre avaliação, mas acho que poderíamos aprofundar mais essa questão, poderíamos ter mais

oportunidades quanto a isso [...] mesmo que as coordenadoras pedagógicas nos ofereçam esse suporte, acho que precisaríamos mais discussões, deveríamos aprofundar mais. Às vezes, devido ao pouco tempo a gente acaba não discutindo temas importantes. Fica só na leitura de determinados temas, como é o caso da avaliação.

A pesquisa como meio de contextualizar assuntos da atualidade também foi mencionada como alternativa para minimizar dificuldades encontradas.

Uma das coisas que tenho pensado, é como envolver o aluno para essas dificuldades que estão latentes, ou envolvê-lo para a discussão do próprio tema. Então, como professor de Ensino Médio, uma das coisas que tenho tentado fazer é abrir o jogo com eles. A gente discute esse distanciamento entre aquilo que o mundo precisa, atitudes diferentes e aquilo que a escola propõe [...] todos eles têm um grande anseio de ir para a universidade e eu tenho mostrado para eles, por exemplo, que algumas consultorias apresentam em revistas, que hoje as pessoas que são portadoras de diplomas, têm uma dificuldade muito maior de relacionamento e grande parte delas são demitidas por problemas comportamentais.

As alternativas sugeridas para minimizar entraves no processo apontam para questões como a coerência entre a fala e a ação, a capacidade de estabelecer parceria, envolvendo os colegas e os alunos, sentir-se parte do processo para crescer como grupo e não sozinho, sentir-se parte do todo, incorporar em atitudes de vida os estudos e aprofundamentos realizados, dedicar tempo e abrir espaço na vida para o cultivo de si mesmo, estabelecendo contato consigo mesmo e com Deus.

A educação continuada é um projeto de cada um e um projeto de todos à medida do comprometimento de cada um; conseqüentemente, a receptividade dos professores foi muito boa o que gerou significativo envolvimento e participação dos envolvidos no processo de formação.

Conscientes de que a aplicabilidade é compromisso coletivo, os entrevistados salientam a necessidade de parcerias entre todos os participantes no processo, o que favorece um olhar globalizado, porque inclui o compartilhamento das diferentes visões dos envolvidos no processo educativo.

A responsabilidade pela educação continuada considera o grande comprometimento de cada um, mas está diretamente ligada aos diferentes papéis exercidos individualmente. É imprescindível que a liderança do projeto mantenha

acesa a chama do horizonte que deve ser perseguida, contagiando permanentemente professores, coordenadores e alunos envolvidos no processo.

É possível evidenciar mudanças que repercutem no aluno, à medida que o professor percebe uma evolução positiva em sua postura pessoal e profissional no dia-a-dia da sala de aula; na percepção do aluno, quando vê a mudança do professor, tanto na forma de abordar conteúdos, quanto no estabelecimento de relações saudáveis dos professores entre si como com o próprio aluno, sente-se seguro e mais preparado para a atividade escolar.

Como seres em processo, os professores estão conscientes de que vivem em situação de sombra e luz, tanto em si mesmos como com seus pares e seus alunos. Conviver com o inacabado, com dificuldades pessoais e coletivas, mas acreditar nas possibilidades, olhar o horizonte da utopia é acreditar nas possibilidades do vir a ser como algo significativo nesse processo diário de autoformação.

5 ITINERÂNCIA: UM ESTADO PERMANENTE DO SER HUMANO

Por toda parte se anda em busca de um novo paradigma de humanidade. Para isso é necessário por certo chegar a uma cultura universal, à generalização e humanização de conceitos fundamentais em ordem ao que mais importa acreditar e viver, mas passando pela cultura do particular, do fragmentário, das atitudes e dos comportamentos da vida diária. Contudo, não pode esquecer-se de que tanto o homem como a sociedade são realidades que ainda não são nem nunca serão perfeitas e acabadas, e sempre estarão abertas a novos reajustamentos na maneira de pensar e de agir. Se o pensamento crítico e evoluído não pode oferecer a verdade absoluta, pode pelo menos tornar-nos atentos, abrir-nos os olhos e lançar luz sobre muitas coisas que uma consciência adormecida jamais conseguirá descobrir (MERINO, 2000, p. 40).

O dinamismo pela completude que move o ser humano na direção da ampliação da consciência de si e do mundo, encontra sentido em Merino (1999, p. 116), quando refere que esse estado de peregrino faz a pessoa sentir-se em tensão por superar-se incessantemente, pois nunca se acha acabada. O ser humano, portanto, “é um peregrino que confraterniza com tudo o que o acompanha em sua viagem existencial, mas, ao mesmo tempo, está em atitude de despedida de dependências e de freios que aparecem em seu itinerário”. No sentido da impermanência de tudo, Tolle (2007, p. 195), ao falar do “processo de descoberta do espaço interior”, considera que o ser humano será totalmente livre e iluminado quando fizer o caminho da não-resistência, do não-julgamento e do desapego. Consciente da transitoriedade das situações em que vive, o ser humano terá mais facilidade em aceitar a impermanência como algo positivo, nessa caminhada de ser itinerante no processo formativo e de constituir-se humano. Segundo Nanni (2000), hoje é tempo de uma nova paidéia⁷ e a sociedade, os organismos nacionais e internacionais, os especialistas em políticas educacionais deverão estar atentos a esse mundo em mudança que exige uma nova postura do ser humano educador. Para o autor, a resposta a esse mundo em mudança não deverá restringir-se a “uma paidéia que responda simplesmente sobre conteúdos culturais, com modelos antropológicos, psicopedagógicos com esquemas elaborados no século passado”.

⁷ Nova Paideia é uma síntese dos valores culturais e espirituais, um patrimônio da civilização que foi herdado e que hoje as gerações se empenham em traduzir, e a transmitir as gerações atuais para ajudá-las a crescer em humanidade (NANNI, 2000).

Na visão desse autor, “estamos frente a uma mudança de época e uma mudança de paradigma que requer um novo pensar, que seja ecológico, sistêmico, plural” (p.8). Isso nos remete ao estado de itinerância que constitui o ser humano, coloca-o em situação de busca dessa nova paidéia, pois sem ela, afirma Nanni, “faltará, ao projeto educativo, o coração e tudo será reduzido a simples adestramento e não haverá mudança no coração das pessoas, pois a nossa sociedade precisa de um ser humano que tenha a capacidade de comprometer-se com o destino comum da humanidade, que saiba ver no outro um companheiro de viagem” (p.9), portanto um itinerante. A seguir, discorrer-se-á sobre o estado de itinerância do ser humano como algo que o constitui em seu processo de formação, seja de si, seja de sua profissão.

Sobre as falas dos entrevistados e os objetivos traçados diante da investigação para descobrir “quais são as contribuições que o projeto de educação continuada da SCALIFRA/ZN propiciou, na prática docente e na construção de si aos professores do Colégio Franciscano Sant’Anna?”, é natural o encantamento pela trajetória possível na construção do ser inteiro, daqueles que fazem o caminho da reflexão na ação, professores, coordenadores e alunos, e, ao mesmo tempo, defrontar-se com a construção da própria trajetória de vida que gera consciência como pessoa em permanente construção.

Descobrir-se peregrino no processo de construir-se pessoa humana ao longo da vida, tomar consciência do cenário das implicações/contribuições do projeto de educação continuada na ação pedagógica dos professores do Colégio Franciscano Sant’Anna, num compromisso pessoal individual, porém com implicações coletivas, foi algo extremamente vital nesta investigação.

A fascinante viagem pelas experiências de vida e de formação durante as entrevistas, o encantamento frente ao desvelamento dos docentes que aceitaram o desafio de falar de si e do seu trabalho, foi uma experiência singular. A disponibilidade das coordenadoras, descrevendo seu papel de liderança frente aos professores, o compromisso com a mudança das pessoas pela educação e, ainda, a consciência da mudança de si próprias na missão de liderar docentes no processo de formação e ação, constituiu-se tarefa extremamente prazerosa, considerando o visível crescimento do grupo envolvido no processo formativo.

A simplicidade, a objetividade, a pureza dos depoimentos, a convicção de sentir-se parte da construção do processo educativo foi algo singular e encantador, em especial nas falas dos alunos, remetendo-os ao belo que constitui o ser humano. Ao ouvi-los, apareceu a sensação do dever cumprido, de um investimento que está dando certo e a firme convicção de que vale a pena investir nos propósitos delineados em educação continuada oferecida.

Na perspectiva de esperança, da utopia do não lugar, mas do possível, do realizável, os entrevistados demonstram, em suas falas, que a proposta de educação continuada franciscana contagia os que dela participam, pois não se constitui "... em fuga do mundo real, nem uma fuga do passado dourado, nem a um futuro sonhado. É trazer aqui e agora o que correntemente parece estar muito além do aqui e fora do agora. É uma total afirmação do homem e da vida" (MERINO, 1999, p. 323). Na visão de Freire (2000), o mundo ainda não é, está se fazendo e eu em meus relacionamentos posso interferir nesse mundo, porque meu papel não é só de constatar o que ocorre. Como sujeito, posso interagir e modificar. Para o autor, "ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. A inserção implica decisão, escolha e intervenção na realidade" (FREIRE, 2000, p. 85), o que confirma Wilber (2000) na apresentação de seus quadrantes.

Encontra-se em Francisco de Assis a força do testemunho de uma vivência que mobiliza outros a mudarem de vida, quando seus companheiros, ao escreverem sobre suas experiências e memórias junto a ele, lembram que, ao exortá-los, ele dizia conforme Silveira e Reis (2000, p. 672):

Consideremos irmãos caríssimos, a nossa vocação, para a qual Deus nos chamou com misericórdia, não só para a nossa salvação, mas para a salvação de muitos, a fim de que andemos pelo mundo, exortando a todos, mais com o exemplo que com a palavra [...] não tenhais medo, mas com simplicidade anunciai confiando no Senhor, porque seu Espírito falará por meio de vós e em vós para exortar a todos que se convertam a Ele e observem seus mandamentos.

O professor que investe na formação de si torna-se um marco na visão de itinerância de seus alunos, pois educa mais pelo exemplo do que pelas palavras. Contribui, nesse sentido, Merino (1999, p. 111) ao afirmar que:

o homem franciscano trata de conhecer o outro, os outros e as outras coisas, porque já de antemão os ama; e, visto que os ama, respeita-os; visto que os respeita, admira-os; e porque os admira, surpreende-se das maravilhas inéditas que irrompem em nossa vida quotidiana. Por isso, não necessita inventar um sentido, mas apenas descobrir o sentido na ingenuidade de uma vida profundamente vivida e sinceramente compartilhada.

Os resultados analisados foram conduzidos na direção de possíveis contribuições que poderão iluminar outros profissionais de educação (professores, coordenadores), outras escolas (instituições educacionais e alunos) no investimento em educação continuada. A análise da pesquisa não se esgota nos capítulos deste relatório, tendo a certeza de que inúmeras faces deste universo pesquisado ainda serão possíveis de serem exploradas.

Segundo Merino (1999, p. 233), “o homem não é um ser passivo, nem um mero espectador, mas ator, participante e transformador”. Em vista disso, estar no mundo implica comprometer-se em “um sem fim de reações que vão desde mim até o mundo e desde o mundo até mim” (MERINO, 1999, p. 233), processo que remete o ser humano à consciência do permanente vir a ser.

Consciente da integralidade do ser humano como alguém que, ao se construir profissionalmente, constrói-se pessoa humana, num processo nunca acabado, são importantes os fundamentos antropológicos franciscanos que, segundo Merino (1999), concebem a pessoa como um ser que se faz a cada momento na relação consigo, com o outro, com as coisas criadas e com o grande Outro, que é o divino. Ainda, para o mesmo autor, na visão de São Boaventura (1999, p. 91), “o homem, síntese perfeita mas não acabada, é uma *medietas*⁸ entre a matéria e o espírito, entre o finito e o infinito, é um microcosmo onde a matéria e o espírito se harmonizam para dar pleno sentido ao mundo criado”. Nessa pesquisa, a educação continuada, tal como foi concebida, foi evidenciada como sendo o processo pelo qual o ser humano passa ao longo de sua existência, com a finalidade de autoformar-se continuamente em todos os aspectos que o constituem pessoa humana, em vista do bem individual e coletivo. Se for considerado o transcender-se do ser humano, como um permanente devir, a educação continuada é uma

⁸ O grifo é do autor.

necessidade que se estende por toda a vida, para todas as pessoas, em todos os tempos. Segundo Charlot (2000, p. 53):

[...] nascer é penetrar nessa condição humana, entrar em um conjunto de relações e interações com outros [...] entrar em um mundo onde ocupa um lugar (inclusive, social) e onde será necessário exercer uma atividade. Por isso mesmo, nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender.

Nesse sentido, pode-se considerar a educação continuada como alavanca para a transcendência do ser humano que, conforme Christov (2001, p. 9), “se faz necessária pela própria natureza do saber e do fazer humanos como práticas que se transformam constantemente” e não simplesmente uma ferramenta para suprir deficiências de processos anteriores ao estágio atual do docente. Na visão dos entrevistados, o processo de formação acontece num misto de construção de si como ser inteiro, mas sempre em processo, ao mesmo tempo que esse ser vai se construindo profissional, considerando também a relação com o outro. Nesse sentido, Freire (2000, p. 52) afirma que “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”, o que implica colocar-se disponível à realidade, de deixar-se construir num processo de abertura aos outros e com os outros, acolhendo os desafios necessários à prática educativa.

Os professores entrevistados, ao definirem educação continuada, manifestam suas concepções ligadas mais intrinsecamente à sua prática pedagógica, porém, ao longo das suas falas, percebe-se o inundamento de luzes sobre suas vidas pessoais, no modo de estabelecer relações com seus alunos e famílias, no relacionamento entre seus próprios pares e, principalmente, na concepção e construção de si, como pessoas humanas.

Na categoria evidências de mudanças em si, em sua prática pedagógica e quanto às relações com o outro, os professores apontam para aspectos que são indissociáveis do seu todo, como seres integrais. É possível evidenciar as marcas de mudança no Ser pessoa dos entrevistados, mesmo que eles, em muitas falas, não o expressem explicitamente. Talvez, por uma cultura que privilegia o investimento na formação em prol da qualificação para o *fazer*, as pessoas não tenham consciência de que são as mudanças no Ser que qualificam o fazer. Porém, mesmo que um

projeto de educação continuada contemple, em seus objetivos, muito mais um cunho para qualificar a melhoria da ação pedagógica, as mudanças na prática educativa somente serão perceptíveis à medida que a mudança ocorrer de dentro (essência) e não de fora (forma).

A consciência de si, segundo Tolle (2007), é algo que move o processo do Ser pessoa na direção da luz, podendo contagiar de fora para dentro, mas o sujeito somente poderá apropriar-se da luz, à medida de sua abertura para essa luz. Na visão do autor, o ser humano deve distanciar-se da forma para reconhecer em si o “espaço interior” (p. 205). Essa consciência do espaço interior conduz a pessoa para a experiência da verdadeira alegria do Ser, fruto do silêncio interior, que requer um alto grau de atenção que o autor denomina de *Presença*, quer dizer, a consciência de si. Para que se possa perceber o que está em volta de seu Ser, deve haver uma sintonia com sua essência, que é interna. Isso se dá no encontro com a alteridade. Dessa forma, será possível o despertar para a mudança em vista da qualificação da ação.

No decorrer da investigação, foi possível notar que o processo de educação continuada é percebido pelos professores entrevistados como algo que se constitui no comprometimento individual e coletivo, tecido pelo envolvimento e participação de cada um e de todos, em um permanente compartilhar dos diferentes papéis e responsabilidades. A efetividade das mudanças, segundo os entrevistados, depende de uma ação conjunta, considerando a coerência entre reflexão e ação, numa atitude consciente de compromisso do grupo. A aplicabilidade do aprendido repercute de forma singular e coletiva, considerados os diferentes olhares dos grupos pesquisados.

Na compreensão de Merino (2000, p. 69), “o olhar é sempre uma projeção do eu, e por ele sairá tudo quanto não seja o eu”. Entende-se, a partir dessa afirmação, que, quanto ao ponto de vista do sujeito, considerados aspectos emocionais e intelectuais e a força de vontade, o olhar pode ser superficial ou profundo, pois a pessoa vê o que lhe interessa.

O olhar dos professores volta-se para o conhecimento construído que deve ser legado aos alunos, portanto um compromisso e uma visão de construção que combina passado e presente em vista do futuro. Porém, por outro lado, esse olhar

está impregnado de aspectos que referem a formação do Ser, da essência da pessoa humana, como alguém inteiro. Para falar dessa imbricação da formação, tanto no pessoal como no profissional, é importante referir as falas que seguem:

essa proposta de educação continuada modifica o nosso ser, faz rever muito a nossa postura, o nosso jeito de ser, porque eu não sou educadora, somente nas quatro horas que estou em sala de aula. Sou educadora vinte e quatro horas por dia, e se incorporei isso, se é isso que realmente acreditei, estudei e continuo estudando, que é o que sou, tenho que levar isso para toda a minha vida. E, é agindo assim que sou feliz, a gente está sempre procurando e em busca dessa felicidade.

Esta formação desperta para a coerência, quer dizer, ter a mesma atitude diante de qualquer pessoa ou situação. Agir com sinceridade e naturalidade, sem representar, porque isso para um professor é questão de caráter. A responsabilidade, o caráter, a convicção são coisas essenciais na vida de um professor.

Acho que pessoalmente a gente vai melhorando, vai se ajudando no sentido de se conhecer, de se construir e, à medida que a gente se conhece melhor, acredita naquilo que faz e daí não precisa fazer para aparecer, porque, mesmo na questão das relações, percebemos que quando você pára e quer falar, consegue fazer bem. Mas o mais importante é que as pessoas descubram o que a gente fez pelas ações, não precisa anunciar. E, com a formação, vamos percebendo isso, tendo mais serenidade, tranquilidade e aprendemos a ouvir o outro. Com isso, passamos a acolher o diferente, as idéias diferentes, aceitar que os outros não precisam mudar, só porque eu quero, inclusive se para a gente é difícil mudar algumas coisas. Então, é preciso ter paciência com os outros, que não estão nesse processo de estudos e reflexão, como nós estamos.

Os professores afirmam que esses momentos de reflexão possibilitam ao docente registrar tanto conceitos relacionados à área em que atua, como conceitos relacionados à vida, viabilizando, assim, a revisão de idéias, de valores que podem ser confirmados com maior firmeza e segurança em sua atuação, não só como profissional, mas, principalmente, em sua vida pessoal. Segundo eles, o projeto proporciona a retomada e o (re)olhar da caminhada pessoal/profissional, sendo possível perceber a mudança já alcançada, tendo consciência do quanto ainda necessitam mudar. As falas que seguem confirmam que a mudança se dá em si, internamente, e se exterioriza na ação da sala de aula.

Eu, por exemplo, percebo que a partir do projeto, passei a dar mais tempo para o meu crescimento pessoal, porque percebi que preciso

me atualizar para estar na sociedade da informação. Percebi, também que preciso estar bem comigo mesmo, estar bem como pessoa, para poder dar respostas que nem sempre são as que a sociedade quer, mas é aquilo que eu acredito, e que um grupo maior acredita.

Todo esse estudo foi muito importante para mim e está me dando subsídios para isso e, mudei muito, como profissional [...] Hoje, tenho outras preocupações, sempre tive essas preocupações, mas hoje mudaram as prioridades. [...] hoje priorizo a formação integral do aluno. Vejo que antes eu tinha a preocupação de inculcar valores, passar conteúdo, terminar programa, vencer o livro, formar cidadão. Hoje priorizo primeiro o meu aluno, procuro vê-lo como ser humano, alguém que está em processo de formação, que tem um tempo diferente do outro. Então, tenho certeza, como profissional, de que tudo isso foi um avanço muito grande.

Ao participar dos estudos sobre franciscanismo, ao longo do tempo, tive certeza, de que é isso que realmente conta, esta formação, este olhar o meu aluno como alguém diferente, respeitando os seus limites, valorizando suas capacidades e habilidades. Porque os alunos são diferentes uns dos outros, em suas capacidades e habilidades e nós professores, precisamos ajudá-los naquilo que eles precisam desenvolver para vida, sem exigir deles que sejam bons em tudo.

Os professores enfatizam que a escola oportuniza o autoconhecimento e acrescentam que a falta do cultivo do aspecto pessoal, de uma crença, de uma essência são causadoras da desestrutura social em que se vive. Nesse aspecto, Merino (1999), quando diz que a “vida anímica” do ser humano não se limita em seu interior, mas projeta-se para o exterior na relação de convivência com os outros seres, sejam eles humanos ou não, afirma que pessoa humana é uma totalidade que tende a desabrochar em contato com o meio ambiente, a trajetória humana pode reduzir-se a incessantes adaptações às mudanças, promovendo constantes aprendizagens e ajustes. Porém, “se o homem é o resultado da síntese de dois elementos integrantes tão distintos como são o anímico e o corporal, necessita ser interpretado a partir dessa dupla vertente, embora ele constitua uma unidade privilegiada e singular” (MERINO, 1999, p. 205).

Acho que hoje em dia, o cultivo pessoal é cada vez mais importante e vejo que na maioria das escolas confessionais é uma questão bem trabalhada e bem desenvolvida [...] considero importante que nessa sociedade da informação, essa reintegração do ser humano e não essa separação que está acontecendo entre os seres humanos [...] essa proximidade é fundamental, porque o ser humano não é pedaço, é um todo. Nesse todo, está incluído o lado humano, pessoal e não só profissional. Aliás, o lado pessoal vem antes do lado profissional,

então é fundamental que se procure trabalhar e esses estudos feitos foram muito importantes para isso.

O olhar das coordenadoras considera o compromisso de orientar o professor para a construção de conhecimentos ligados ao que faz sentido para a vida do aluno, mas também com a mudança de si. Para elas, é fundamental, no papel da coordenação, essa atitude de instigar o professor a refletir sobre o que ele está estudando, confrontando com a sua prática:

essa busca incessante do estudar a teoria e verificar se realmente consegue concretizar, aplicar, faz o professor crescer como pessoa e como profissional. E eu vejo que a partir desse projeto de educação continuada, cada encontro que é feito, mobiliza muito os professores. Alguns saem muito instigados do próprio encontro e, na semana seguinte, se propõem a fazer algo novo. Outros, é claro, estão numa caminhada mais lenta e precisam de mais subsídios e de um esforço, tanto da equipe da coordenação pedagógica, da equipe diretiva ou do próprio colega professor, para ajudá-los a crescer. Mas entendo que é fundamental e entendo que fazendo parte dessa instituição, a gente vê que esse é o diferencial. Que realmente, com certeza, vai surtir efeito lá na prática pedagógica, que vai repercutir lá no aluno.

Nesse sentido, Freire (2000, p. 42) afirma que, para ensinar, o professor deve posicionar-se de forma crítica sobre sua própria prática. Para o autor, “o pensar certo sabe que não é a partir dele como um dado dado, que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

Em relação ao desenvolvimento do conteúdo, as coordenadoras afirmam que hoje está muito diferente do que era. Percebem um grande avanço, depois que iniciou o aprofundamento dos estudos, principalmente o ano de 2006, quando aconteceram os estudos sobre o PPP e a revisão dos planos de estudo. Para Freire (2000, p. 34), a reflexão sobre a ação aprimora a ação e muda a visão do professor, quando considera que “a superação e não a ruptura se dá à medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, se critica, tornando-se curiosidade epistemológica, metodicamente, rigorizando-se na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão”.

Isso mexeu muito com o nosso povo, e me parece que eles estão muito mais pé no chão. Não há mais tanto aquela preocupação conteudista, o conteúdo pelo conteúdo, aquela coisa de que esse conteúdo não é desse bimestre, é do próximo, é desse ano e não é do próximo. Vejo que agora, isso está meio que relaxando, eles estão conseguindo entender o conteúdo como um instrumento, como um meio de subsidiar a aprendizagem dos alunos. Embora eu entenda que esse é um grande desafio para nós, como coordenadoras, aprimorarmos a ação pedagógica em relação à metodologia, à interdisciplinaridade e a outros aspectos do aprender/ensinar.

Outro aspecto em relação ao conteúdo, e considerado gratificante pelas entrevistadas, foi perceber certos avanços que os professores conseguem realizar em sala de aula. O sentido de itinerância traz um comprometimento que conduz o professor à mudança de postura frente ao que precisa ser ensinado. No depoimento que segue, é possível verificar o grau de consciência do que é viável fazer, quando se acredita no processo itinerante do ser humano.

Eu me encanto, quando entro em sala de aula e vejo o professor trabalhando com os alunos aquilo que é específico da disciplina dele, mas, ao mesmo tempo, e de forma criativa, ele consegue trazer outros conhecimentos para agregar. Por exemplo, na Educação Artística num trabalho que eles chamam “faces”, e que para isso precisam trazer todo o contexto histórico, toda a cultura greco-romana, a questão egípcia, o porquê do uso das máscaras, de que forma isso se deu na arte, na literatura, nos poemas. Isto é, sair daquela coisa do conteúdo e atingir a questão do conhecimento, isto é, o saber.

Diante do exposto, o que se percebe é que existe uma consciência de que o papel da coordenadora é mediar, trazer o professor para a proposta da escola, sem esquecer o contexto local; não perder o espaço que o colégio já conquistou, mas também não perder a sua proposta pedagógica que é o objetivo específico da filosofia franciscana. Em contraponto à necessidade de considerar o contexto, percebem que **quando o pai vem procurar a escola, ele não vem porque ela segue o programa do PEIES⁹ ou prepara para o vestibular, porque isso outras escolas também fazem, mas ele vem por outras razões: questão de proposta de vida.**

Vejo isso extremamente importante e, acho que nosso aluno já está numa caminhada bem adiantada. Antes de todo esse processo eu

⁹ Programa de Ingresso ao Ensino Superior da Universidade Federal de Santa Maria – RS.

sentia que o aluno não tinha esse conhecimento, porque o professor tinha uma postura mais fechada no programa e não fazia conexões. Hoje, eles têm esse compromisso com o conteúdo, pois, além de termos uma exigência externa que é o vestibular, é uma preocupação e precisa ser contemplado, mas não é um fim em si mesmo, não é aquela coisa de sair na frente para vencer o programa nem que eu chegue ao final do ano só com 50, 60% da turma, porque quero vencer o conteúdo.

Nesse processo de orientar docentes, ocorrem mudanças pessoais e profissionais no grupo das coordenadoras que, hoje, percebem-se com um posicionamento mais firme, ao assumir seu papel dentro da escola, a partir desse processo. Isso se confirma quando dizem que:

dentro da escola, para mim o efeito muito significativo é o posicionamento do grupo das coordenadoras, que me parece mais sólido, mais direto, mais pontual. Parece que a gente está mais firme na orientação e isso dá mais segurança para o colega professor. Ele se sente mais respaldado, porque, ao mesmo tempo que a gente dá ternura, a gente tem vigor, ao mesmo tempo que dá um colinho para o professor, quando precisa na hora do assessoramento, também a gente está dando um puxão de orelha quando precisa ou fazendo-o pensar sobre alguma atitude. Então, isso em termos de coordenação, acho muito claro nesses últimos três anos, fruto de uma educação continuada, sem sombra de dúvidas, porque esse preparo de que já se falou antes, exige de nós um estudo mais aprofundado, uma leitura adicional. A gente se cobra mais a fazer leituras, se cobra esse estudo nos seminários internos de coordenadoras.

Na visão das coordenadoras, o processo é fundamental, porque movimenta o grupo de coordenadoras, não no sentido de ser melhor do que os outros professores, mas de ser alguém que, por investir em si, ilumina ou inspira outros a investirem em si. Dessa forma, é possível fazer o contraponto e qualificar a discussão no momento dos estudos e da socialização com os professores, porque só se pode iluminar outros a partir do investimento que fazemos com nós mesmos. Contribuí com a idéia de processo de crescimento pela reflexão sobre e com o que diz Freire (2000) ao afirmar que não existe docência sem discência, porque a idéia de construção da profissionalidade existe em qualquer profissão, não só para o professor. Para o autor, “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática ativismo”. (FREIRE, 2000, p. 4).

A gente não tem resposta para dar, porque, também não sabe o que é o certo. Porém, a gente tem condições e sinto que é uma coisa muito positiva, pois para isso temos nos preparado, é ajudar as pessoas a pensar sobre sua ação. Ajudá-las, no sentido de caminhar, de não ficarem estagnadas, achando que estão prontas e que estão perfeitas no seu processo. E, enquanto grupo de coordenação, me sinto muito feliz, por ser parte desse grupo, por perceber esse crescimento de todas as que integram essa equipe.

A consciência sobre o estado de seres itinerantes transparece na atitude das coordenadoras frente a obstáculos encontrados ao longo do processo de estudos o que, segundo elas, serve para redirecionar seu trabalho de orientar docentes.

Eu sou uma pessoa que procuro encarar sempre os desafios como algo importante para crescer, para mobilizar, para propiciar justamente o movimento, porque senão a gente se acomoda. Quando há um consenso há uma acomodação. Então, é o contraponto que faz com que a gente vá buscar diferenças, precisamos estar nos desafiando constantemente. É através disso que passamos a buscar mais e o obstáculo para mim, vejo como possibilidade de crescimento.

Os alunos se situam no olhar do aprendente, mais abertos e livres em seus posicionamentos; percebem com maior nitidez, nos professores e em si mesmos, os avanços do processo ensino e aprendizagem, oferecido pela escola. Para eles, a consciência da importância de sua participação no projeto de educação continuada é algo natural, pois compreendem-se parte integrante do processo educativo. São conscientes de seu papel de aprendizes, talvez, por isso, mais livres para entender e acolher o sentido de Seres em processo de construção permanente. Em seus depoimentos, é possível perceber o sentido de intinerância que perpassa o entendimento que possuem em relação ao processo de formação, como algo necessário à construção de si mesmos, tal como a de seus professores. Nesse sentido, importante é o que refere Freire (2000, p. 33) ao indagar “por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina? [...] por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos”?

Para eles, o projeto de educação continuada se constitui **numa maneira organizada de aprofundar os princípios e a filosofia da escola e consideram-no**

muito importante, por ser uma forma inovadora em que participam alunos e professores. Entendem que essa abertura da escola, que possibilita a participação dos alunos nos estudos, reflexões e debates, junto com os professores, faz do Colégio Sant'Anna uma escola diferente. Freire (2000, p. 65) confirma essa visão ao afirmar que é necessário ao professor estar consciente “da inconclusão do ser que se sabe inconcluso”. Assim, o respeito à autonomia e a dignidade do ser do educando conduz o professor a uma atitude de compartilhamento de aprendizagens. Para o autor “como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito o que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo”, pois “o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos”. Na fala dos alunos, é possível perceber essa consciência de inacabamento, tanto de si como do professor, por isso eles reconhecem que a validade de um projeto que envolve professor e aluno é uma parceria que dá certo.

Acho que o projeto está tendo um grande sucesso, porque hoje a gente trabalha a teoria no projeto, mas isso está tendo conseqüências na prática da sala de aula e, com certeza, não existe nada melhor do que trabalhar para jovens, estando no meio de jovens. É muito mais fácil você conhecendo o jovem, sabendo um pouco do pensamento deles, porque o jovem não gosta de nada imposto e aqui na escola não há essa imposição. O jovem é convidado para participar, existe abertura para que a gente possa colocar nossas idéias, dar nossa opinião e assim juntos, professor e aluno formarem uma idéia, acharem uma melhor solução para a situação. Acho que esse é o diferencial do Sant'Anna.

Importante observar a liberdade que os alunos têm ao referir que esses estudos, essa fundamentação teórica é muito válida, porque os professores agregam idéias novas e qualificam seu trabalho, beneficiando-os com isso. Os alunos entendem que a participação deles projeta-os para frente, para a sua formação integral, para o horizonte preconizado pela utopia que o estudo remete à proposta franciscana.

No momento em que os professores estão estudando, e nós estudando junto é mais fácil para eles entenderem nossa visão. Então, eles acabam entendendo como chegar até nós, alunos. Eu vejo que essa oportunidade de estudar com os professores está dando certo na aplicabilidade em sala de aula; acho que esse projeto é muito importante, porque ele não é feito só pelos professores. Os alunos também têm grande participação, ajudam a pensar, e o Sant'Anna só tem a ganhar com isso, porque com essa interação, professor x aluno,

a gente vai ter um melhor desenvolvimento do projeto. Também acho que nesse ponto a comunidade tem muito a ganhar, porque o Sant'Anna está formando cidadãos honestos, pessoas de bem. Com isso, toda a comunidade ganha, porque hoje o que o Brasil e o mundo precisam é de gente assim, como o Sant'Anna faz.

Acho importante essa participação, porque o aluno não vem para a escola só para estudar e depois ir embora. Ele não é passivo, ao contrário, tem uma participação importante dentro da escola, ele é mais um membro da escola, assim como cada professor, cada funcionário, os pais, toda a comunidade. Todos têm grande importância dentro da escola, porque cada um faz parte de um todo. [...] essa participação é uma forma de o aluno se dar conta da importância dele no processo da escola. Também já ajuda para a formação da profissão do próprio aluno, para o seu futuro. No meu caso, foi uma grande ajuda, esse convívio com os professores, como são os bastidores de uma escola, como tudo isso funciona, porque eu quero ser professora.

Para os alunos, o projeto dá condições de um **aprendizado mais leve, porque o aluno não vem para a aula forçado, mas vai aprendendo aos poucos. E a gente acaba vendo o professor, não simplesmente como aquela figura que está lá na frente nos ensinando conteúdos, mas como um amigo que está ali para nos ajudar a ser pessoas melhores para o mundo e para que a gente possa ajudar a outros serem melhores. Eu penso que isso vai contribuir para o resto da vida de todos os alunos.**

Segundo os alunos, o projeto é muito bom, porque oportuniza a participação deles que, ao contrário do professor que tem um tempo limitado em cada sala, o aluno está o tempo todo presente na sua sala de aula, o que lhe possibilita uma visão diferente, **por isso o aluno sabe o que precisa melhorar. Sendo assim, ele está sempre com idéias novas que podem mudar um pouco a atuação do professor, para que fique cada vez melhor.** Em sua visão, enquanto alunos, é muito importante a sua participação e reafirmam a certeza de que nas reflexões com os professores, podem propor alternativas positivas e percebem que são ouvidos para que o colégio continue tendo um grande diferencial na comunidade. As coordenadoras também registram a importância da presença e a contribuição dos alunos nas reuniões de estudos e salientam **como isso foi bom, significativo e muito válido em todo o processo.**

Nesse sentido, confirma a visão das coordenadoras de que a educação continuada vem contribuir com uma situação que já está colocada não só na escola, mas frente a um jovem que provoca e desinstala para a reflexão e para o estudo. Caso contrário, se a escola não estiver atenta para essas questões, se não ficar ligada a todo esse contexto atual, **os jovens vão nos empurrar e, conscientes disso ou não, precisaremos caminhar. Uma escola que se preocupa com isso, que está vendo as mudanças e as exigências do jovem e da criança de hoje e que utiliza essa necessidade como provocação para estudo, para melhoria, para crescimento, para levar a educação para frente, só tem a ganhar e perde, cada vez mais, a escola que pára.**

Penso que na questão da relação com o aluno, as respostas que são dadas, são mais seguras e o professor não tem medo de se colocar como aprendiz, junto ao aluno. As aulas são muito mais prazerosas e o aluno tem contribuído muito com isso, porque o professor possibilita esse intercâmbio, mas o professor é o responsável último pelo ensino do conteúdo. Existe uma participação muito boa em sala de aula, porque o aluno é co-participante desse processo todo. A responsabilidade e o domínio da sala de aula não é mais exclusividade do professor e isso tem contribuído bastante para a aprendizagem do aluno.

Hoje se trabalha no Ensino Médio com um jovem diferente daquele jovem que o próprio professor foi, mesmo daquele da época em que nós fomos jovens e, com isso, o professor chegou num ponto que ele começou a viver um conflito, porque ele tinha como paradigma, que a função dele era o ensino e, de repente, ele vê que tem que aprender. Então é óbvio que é preciso mudar, inclusive quanto ao seu desempenho, e isso não é fácil.

As coordenadoras reforçam a idéia ao mencionar a necessidade de mudança de postura do professor que **precisa se aperfeiçoar e isso faz toda a diferença em sala de aula. O professor tem que sair da condição de professor que ensina, para a condição de professor que aprende.** Ao afirmar que “o professor que não leva a sério a sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”. Paulo Freire (2000, p. 103) reafirma a premissa de que, por meio do estudo, da reflexão, do repensar sério e competente sobre a ação, é possível haver mudança e isso pode ser percebido no que dizem alunos, professores e coordenadores em seus depoimentos.

Depois que o professor se percebe nessa relação consigo mesmo, isso conseqüentemente, vai levá-lo a fazer uma melhor relação em sala de aula com o aluno. Com o desenvolvimento do projeto, hoje o professor vai mais desarmado para a sala de aula, porque caiu aquela máscara de que o professor tem que ser o melhor e que tem que saber tudo e dominar tudo.

Referindo-se a facilidades e dificuldades no percurso desse processo de educação continuada, é visível o reconhecimento da importância vital do investimento em formação por todos os grupos pesquisados.

Podemos considerar, segundo os diferentes olhares referidos no decorrer desta investigação, que o ser humano se constitui em sua essência um ser de itinerância, quer dizer, nasce inacabado, vive em situações de se construir em relação a si e em seus relacionamentos para finalmente concluir a fase terrena de forma ainda itinerante na plenitude do grande Outro, que, na visão franciscana, é denominado de Absoluto, Deus.

São Boaventura de Bonarégio, pensador franciscano medieval, citado em Merino (1999, p. 330), vê o homem como “um peregrino do Absoluto que é Deus, e a Ele se dirige como a seu último fim”. Ao escrever o Itinerário da mente para Deus, no século XIII, São Boaventura o faz situando a pessoa humana num caminho ascendente, gradual e progressivo, até desembocar em Deus. Para este autor, também toda a criação caminha para esse Absoluto, e a própria dialética da história por suas épocas e culturas, caminha nessa direção. A partir disso, “aceitar a vida e compreendê-la é encontrar-se a caminho e mover-se na direção de crescimento, de plenitude e de futuro”. O Sagrado está no princípio da aventura humana. Descobri-lo é possível ao longo do caminho, porém o grande e definitivo encontro implica espera no futuro que implica opção intencional e existencial o que já estamos vivendo aqui e agora.

No sentido da atitude de cultivo do Sagrado dentro de cada um, os depoimentos dos professores encontram respaldo na visão de São Boaventura em seu texto o “Itinerário da mente para Deus”, escrito no século XIII, pois entende-se não ser possível construir-se pessoa inteira, se não houver espaço para o cultivo da dimensão sagrada que é parte constituinte do ser humano. Também Mannes (2002, p. 28-29), ao citar Theilhard de Chardin (1968), afirma que a “subida por graus” não

é físico-espacial, mas é “subida no coração”, quer dizer, “a verdadeira e genuína experiência de cada pessoa humana, essencialmente religiosa, é a caminhada de toda criatura humana na busca de sentido pleno para sua vida”.

Para os professores, o crescimento pessoal e profissional, agregado após os encontros de estudo, é percebido **na mudança e na essência da gente, mudança de perfil pessoal e profissional, porque acredito que não há como mudar só profissionalmente sem ter uma mudança interna**. Francisco de Assis viveu intensamente a experiência da itinerância, buscou o Sagrado que o habitava e se comunicava com ele, segundo Merino (1999, p. 61):

sua postura é a de um caminhante, a de um itinerante, mas sossegado, confiante, seguro, tenaz. Não foi a do fugitivo que foge, porque tem medo de algo ou de alguém. Tampouco a de um aventureiro que tem paixão pela aventura do desconhecido, do novo, da surpresa. Tampouco foi um errante, a quem não importa saber de onde vem e para onde vai. Ao contrário foi adquirindo gradualmente uma grande lucidez interior, graças à qual sabia de onde vinha e para onde ia, e qual o caminho que deveria percorrer. Não só tinha lucidez mental, mas também coragem existencial para desarraigar-se das raízes e ataduras paralisantes, para superar obstáculos naturais e artificiais próprios de todo caminho difícil e arriscado, lançando-se em direção de um futuro prometido, mas não garantido.

Por isso, quando os professores propõem continuar investindo nos encontros de formação e de cultivo pessoal, de certa maneira, estão conscientes de sua condição de seres itinerantes cuja caminhada de construir-se pessoas inteiras deve contemplar o cultivo de todas as dimensões que os constituem.

Acho importante investir em formação, principalmente cultivos que dizem respeito ao nosso relacionamento com Deus, porque são as experiências de uns que enriquecem as dos outros. Então, a gente se abre com o outro e até mesmo com Deus, porque pelo menos para mim, é com quem a gente mais tem que se abrir [...] A questão de o professor dar-se tempo para investir em cultivo pessoal é bem particular, de cada um [...] se a pessoa se deixa envolver pelo sistema, o tempo dela é mínimo e cabem os seguintes questionamentos: que tempo tem sido dado para esse crescimento pessoal? Que valor eu tenho dado para mim? No momento em que eu só tenho tempo para os outros, o que posso oferecer para os outros?

Ao considerar este depoimento, percebe-se a confirmação da idéia de que o ser humano só será plenamente humano, se investir na formação de si para que

isso se reverta em atitudes de vida. Para os professores, a mudança é percebida **na própria vivência da filosofia franciscana, a questão do respeito com os outros seres, questões que envolvem o cuidado com o universo.**

Inspirada em princípios franciscanos que consideram o ser humano um ser relacional, que se constrói à medida de suas relações *com*, a compreensão de que a educação continuada para ser verdadeiramente promotora da construção do ser humano integral deverá contemplar, em suas ações e projetos, muito mais do que a dimensão profissional. Nesse processo do relacionar-se consigo, com o outro e com as coisas, há um movimento interno que remete ao processo itinerante que constitui o ser humano, impelindo-o a buscar no outro aquilo que lhe falta. Mas não é só isso que o faz caminhar. Há algo mais profundo em si mesmo que, muitas vezes, nem ele mesmo percebe, mas que o movimenta no sentido de fazer-se pessoa, ao mesmo tempo, que provoca a mudança, também naquilo que toca com sua relação, seja ela consciente ou inconsciente. Charlot (2000, p. 52) contribui com essa idéia, quando afirma que “o homem não é, deve tornar-se o que deve ser; para tal, deve ser educado por aqueles que suprem sua fraqueza inicial e deve educar-se, ‘tornar-se por si mesmo’.”

Conforme já mencionado em capítulos anteriores, o ser humano é um todo indissociável, o que remete a considerar a importância das relações e nelas o encontro, algo tão franciscano, portanto não se pode desprezar o entrelaçamento que existe na teia da vida que constitui o cosmo. O homem é um ser histórico, e não se deve menosprezar o aspecto social dessas relações. Segundo Merino (2000, p. 35), “a vida com feitio franciscano significa um modo de ser espiritual, psicológico e existencial, que se traduz num estilo concreto e específico de levar a vida, de pensar em função da realidade da vida, de sentir o que nos rodeia e criar profundas e amistosas relações pessoais com todos os seres da criação”.

É importante relembrar que o ser humano habita, percebe e vivencia o mundo a partir de sua “casa”, quer dizer, sua realidade objetiva e subjetiva. No momento que estabelece conexões com outras “casas”, consegue perceber e perceber-se integrante de uma comunidade, e toda uma teia de relações é criada. Na mesma linha, a educação continuada, no momento que fomenta o encontro, o *link*, a relação com o outro na vida do professor, concomitantemente, estabelece a quebra do

paradigma existente, que faz com que o sujeito (professor) perceba, reconheça e estabeleça novas percepções e conexões.

A visão de itinerância, do sair de si, da impermanência dos saberes e dos conhecimentos adquiridos, para colocar-se na perspectiva de caminhante, é condição do humano. O processo de educação continuada possibilita ao professor o caminhar partilhado, ao perceber que o processo realiza-se em conjunto, que avançam na mesma direção, embora, muitas vezes, por caminhos e formas distintas, de maneira contínua. Desafios, percalços, dificuldades, limites a serem superados fazem parte, pois o itinerante tem a sua frente o norte, a meta e o caminho que se faz ao caminhar. Certamente, cada um dos participantes desta pesquisa, seja individual ou coletivamente, percebeu-se itinerante e peregrino no processo de construir-se pessoa profissional, colaborando com seu olhar a partir de seu interior, mas, acima de tudo, aceitou o desafio de debruçar-se sobre sua própria construção pessoal, nesta jornada que não tem data para acabar.

No momento em que o professor se percebe um ser itinerante, conseqüentemente, percebe o aluno um ser itinerante, em processo, alguém que caminha em busca de sua construção como pessoa e que possui tempos diferentes. Isso faz do professor um ser atento de si e do processo do fazer-se humano, ao longo de uma vida (ampliação de consciência), tanto para si como para o seu aluno. Dessa forma, muda o olhar, muda a maneira de ensinar, muda também a concepção de seu papel de ser professor. Conscientes dessa itinerância, eles afirmam:

se olharmos para o aluno dessa forma, se torna mais fácil, porque vejo o aluno, também errando e fazendo as coisas muito distantes do que, espero, mas consigo visualizá-lo como alguém que está fazendo a sua caminhada [...] talvez não da minha maneira, ou da melhor maneira, mas como alguém que está procurando, que está em processo. Aí passo a entender que o aluno é aquilo que é, não para prejudicar alguém, mas, com certeza, porque tem direito de buscar acertar de sua forma.[...] É essa relação que a gente estabelece com o aluno, uma relação mais confiante, mais amistosa, de menos adversidade, enfatizando que estamos a caminho e quando se está a caminho, somos itinerantes, não proprietários da verdade. Assim, os conflitos são menores, a gente se aproxima mais do aluno, dando espaço para a afetividade, que considero um ponto fundamental para a aprendizagem. Então, o ganho seria relacional, afetivo, mas que vai interferir na construção do conhecimento.

A visão itinerante do processo de construção do ser humano ainda pode ser evidenciada, quando se analisam os depoimentos das coordenadoras que definem Educação Continuada como uma alternativa que trabalha basicamente duas questões: unidade e identidade. Contribui, com essa idéia, Boff (2000) ao afirmar que nenhum regime, por mais duro e repressor que seja, conseguirá enquadrar o ser humano. “Sempre sobra alguma coisa nele. Por mais aprisionado que esteja, o ser humano transcende tudo. Porque, com seu pensamento ele habita as estrelas, rompe todos os espaços” (BOFF, 2000, p. 22). Por isso, “como seres humanos, temos uma existência condenada a abrir caminhos, sempre novos e sempre surpreendentes” (p. 22).

Quando o professor chega à escola, vem com a sua bagagem, com sua história de vida, com uma trajetória acadêmica e profissional já constituída que traz para o trabalho dele. É o que o professor é como pessoa, como ele se mostra e, à medida que a escola possibilita essa reflexão, essa discussão, os pontos de vista diferentes ou que se aproximam, são colocados numa discussão, num debate, num estudo. Estamos colocando, em primeiro lugar, a busca de um consenso ou tentando a aproximação para um consenso e isso fortalece a unidade de trabalho. A gente tem um foco, uma direção, e daí a identidade. Vamos imaginar, se a gente não tivesse esse processo dentro do colégio, como seria a questão do estudo, como seria a questão da reflexão, da discussão?

Os professores também, em seus depoimentos, evidenciam a idéia de itinerância proposta pelo colégio, caracterizando-a como parte da identidade franciscana, quando afirmam **que aqui, na escola, respeitamos as diferenças, mas nem por isso deixamos de trabalhar a questão da identidade da escola [...] se formos avaliar a forma como trabalhamos em sala de aula, o nosso fazer pedagógico, percebemos que estamos constantemente investindo nesse aspecto, em questões como afeto, amor, amizade, respeito, companheirismo, acolhida, isso é bem presente aqui no Sant’Anna.**

O olhar itinerante está presente na visão dos alunos que consideram ser o **Sant’Anna uma escola que não visa somente ao ensino do conteúdo, mas que se preocupa com o aprendizado dos valores como a paz e o bem, visando a um aluno comprometido com a mudança da sociedade.** Afirmam **desconhecer um colégio em Santa Maria que oportunize a participação do aluno no dia-a-dia**

da escola, enfatizando a importância do projeto de educação continuada estar no fato de **o aluno perceber que ele é capaz de ajudar na construção da própria proposta educativa da escola**.

Para eles, **a escola está no caminho certo, porque nada se constrói da noite para o dia**. Insistem que a escola tem que continuar investindo nesse processo de construção conjunta, mas sugerem que, para eles, seria importante que os próprios alunos incentivassem outros colegas para participarem dos estudos, porque muitos não têm aquela visão de que podem contribuir e, se forem convidados, com certeza, vão ajudar a melhorar o processo.

Por outro lado, eles também mencionam que uma maior participação e conhecimento dos pais sobre a proposta de educação continuada oportunizaria uma consciência sobre a importância de uma escola que prepara para a vida. Na visão deles, os pais conhecem só o que os filhos falam, mas eles poderiam participar mais, envolver-se mais, fazendo parte efetiva do colégio. Reforçam a importância da divulgação de toda esta proposta, quando referem, em seus depoimentos, que:

como a escola não pode colocar todos os alunos para participar dos estudos junto com os professores, porque somos muitos, acho que esse projeto deveria ser mais bem divulgado pela coordenação e pelos professores. Acho que pelo menos noventa por cento dos alunos de quinta a oitava série não sabem que ele acontece. Então deveríamos divulgar mais e dar oportunidade para que os alunos que participam dos estudos, dêem seu testemunho em sala de aula. Assim, os outros alunos poderão perceber que não é só a gente que pode fazer parte, mas eles também podem participar.

Aquilo que hoje a gente vive aqui no colégio é um reflexo da participação do aluno no projeto, algo muito importante que a escola proporciona; acho que esse projeto é muito belo e falando em PPP que a gente ajudou a reelaborar é só mostrar para os pais e dar oportunidade de as pessoas conhecerem. Quanto ao número de alunos que estão participando, acho que foi muito bom, no início convidaram alguns alunos para participar, até para ver se daria certo e deu certo. Agora é bom divulgar e convidar mais alunos novos para participar dos estudos. Penso que se nós convidarmos e incentivarmos, eles vão perceber que não é uma coisa cansativa acordar cedo e vir aqui estudar e participar, num sábado.

Para os alunos, apesar de o colégio estar crescendo em nível de alunos e de valores, porque **os alunos estão colhendo lições para a vida**, o projeto deveria ser mais divulgado dentro da própria escola. **Nós precisamos mostrar para os outros**

colegas que não é uma coisa ruim, precisamos mostrar que a gente está aprendendo para vida, e não só colaborando para o bem do colégio, mas que a gente está ganhando muito mais como pessoa. Na visão deles, é necessário que os colegas vejam que participar desse projeto **não é algo insignificante, mas que é uma coisa séria e que o alicerce do trabalho que hoje está sendo feito em sala de aula deve-se a um projeto organizado.**

Diante do que foi revelado pelos depoimentos dos entrevistados, evidencia-se que realmente há uma significativa validade do investimento da proposta de educação continuada o que pressupõe que é possível mudar o cenário que constitui uma sociedade carente de valores éticos, algo tão necessário no mundo em que se vive.

Imbuída do estado de itinerância que constitui o processo de formação pessoal de vida como franciscana e por acreditar que a pessoa humana está em constante fazer-se passo a passo, o que para Francisco de Assis era graça e não desgraça, percebe-se que, apostar em educação continuada, é um dos caminhos que possibilitam a mudança da sociedade mercantilista e individualista em que se vive. Além disso, esta pesquisa possibilitou uma parada e um olhar sobre a interioridade, não desvinculada do eu profissional que, sendo consequência do investimento em cultivo da essência do Ser, externaliza-se em ações reveladoras do Ser que habita o interior da pessoa, como Essência Sagrada.

Considerando que uma dissertação de mestrado não se constrói desvinculada da vida do investigador, meu olhar de pesquisadora situa-se na tecitura de tudo o que me constitui pessoa profissional. Sendo religiosa da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã da qual faz parte a SCALIFRA/ZN, mantenedora do Colégio Franciscano Sant'Anna, a formação franciscana que possuo, possibilitou-me visualizar um mundo diferente na educação de mim mesma e, no processo de formação dos docentes nas escolas em que tive a oportunidade de trabalhar. Conhecedora do ideal preconizado por Francisco de Assis, homem medieval do início do século XIII, inspirador da filosofia que ilumina o fazer pedagógico das escolas da SCALIFRA/ZN cuja busca permanente da utopia significa a reconstrução do próprio projeto de vida, considere importante verificar as

conseqüências do que está acontecendo na sala de aula, a partir dos diferentes olhares que o projeto de educação continuada propicia a cada um dos envolvidos.

Se, para Josso (2004), nada do que se faz está desvinculado de uma história de vida, no encerramento deste trabalho, importante se faz o desvelar de mim mesma como Ser humano em devir. Considerando a história desta escola, da qual faço parte como diretora e como coordenadora e integrante do grupo que oportuniza o projeto de educação continuada aos professores, fiz um recorte e nele considerei uma proposta de trabalho que, possa ter resultados positivos, enquanto aluna de mestrado, participante de prática de pesquisa sobre espiritualidade e como religiosa que investe em sua própria formação pessoal e profissional. Diante dos resultados obtidos, independentemente de terem sido bons ou ruins, e foram positivos, vejo oportuno externalizar meus sentimentos que estão de acordo com pesquisas já realizadas, as quais comprovam que toda a prática docente bem sucedida é feita por pessoas que tem ampliação de consciência. Nesse sentido, de oportunizar aos professores situações que promovam crescimento pessoal e profissional, o fazemos como inspiração pela referência do que vimos fazendo conosco, enquanto seres em construção.

Importante também é referir o prazer da descoberta de uma dissertação que não se esgota nela mesma, no término de um curso de mestrado, mas algo que tem um envolvimento e uma continuidade na vida. Os resultados emergentes deste trabalho possibilitaram visualizar vários pontos de referência de coisas que estão bem, daquilo que precisa ser reformulado e revisto, e todo o sucesso ora evidenciado na construção da caminhada de formação da escola, o que engrandece a escola como um todo. Se com os professores, alvo de toda a pesquisa, houve uma significativa receptividade e envolvimento, uma demonstração da validade do projeto para sua vida e profissionalidade, a aplicabilidade de tudo isso, em sala de aula, com os alunos, que é o mais importante, foi comprovado. A comprovação, não só na fala de professores e coordenadoras pedagógicas, mas, principalmente, nos depoimentos dos alunos, o que prova que um projeto de educação continuada que envolva professores e alunos e tenha em seu referencial algo mais do que proposta de sanar lacunas de uma formação profissional, pode promover a mudança da sociedade.

Importa ressaltar o quanto isso é gratificante e o quanto me deixa feliz ao constatar o encantamento dos alunos, quando indagados sobre sua percepção quanto à aplicabilidade do projeto de educação continuada, em sala de aula. Seus depoimentos são a prova de que é possível qualificar a ação pedagógica dos docentes das escolas de Educação Básica, quando existe um projeto de educação continuada cujas ações contemplem, além de aspectos técnicos, aspectos para a formação humana: ações que envolvam o cultivo do Ser como essência.

Outro dado que considero significativo é registrar o sentimento de alegria e felicidade, manifestado pelos alunos, por se sentirem parte do projeto de educação continuada da escola. Ter a oportunidade de estudar, discutir e propor, junto com os professores, não passa despercebido de suas vidas de estudante. Isto é reconhecido por eles como um grande diferencial do colégio em que estudam. Eles reafirmam: **aqui os alunos estão tirando lições de vida, porque** o Sant'Anna possibilita abertura, participação, propõe espaço para a vivência de valores, tem a preocupação com a formação para a Inteiraza do Ser pessoa, tanto para os professores, como para os alunos. Chama atenção a clareza de percepção dos alunos quanto ao interesse demonstrado pelos professores em ajudá-los no seu processo de construção de aprendizagem, principalmente, a preocupação em resgatar aqueles alunos que têm mais dificuldade em aprender. Acredita-se que só um professor que cultivou sua inteireza tenha condições de ter essa atitude, de envolver-se de fato com seu aluno como um Ser em processo itinerante de construção.

É encantador verificar a autoconsciência e a autoconfiança dos alunos, quanto ao seu papel de co-construtores do processo de formação da escola. Eles percebem que a proposta do colégio é muito mais do que ensinar conteúdos, é uma proposta de formação para a inteireza do Ser pessoa. Isso fica explícito em depoimentos como os que seguem:

eu vejo que para sanar as dificuldades dos alunos, os professores propõem aulas extras, atividades diferenciadas. Percebo uma preocupação e um grande interesse do professor para que o aluno aprenda.

Quanto à preocupação dos professores com o aprendizado, isso está na cara. Os professores estão sempre preocupados em saber se

estamos entendendo, se estamos conseguindo construir e estão sempre nos orientando naquilo que precisamos melhorar. E se puderem, dão o máximo de si para que a gente consiga aprender.

A maioria dos professores tem uma atitude de ajudar o aluno a construir seu próprio conhecimento. Aquela coisa de colocar matéria na cabeça dos alunos e achar que a gente tem que decorar, já não existe mais aqui no colégio.

Vejo o Sant'Anna como uma grande família, como a minha casa onde a gente pode estar entre amigos, e que, muitas vezes, o professor faz o papel do pai que dá um "puxão de orelhas", verifica se a gente está estudando, pergunta qual a dificuldade que a gente tem tanto no sentido do conteúdo como na questão emocional. Então, isso é um grande suporte, uma grande base que os professores nos dão para que a gente consiga alcançar os objetivos.

Considerando que a proposta de educação continuada é tornar melhor as pessoas, e isso é feito em todos os aspectos da vida: físico, social, emocional e espiritual. O investimento e o reconhecimento disso, no dia-a-dia, confirmam que é promissor investir em uma educação continuada, algo que não se resume só na fala, no discurso, em mais um projeto, mas é alguma coisa que ajuda o professor no seu dever.

O objetivo da educação continuada é melhorar e aprimorar a qualificação profissional, melhorar a nossa vida pessoal, porque temos que interiorizar o que estamos lendo e estudando [...] se a gente não internaliza isso na vida pessoal, não adianta estudar. Então, estou sempre me avaliando, procurando melhorar, e estou aprimorando cada vez mais, aprendendo mais, tendo mais curiosidade, mais vontade de aprender. Acho que estou crescendo muito, apesar de ter consciência que preciso realizar muitas leituras ainda.

Ficou evidente que investir no aprimoramento do professor não só tecnicamente, mas em seu Ser essência, pois é ele que está em sala de aula com o aluno, é uma forma de qualificar a educação e nisso está a relevância de um projeto de educação continuada. A identidade do professor é percebida pelo aluno, porque é na ação que se desvela aquilo que carrega como identidade, aqueles saberes todos que se constroem, a idéia de mundo, de sociedade, de aluno, de escola, tudo fica evidente no fazer do professor. Mesmo quando os professores manifestam-se sobre coisas que não gostam do projeto, como é o caso de leituras consideradas inadequadas para o momento, até isso colabora, porque o professor se sente livre

para falar. Eles se auto-avaliam e reconhecem a oportunidade que a escola está dando para que possam crescer como seres humanos, pessoa e profissional. Isso se evidencia quando dizem **que só não participa quem não quer**, pois a oportunidade está sendo dada pela escola. Eles sentem essa oportunidade, essa vontade que a escola tem de oferecer, percebem a preparação da equipe do projeto para orientar os estudos; percebem que a proposta da escola não é alguma coisa feita só para eles, e que os demais integrantes ficam de fora, só assistindo. É muito gratificante perceber o quanto os professores se sentem felizes e empolgados pelo seu próprio crescimento pessoal, quando dizem de sua alegria pela oportunidade de investirem na construção de si como pessoa profissional.

Me considero privilegiada, e isso desde que estudei nessa escola e agora com a formação que venho recebendo como professora. Do tempo que estudei aqui carrego essa formação comigo. Devo isso às pessoas que conheci aqui, aos amigos que fiz, aos profissionais que me ensinaram tudo isso.

Corroborar com esse entendimento dos professores, a fala de uma coordenadora quando diz que o projeto tem oportunizado melhorias visíveis na vida e na prática dos docentes, considerando que cada um tem o seu tempo, sua caminhada, sua trajetória, sendo possível perceber o estado de itinerância do professor como alguém sempre em busca, em consonância com seu ritmo pessoal.

Nesses quatro anos que estou à frente da coordenação, percebo crescimento de cada professora, no sentido de analisar a sua prática, refletir, ressignificar, reestruturar, pedir opinião, buscar, pelo menos tentar. Se não deu certo, volta, ressignifica, tenta mais uma vez. E o projeto de educação continuada deixa muito claro para o professor que não existe o certo e o errado, mas existe a escolha por caminhos, por alternativas, por conquistas [...] isso cria segurança para que o professor, de certa forma, consiga construir, que ele possa experimentar com segurança e não tenha medo desse novo. E, é nessa oportunidade de experimentar que ele vai se desafiar a todo o instante. E quando a gente promove, através do assessoramento pedagógico, a conversa com esse professor, no sentido que se sinta amparado para colocar os seus desafios, as suas dificuldades e que a gente vai tentando reconstruir junto a esse caminho, faz com que ele consiga se comprometer mais com o processo.

Significativo também é como os professores percebem o controle¹⁰ das atividades desenvolvidas pelo projeto. Não é um controle no sentido da cobrança pela cobrança, mas é no sentido de saber que existe um programa, que existe um compromisso, há respeito pelo horário de início dos encontros, os professores se sentem contemplados nas sugestões de temas que eles propõem, sentem-se parte e, por isso, mais engajados em todo o processo.

Consciente de todas as dificuldades que possam existir, e que existem de fato num processo de formação, a atitude de pesquisadora e de coordenadora do projeto é de encantamento, do quanto é possível construir a partir de um projeto de educação continuada em uma escola que se propõe a acolher as diferenças, diante de depoimentos como os que seguem:

[...] quando participei dos encontros e estudos de Ensino Religioso, foi maravilhoso, me fizeram crescer muito. Estudamos sobre diversas religiões e aquilo tudo nos dá outra visão. A gente aprende a valorizar o trabalho do colega e, acho que é uma coisa que todos os professores deveriam estudar. Esta é uma coisa que eu acho interessante na escola, estar aberta ao diálogo. Imagina, a gente falar em diálogo inter-religioso, numa escola católica, tradicional, convencional, como era antigamente, isso era heresia. E ver essa abertura, hoje, o Sant'Anna está sempre à frente do seu tempo, sempre na vanguarda das mudanças. A gente percebe nossos alunos que são muçulmanos, por exemplo, como se sentem á vontade na escola e falam sobre sua crença. Então, esta acolhida, esta reciprocidade que existe dentro da escola, é uma coisa que levamos para a vida.

Chama atenção o prazer despertado nos professores entrevistados em poder falar de seu trabalho e de sua caminhada profissional. Seria este um indício de que a partilha de vida também remete o ser humano a tomar consciência de seu estado de itinerância permanente? Na visão de Boff (2000, p. 60), existe dentro de nós um enorme desejo de transcendência, o que nos constitui, na visão do autor, “seres desejantes. Talvez o desejo seja a nossa experiência mais imediata e, ao mesmo tempo, mais profunda”. Na verdade, segundo os professores entrevistados, **poderíamos ficar horas e horas, falando sobre a importância que esses estudos têm trazido, as mudanças no sentido pessoal e profissional, porque a gente não tem tempo de parar para pensar sobre a vida, e o projeto tem nos ajudado também nesse sentido.**

¹⁰ Controle no sentido de acompanhamento.

Uma entrevista como essa é muito interessante, porque faz a gente pensar um montão de coisas. Acho que essas perguntas deveriam ser dadas para todo mundo fazer uma lição de casa, porque faz a gente pensar na prática. Fico pensando, o que tudo isso está resultando para mim, enquanto pessoa, enquanto profissional? Qual é a minha missão diante de tudo isso? Todas essas questões, são uma seqüência e, algumas vezes, pensei: mas isso eu já respondi. E, no entanto, é sempre aquela insistência, porque, na verdade, o resultado de tudo isso tem que ser a prática com o meu aluno, porque não adianta a gente receber todos os certificados, estar preocupado com carga horária de cursos. O que é mais importante é o que vai resultar de tudo isso que estudamos. Então, precisamos ter um comprometimento muito grande, porque é a criança, é o meu aluno que vai ganhar com isso. Acho que, o projeto oferece os dois lados, muitas facilidades e, na verdade, uma dificuldade mínima, mas uma dificuldade tão complicada da gente se livrar, enquanto ser humano, que parece impossível, romper paradigma e, como é complicado romper. A gente acaba voltando para aquilo que acreditava antes. Por isso, vejo que a função de vocês enquanto direção, coordenação tem que estar ali, não deixar a gente perder o fio da meada. Caso contrário, foge da direção, do objetivo da proposta.

Outra coisa que gostaria de salientar é esse trabalho, essa entrevista que estamos fazendo, também uma forma de educação continuada. É uma oportunidade de aproximação maior e única com a direção e uma forma de me avaliar. Então, considero isso também educação continuada. Agradeço a oportunidade. Valeu. Me senti muito bem. Adorei a oportunidade. No início me senti um pouco preocupada com a entrevista, mas depois foi muito bom, porque foi abrindo os horizontes a cada momento que vamos avançando nas perguntas e respostas. Obrigada.

Quero agradecer pela oportunidade de poder falar. Feliz de nós que estamos aqui para participar disso tudo, porque só estamos ganhando. A gente é encantada pelo que faz e aqui no Sant'Anna a gente é feliz, porque é uma família. O pessoal tem o mesmo propósito, o mesmo objetivo, busca a mesma coisa. Dificilmente tu vê um professor aqui no Sant'Anna com a cara fechada, por mais problema que a pessoa tenha, ela vem e encontra no outro um ombro para desabafar. Acho que a própria filosofia da escola, a proposta pedagógica, faz com que a gente se sinta em casa. Eu sou feliz, porque trabalho aqui. Claro, tenho altos e baixos, todo mundo tem, mas é uma coisa que encanta. Acho que o educador franciscano é assim, esta perfeita alegria que a gente tem, eu pelo menos sou encantada pelo que faço.

Eu agradeço a oportunidade de poder estar aqui falando, porque eu acho que isso também é um exercício. Poder falar sobre as experiências é um exercício. Eu acho que procuro crescer cada vez mais. Sei que tenho muito ainda que aprender, porque o conhecimento se estende por toda a vida. Agradeço mais uma vez a oportunidade de poder estar aqui falando, colocando um pouco sobre a minha prática. De estar sempre podendo estudar, dos cursos, das palestras, de tudo o que nos é proporcionado.

Apesar de não terem sido questionados sobre a qualidade dos cursos acadêmicos que freqüentaram, alguns professores entrevistados justificam a falta do aspecto relacional na formação inicial como dificultador para o trabalho em uma proposta humanista. Afirmam que os **cursos de Graduação não preparam para a sala de aula**. O que se vive na universidade está desconectado da realidade de sala de aula. Na visão de Nanni (2000), é necessário que os projetos educativos do século XXI extrapolem sua própria cultura, numa atitude de acolhimento da diversidade que se instala no âmago de culturas consideradas milenares. Para ele, é importante não descuidar da identidade particular de cada nação, mas forçosamente o grande número de imigrantes e filhos de imigrantes nascidos nesses países estão mudando o rosto dos continentes e isso exige uma nova forma de se fazer educação. Portanto, as universidades deverão redirecionar seus currículos para formar profissionais mais abertos para a multiculturalidade. Na visão dos professores entrevistados, existe uma distância considerável entre a universidade e a escola.

A academia não me preparou tão bem quanto eu esperava que tivesse me preparado. Não me preparou para toda essa interação professor e aluno, para a questão interpessoal. Parece que o teu trabalho de Química pura é bem diferente do trabalho interpessoal. Que não tem nada a ver. Fica muito isolado. Se tu souberes tudo de Química, tu não vais precisar te relacionar com o aluno. Isso te assusta quando tu entras no colégio. Eu tive que buscar extra, buscar fora algo que viesse atender meus objetivos.

[...] porque eu vejo que mais que conteúdo, temos que ter uma formação profissional e a Universidade, às vezes, peca com isso. Temos “n” cadeiras da disciplina que vamos trabalhar. No meu caso, História, mas não temos nada sobre, como lidar com o aluno, com a realidade e o desafio dessa realidade da sala de aula [...] na faculdade ensinaram o objetivo do conteúdo e não o que eu quero com aquele conteúdo. Me ensinaram a pensar: quero que o meu aluno aprenda isso e aquilo. Hoje, depois de estudos feitos, eu me pergunto: que cidadão eu quero formar através deste conteúdo? Que relevância tem este conteúdo para ele? Hoje, vou me questionando mais coisas no nível pessoal do que propriamente daquela prática da transmissão do conhecimento.

Nos depoimentos, os professores explicitam, mesmo que inconscientemente, a visão de Charlot (2000, p. 52), quando afirma que “esse inacabamento do homem

nos leva a pensar que ele nasce com seu desenvolvimento inconcluso e deve ser acabado fora do útero [...] o homem sobrevive por nascer em um mundo humano, pré-existente, que já é estruturado”.

[...] às vezes fico muito brava e me pergunto porque não nos ensinaram isso antes, assim eu não estaria falhando. Fico pensando naqueles alunos que já passaram por mim e eu deixei lacuna. Muitas vezes, pensei mais em desenvolver o conhecimento dentro do conteúdo do que as coisas que são mais importante para a vida deles: a construção da pessoa [...] Quando eu estudei na faculdade era um paraíso. Uma sala de aula é aquilo, o ideal, o sonho que todo professor tem, mas quando a gente vai para a sala de aula, aí a gente vê que a realidade é outra, totalmente diferente. Na tua prática tu és vazio. Isto tu vais preenchendo depois.

Considerando a situação de impermanência do humano como uma constante em minha própria vida pessoal e profissional, reafirmo a convicção de continuar sempre investindo em educação continuada, tanto em mim mesma, consciente do meu dever, como também no projeto da própria escola. Agora, mais do que antes do início da pesquisa, fica claro que um dos caminhos para construir uma sociedade pautada em valores, tais como a ética, o cuidado com a vida, o respeito para com a pessoa humana é investir em projetos de educação continuada que contemplem a formação do ser humano em sua inteireza.

Valores como respeito, acolhida, comprometimento, abertura para o novo estão muito presentes nos depoimentos dos entrevistados, o que incita a participação dos envolvidos, justamente porque se percebem acolhidos pelo grupo que coordena o projeto. Fica evidente que os professores têm uma consciência ampliada de qual é a missão que lhes cabe na comunidade escolar. Na visão de Freire (2000, p. 36), como “seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós para ser”. Para o autor, “não é possível pensar os seres humanos longe da ética, quanto mais fora dela” (FREIRE, 2000, p. 36). Para reafirmar o nível de consciência dos professores, referem-se alguns depoimentos deles próprios ao falarem sobre o que foi mais significativo nos estudos propostos pelo projeto.

Os temas franciscanos foram muito significativos, porque a gente começa a contemplar e a refletir, a dar importância para a própria vida. Achei significativo, porque esse estudo é voltado para a prática franciscana, que, na verdade, é o aspecto humano. Isso nos faz descobrir a essência das coisas, porque são temas relacionados à vida e nos fazem refletir sobre nossas ações. Por exemplo, o que eu tenho feito comigo? [...] e fazendo uma auto-reflexão a partir desses temas, procuro olhar minha maneira de viver e tento mudá-la.

Há anos eu sabia que Francisco era o protetor da natureza, mas depois dos estudos, vê-se que é muito mais forte, esse encontro de Francisco com a natureza. É uma encarnação, o equilíbrio com a natureza, o encontro dele com Deus, a busca de Deus naqueles momentos de introspecção nas cavernas. Também aprendi que quantos de nós precisamos fazer esse encontro com Deus como Francisco fazia, seja em nossa caverna íntima ou na caverna que procuramos na Igreja ou na nossa própria casa.

A condição humana nos coloca em situação de peregrinos recém chegados, como nos descreve São Boaventura, no século XIII. Essa é a atitude de alguém que está buscando sempre e tem tudo a ver com o projeto de educação continuada, porque não sou portador da verdade. Sou alguém que está procurando.

[...] a fundamentação filosófico-franciscana que favoreceu a busca dos valores como respeito a individualidade do outro no seu jeito, respeitar a pessoa como ela é. Uma questão bem atual da sociedade, o respeito às diferentes religiões, um convívio saudável com as outras pessoas.

O estudo, o conhecimento daquilo que Francisco queria e Madre Madalena idealizou logo no começo, porque tratam da questão do humano, tem um significado, porque a gente acaba falando do crescimento pessoal. Tudo a gente fica tentando pegar para si, se apropriar daquilo e vai aprimorando a nossa vida pessoal e profissional [...]. Nós primamos muito pelos valores e essas leituras estavam bem voltadas para o que queremos. A gente quer mudança de postura, ser mais atencioso, mais cuidadoso e essas leituras sobre Francisco de Assis e Madre Madalena estão voltadas para isso.

Percebi que esses temas estão sendo abordados para o meu crescimento pessoal. A própria questão do cultivo e do aprender a dar mais tempo para mim mesmo e tempo para o outro também, porque não adianta a gente dar tempo só para si e esquecer do outro. Esse tempo é necessário. Um exemplo bem prático é a entrada na sala dos professores. Se entro de cara amarrada, fechado, não me comunico com os outros, isso não vai fazer bem, nem para mim e nem para o outro. Então, no momento que a gente consegue estar bem consigo mesmo, a gente deixa o outro bem.

Na visão de Paulo Freire, a mudança do ser humano não acontece de uma hora para outra, nem por acaso. Para ele, “o homem novo e a mulher nova vão

nascendo na prática da reconstrução revolucionária da sociedade” (1992, p. 85). Nesse sentido, do fazer-se novo, o autor refere características como o compromisso com a causa, a responsabilidade no cumprimento do dever, a defesa intransigente da autonomia, da liberdade conquistada, não deixar para fazer amanhã o que se deve fazer hoje, estudar como dever, desenvolver a curiosidade, participar conscientemente, e tantos outros que poderão contribuir para essa construção no estado de itinerância do ser humano. Nesse sentido, as coordenadoras percebem mudanças em si no que se refere à dimensão do Ser. O ser humano que tem consciência de seu estado de inacabamento sente-se empolgado ao perceber seu próprio crescimento interior. Isso se torna algo tão forte dentro dele que, mesmo não tendo sido questionadas sobre sua caminhada de crescimento pessoal, as coordenadoras se sentem impulsionadas a falar de si próprias, avaliando sua evolução de Seres itinerantes.

Eu quero falar de minha experiência como pessoa dentro do colégio Sant’Anna. Primeiro eu entendo que todas as coisas que me foram proporcionadas dentro da escola, no sentido de estudos, principalmente de cunho franciscano, a fundamentação teórico-filosófica, primeiro contribuiu muito para o eu, como pessoa. Isso foi fundamental e percebo em mim, crescimento pessoal e profissional. Eu hoje não sou a mesma que entrou aqui e amanhã, com certeza, também não serei a mesma, porque todos os dias a gente cresce. Amanhã não serei a mesma, porque com essa nossa conversa aqui, essa entrevista tem um significado e muda minha vida. Para mim foi muito visível. Então, todos os estudos que vimos fazendo e que a gente oportuniza para os colegas, inevitavelmente, caem para essa reflexão, porque a nossa proposta filosófica, a fundamentação, a nossa origem de escola franciscana, remete para esse auto-conhecimento. Porque a gente estuda isso, e para conhecer o outro você precisa se conhecer primeiro, saber como tu és, entender como é que tu processas as coisas contigo mesmo. Penso que, nesse sentido, os estudos, especialmente os franciscanos, contribuem muito na linha da espiritualidade, do auto-conhecimento. E quando a gente fala da pedagogia franciscana, eu sonho muito com isso, de a gente buscar única e exclusivamente referencial teórico nessa fonte franciscana, que não se esgota. Quiçá o dia que pudéssemos estudar com nossos colegas, só textos franciscanos e que todos nós conseguíssemos fazer relação entre um teórico e com a nossa prática, porque com todos esses teóricos atuais, que a gente estuda é possível perceber que a origem da teoria é franciscana. Francisco de Assis é a origem de toda essa filosofia e, se a gente quiser, tem como fazer. Acho que tudo isso é um valor muito grande que foi agregado em minha vida.

Para Freire (1992, p. 86), uma das qualidades mais importantes desse ser itinerante “é a certeza de que não pode parar de caminhar e a certeza de que cedo o novo fica velho se não se renovar”. Por isso, ao finalizar esta etapa da pesquisa, fica evidente que se está sempre no início de mais uma jornada no processo de construção de si mesmo como Ser em vir a Ser. Ciente do estado itinerante que constitui o ser em devir, sabedores de que nenhuma pesquisa se esgota ao término de uma dissertação de mestrado, enriquece-se esta página, com a frase de Francisco de Assis, homem medieval, que no final de sua vida grandiosa disse: “irmãos, vamos começar novamente, porque até agora fizemos pouco ou nada” (SILVEIRA e REIS, 2000, p. 254).

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Formação continuada como instrumento de profissionalização do magistério de Ilma Passos Alencastro**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERNARDI, Frei Orlando, O.F.M. **Francisco de Assis: um caminho para a educação**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

BERTRAND, Yves; VALOIS, Paul. **Paradigmas educacionais: escola e sociedade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CAPRA, Fritjof. **Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos: a teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. Educação continuada; função essencial do coordenador pedagógico. In: **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

COLLET, H. G. **Educação permanente e abordagem metodológica**. Rio de Janeiro: SEC, 1976.

COVEY, Stephen R. **O 8º. Hábito: da eficácia à grandeza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FRANCISCONE, Fabiane. **Educação continuada: um olhar para além do espelho, iluminando mente, corpo, coração e espírito do docente da Educação Superior**. PUCRS, Porto Alegre, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 32. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **A la sombra de este árbol**. Barcelona: Roure, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FURTER, Pierre. **Educação permanente e desenvolvimento cultural.** Petrópolis: Vozes, 1974.

GILLEY, Kay. **Liderança com o coração aberto:** coragem, em vez de medo, no local de trabalho. São Paulo: Cultrix, 1996.

GÓMEZ, G Rodrigues; FLORES, Javier Gil; JIMÉNEZ, Eduardo Garcia. **Metodologia de la investigación cualitativa.** 2. ed. Málaga: ALJIBE, 1996.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo. Cortez, 2004.

LAMPERT, Ernani. **Educação permanente:** limites e possibilidades no contexto da América Latina e do Caribe. Florianópolis: FAED-UDESC, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANNES, João, O.F.M. **O transcendente imanente:** a filosofia mística de São Boaventura. Petrópolis: Vozes, 2002.

MERINO, José Antônio. **Humanismo Franciscano:** franciscanismo e mundo atual. Petrópolis. FFB, 1999.

_____. **Filosofia da vida:** visão franciscana. Braga: Editorial Franciscana, 2000.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, XXII, n 37, p. 7-32, mar. 1999.

_____. **Uma tempestade de luz:** a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. 2002. (Texto avulso).

MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). **São Francisco e as fontes franciscanas.** Bragança Paulista: IFAN, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reformar, reformar o pensamento. 11. ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

_____. **O Método 2:** a vida da vida. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NANNI, Antonio. **Uma nuova Paidéia:** prospettive educative per il XXI secolo. Bologna: EMI, 2000.

OSORIO, Augustin Requejo. **Educação permanente e educação de adultos.** Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

PIVATTO, Pergentino Stefano. Visão de homem na educação e o problema da humanização. **Revista Educação**, Porto Alegre: EDIPUCRS, ano XXX, n. 2, p. 62, 2007.

RUPOLO, Irani. **Uma proposta na cosmo-visão franciscana para o mundo atual**. Santa Maria, 1998.

SILVEIRA, Ildfonso; REIS, Orlando dos (Org.). **Fontes franciscanas**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

TOLLE, Eckhart. **O despertar de uma nova consciência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

WILBER, Ken. **Uma teoria de tudo**. São Paulo: Cultrix, 2000.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ANEXOS

ANEXO A - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. O que tu entendes por educação continuada? Como analisas a educação continuada que vem sendo desenvolvida em sua caminhada profissional? Como tu analisas a proposta de educação continuada propiciada pela escola nos dois últimos anos? Qual sua importância? (aspectos importantes/ essenciais/efeitos notórios). Explique.
2. Que implicações, alterações, mudanças, enriquecimentos você evidencia (registra) na sua autoformação e em sua prática pedagógica (dia-a-dia da sala de aula) a partir de sua participação no projeto de educação continuada da escola? Como se expressam, como se evidenciam essas mudanças? (valores, visão de mundo, de sociedade, prática docente...)
3. Quais as evidências de repercussão no aluno, como beneficiado, de sua formação continuada? Exemplifique:
4. Na tua opinião, a quem cabe a responsabilidade pela educação continuada em uma escola? Por quê? Como isso acontece nessa (na) escola onde tu trabalhas?
5. Como avalias o papel do coordenador pedagógico, da direção e dos professores no que se refere à educação continuada oferecida pela escola? Exemplifica.
6. Como avalias o projeto de Educação Continuada em relação a ti próprio e aos colegas quanto:
 - à receptividade da proposta do projeto?
 - ao envolvimento e participação nas atividades desenvolvidas no projeto?
 - à aplicabilidade das ações propostas em sala de aula?
7. Que facilidades e que dificuldades julga significativas em relação ao projeto de educação continuada quanto:
 - ao envolvimento e à participação no projeto de educação continuada?
 - a sua aplicabilidade em sala de aula?

8. Que alternativas sugeres para minimizar as possíveis dificuldades encontradas?
9. Como tu percebes a adequação do projeto de educação continuada desenvolvido na escola em relação
 - à necessidade de tua própria auto-formação?
 - ao Projeto Político Pedagógico da escola?
 - às necessidades da sociedade de informação? Exemplifique.
10. Dos temas abordados pelo projeto de educação continuada, quais são considerados significativos para o teu crescimento pessoal e profissional? Dá exemplos.
Que outros temas ou ações já desenvolvidas na escola ou não, além das propiciadas pelo projeto sugeres sejam (para serem) incluídos no projeto de educação continuada da SCALIFRA/ZN?

ANEXO B - ENTREVISTA FOCAL APLICADA ÀS COORDENADORAS

1. Como avalia o projeto de educação continuada da escola? Para o aluno, para o professor, para a equipe diretiva, para a escola e para a comunidade? Por quê?
2. Que efeitos notórios são possíveis registrar na prática pedagógica dos professores a partir do projeto de educação continuada? (oportunidades, melhorias e contribuições, obstáculos/ restrições/ dificuldades) Em quê? Exemplifique.
3. Como percebes a aplicabilidade do projeto de educação continuada oferecido na escola: a) no desempenho do professor; b) na relação de sala de aula; c) no desenvolvimento do conteúdo; d) na preocupação com o aprendizado do aluno – no processo de avaliação; e) nas relações interpessoais professor x aluno e professor x professor?
4. Que sugestões tens para que o projeto possa ser melhorado?

ANEXO C - ENTREVISTA FOCAL APLICADA AOS ALUNOS

1. Como avalias o projeto de educação continuada oferecido pela escola, para o aluno, professor, equipe diretiva, escola como um todo e comunidade?
2. Como percebes o projeto de educação continuada na prática pedagógica dos professores em sala de aula, quanto ao desenvolvimento do conteúdo, a construção de conhecimento, a preocupação com o aprendizado do aluno, no processo de avaliação, no relacionamento interpessoal professor x aluno, professor x professor?
3. Que sugestões tens para que o projeto possa ser melhorado?